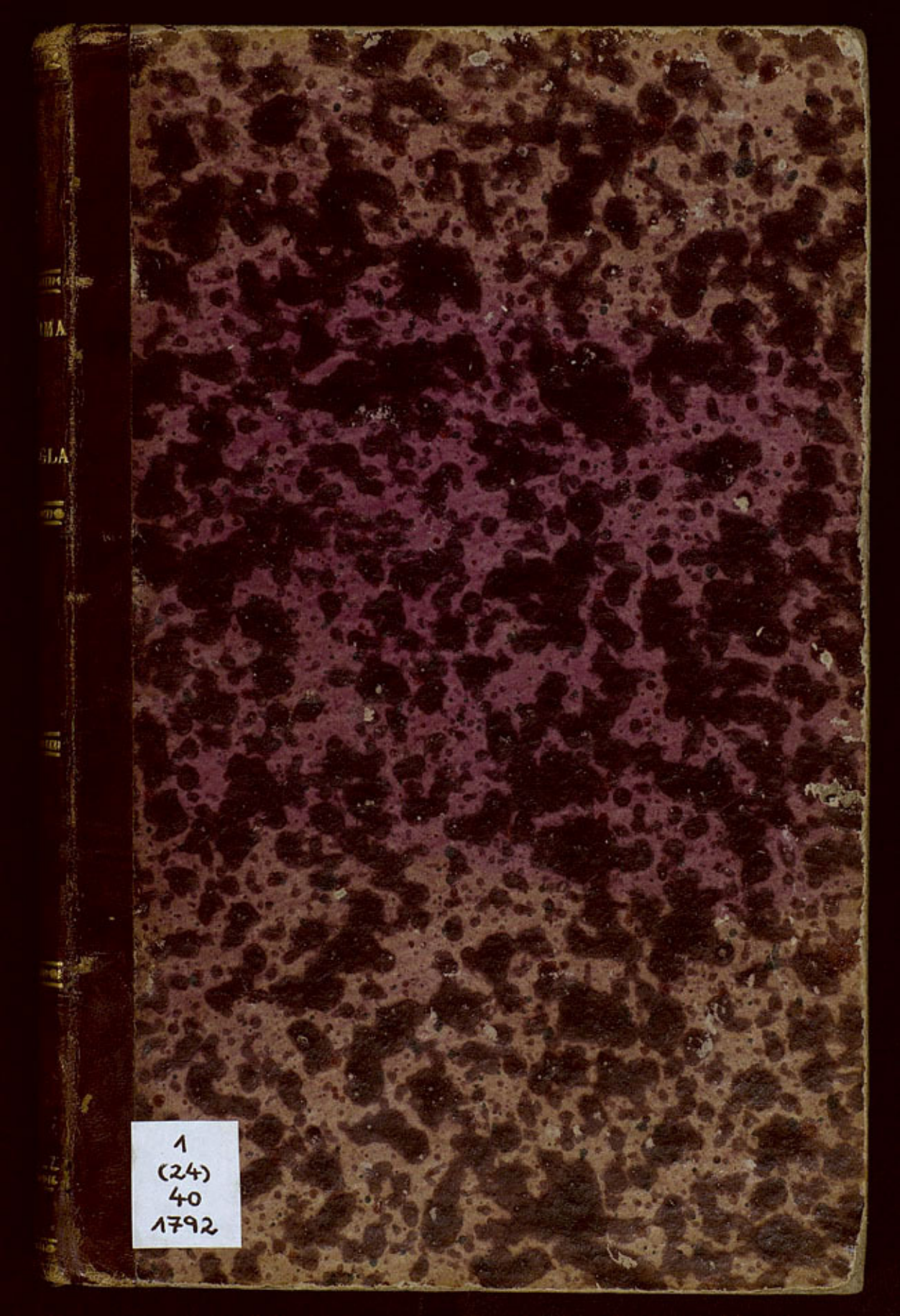

1
(24)
40
1792

Casa 1
Gab. (24)
Est.
Tab. 40
N.° 1792

1
(24)
40
1792

PANORAMA PHOTOGRAPHICO

DE

PORTUGAL

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO DE

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO

E COLLABORADO PELOS EXCELLENTISSIMOS SENHORES

ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO, ANTONIO CANDIDO GONÇALVES CRESPO,
ANTONIO FRANCISCO BARATA, ANTONIO MARIA SEABRA D'ALBUQUERQUE,
AUGUSTO FILIPPE SIMÕES, BERNARDO ANTONIO SERRA DE MIRABEAU,
CANDIDO DE FIGUEIREDO, FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE GUSMÃO,
FRANCISCO IGNACIO DE MIRA, IGNACIO DE VILHENA BARBOSA,
INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA, JOÃO DE SOUSA ARAUJO,
JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA, JOSÉ ALVES DE MARIZ,
JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO, LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA,
MANUEL ANTONIO DA SILVA ROCHA.

Bibliotheca da Universidade
OFFICINA
COIMBRA

VOLUME III

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1873

INDICE

	Pag.
Anhelos (soneto)	52
Antiguidades romanas juncto de Leiria	87
Bibliographia	39, 48, 56, 72, 80, 95
Breve noticia historica da villa de Goes	30, 52
Bussaco (no)	58
Claustro do silencio no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra	65
Convento de S. Domingos e collegio de S. Thomaz em Coimbra	17
Corôa de Castella e Aragão unida á de Portugal em 1475 (numismatica)	60
De como, e por que eu quero á memoria de um principe	86
Descripção de Mira (soneto)	22
Desenfado (poesia)	91
Dor occulta (soneto)	5
Duas palavras sobre um romancista inglez	73
Egreja de Santa Cruz de Coimbra	49
Em frente do seu tumulo (poesia)	6
Epigraphia	92
Epitaphio do bispo de Coimbra D. José Manuel de Lemos	92
Homenagem ao natalicio da ex.ma sr.a D. Anna Candida da Fonseca Braga	11
Janella da casa do capitulo no convento de Christo em Thomar	57
Janella do paço da Pena em Cintra	73
Lição (uma boa)	78
Medalha commemorativa do centenario da reforma da Universidade	23, 96
Monserrate	1
Mort (la) d'Ines de Castro	13
Na Cruz Alta do Bussaco (soneto)	66
Noite (a) da alma	84, 85
Novidade aos amadores de livros portuguezes	7
Numismatica portugueza	45, 60
Paço real da Pena em Cintra	9, 25, 41, 73
Porta principal da egreja de Santa Maria de Belem	81
Portuguezes de ouro (numismatica)	45
Primeiro conto	27, 35, 42
Pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra	89
Relatorio de um monte-pio	12
Reminiscencia (uma) da litteratura romana	94
Sé Velha de Coimbra	33
Segundo conto	66
Trio de Peninsulas	82

PREÇO D'ESTE VOLUME

Para os srs. Assignantes em Portugal .. .. 1$440
No Brasil e outros paizes extrangeiros 2$400 réis em moeda forte.

Escriptorio da redacção, rua do Visconde da Luz, n.º 15, Coimbra.

PANORAMA PHOTOGRAPHICO
DE PORTUGAL

MONSERRATE

Dois poetas notaveis cantaram a serra de Cintra, Byron e Garrett. Eram ambos exilados, mas as suas lyras modulavam sentimentos diversos; este invocava a saudade, aquelle desabafava o *spleen*. E por isso Garrett era mais nobre do que Byron, embora este fosse maior poeta.

O portuguez, serio e digno, saudava a princeza altiva das armadas, o couto da foragida liberdade; Britannia, a flor dos mares, aspirava no seu poema o perfume da poesia, incenso gratissimo queimado no thuribulo da amizade. O inglez não; era sarcastico e invejoso, sarcastico como as feiticeiras do Macbeth, invejoso como o Satan de Milton. Pondo o pé na terra hospitaleira, a musa soprou-lhe insultos, e só viu no povo alliado um bando de escravos, *poor, paltry slaves!*

Mas fallando da formosa Cintra, foi identica a inspiração que dictou os carmes d'ambos. Garrett compara aquelle saudosissimo retiro a uma princeza do oriente exhalando voluptuosos perfumes das longas sedas onde brinca o zephiro. O pensamento embala-se-lhe adormecido com o sussurro das folhas, misturado co'o murmurio das lymphas que se despenham das rocas escarpadas. Sente a existencia arrobar-se-lhe por aquellas grutas frias e fontes gemedoras, ouvindo os suspiros das namoradas selvas e brandas veigas. Todos os seus amores se concentram naquella amena estancia, throno de vicejante primavera.

Cintra para Byron é o Eden, *Cintra's glorious Eden;* confessa-se inferior a tão formoso assumpto, e só o acha digno do cantor do *Paradise lost*. Seus traços são curtos mas energicos, seus versos graciosissimos; aquellas estrophes semelham naturalmente nitidas miniaturas, onde o pincel foi delicado e mais delicado ainda o ingenho que as concebeu. Aqui memora o valle profundo e a collina verdejante, alli o monte escabroso. Cresce a altura da fraga, e as graças crescem com os variados panoramas; em frente o cariz do mar sereno, alem o oiro da laranja casado com a esmeralda da folhagem, a videira atapetando a encosta, a torrente ca-

briolando pelas rochas, á beira do arroio o salgueiro acariciado pela aragem. E alem de tudo isto os castellos roqueiros, os palacios, os conventos, estas variadas casas que á animação luxuriante da natureza accrescentam a vida e animação do homem.

É então que elle falla de Vathek:

> There thou too, Vathek! England's wealthiest son,
> Once form'd thy Paradise.....

O sr. Alberto Telles traduziu assim estes versos: «Alli tambem tu, Vathek, opulento inglez, fizeste outr'ora o teu paraiso.» E num pequeno artigo, inserto no *Instituto,* vol. XV, n. 3, e reproduzido no n.° 5 do jornal *Artes e Letras,* nos diz que este *Vathek* é o cavalheiro William Beckford, auctor do poema oriental assim intitulado, e o seu *paraiso* a quinta de Monserrate. Este Beckford é o protogonista do romance de Rebello da Silva, *Lagrimas e Thesouros,* e a sua quinta, depois de muitas alterações e vicissitudes, está convertida hoje em verdadeiro eden, e a sua casa em mansão de fadas. D'ella vemos o portico e terraço do oriente na photographia d'este numero, tirada d'um *cliché* do sr. Carlos Relvas.

O sr. Visconde de Juromenha descreve esta quinta como era em 1839, anno em que imprimiu o seu estimavel livro *Cintra Pinturesca;* e o sr. Thomaz of Ercildoune a canta no seu poema lyrico *Fairylife and Fairyland,* edição de 1870. Em prosa e verso corre ella o mundo litterario, e não são exaggerados os gabos que lhe tecem. O *Archivo Pittoresco* tambem publicou as estampas da casa e jardins antigos (do tempo de Beckford), e egualmente os modernos, pertencentes ao sr. Visconde de Monserrate.

Tomamos do livro do sr. Visconde de Juromenha a seguinte descripção da casa antiga:

«Aqui em um pequeno monte despegado, que se avança como atalaia do resto das ondulações da serra, estão as ruinas d'uma casa de campo, imitando um castello antigo. Foi edificada esta casa por um inglez chamado Beckford, inda ha poucos annos, de sorte que por vicio de construcção e não pela sua muita antiguidade está em ruinas. Qual flor requeimada por vento pestifero na viçosa edade da sua vegetação, ainda nestas estragadas ruinas sobresahe a formosura e brilho do seu tempo de gloria. Uma bella lameda de arvores nos conduz á casa cercada d'uma gradaria de ferro de tres pés de altura, cingindo-lhe as paredes cedros, que, sombreando-a, lhe não roubam (pela boa disposição em que estão collocados) os lindos pontos de optica que desfructa, tanto para o lado da serra de que é dominada, como para a parte do mar e valle de Collares. A primeira torre era destinada para os quartos

de cama, seguindo-se em baixo casa de jantar, etc.; a outra torre consistia em uma bella sala de musica de forma redonda, communicando com outras, tudo no melhor gosto e distribuição. Tinha a casa duas entradas principaes, que se dirigiam a um vestibulo em octogono, que partia para os differentes ramos do edificio. Os aposentos para os creados, cocheira e cavalharices formam outro corpo de edificio ao lado do caminho que conduz á casa. Os apriscos, abegoaria, e casa de caseiro são feitas com egual esmero de gosto, buscando a arte meios de embellezamento na sua simples e rustica architectura.»

E em seguida accrescenta a respeito da quinta, como era no mesmo tempo:

«Consistia a quinta de um bello bosque de antigos carvalhos, que vinham terminar juncto á casa em um pomar de larangeiras e tangerinas. Na encosta sobranceira ao valle, onde está assentado este pomar, se vê uma cascata de enormes calháos que para alli foram conduzidos expressamente, esforçando-se por este modo com tanto trabalho o artificio humano em imitar a simplicidade das bellezas da natureza, sempre majestosa e bella nas obras da sua creação; toma esta repreza as aguas que no inverno e principios da primavera descem do alto da serra, e formam uma cataracta, que se despenha por um leito pedregoso, que forma a parte mais baixa do valle d'esta mata.»

Da casa e quinta modernas diz no *Archivo Pittoresco* a erudita penna do sr. I. de Vilhena Barbosa o seguinte:

«Finalmente, ao cabo de longo e completo abandono, foi subrogado ao sr. Francisco Cook, subdito britannico, pelo sr. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, que então o possuia.»

«O palacio, sacudindo de si o pó das ruinas, tomou uma fórma mais nobre e esbelta. Enfeitou-se por fóra com columnas de marmore, com janellas gothicas de variados relevos, e com graciosas cupulas. Adornou-se por dentro com muita variedade de marmores finissimos, entre os quaes sobresahem magnificas columnas de porfido; com estuques e pinturas mui ricas; com lindos sobrados de madeiras diversas embutidas; formando mui bonitos desenhos; com moveis, alfaias e obras de arte de subido custo e bom gosto, dos tempos antigos e modernos.»

«A quinta tambem passou por egual transformação. A numerosissima collecção de plantas exoticas e raras que encerra, umas admiraveis pela belleza das flores, outras singulares pela exquisita folhagem; a abundancia e frescura das aguas; a arte e bom gosto que presidiram á abertura das ruas, á disposição das plantas, e á direcção dos mananciaes, auxiliados por aquelle benigno

clima, por aquella natureza tão potente, que empresta alli á vegetação o brilho e pompas que a dos tropicos ostenta; tantas galas e encantos, realçados ainda mais pela formosura da situação, parecem realisar essas vivendas de fadas, creação phantastica dos poetas nos arrojados vôos da sua ardente imaginação.»

Ainda não ha muito tempo que o jornal inglez *Daily Telegraph* publicava um artigo *humoristico*, datado de Cintra e relativo a Portugal e a portuguezes, o qual foi traduzido pelo *Diario Illustrado* de Lisboa. Já se vê que, sendo inglez, o escripto não nos é benigno, e as suas apreciações são exaggeradamente injustas. E aventa um ou outro juizo tão disparatado, que o sorriso accode involuntario á flor dos labios, não secco e amarello como o sorriso britannico, mas franco e jovial como a hilaridade portugueza.

Ora, quando tracta de Monserrate, o filho da nobre Albion acha o palacio insipido, apezar de pertencer a um seu compatriota, o qual, naturalmente por viver em Portugal, lhe não merece muita urbanidade; e diz que «no sitio onde estava a casa de Beckford, que cahira em ruinas, edificou elle (o dono actual) uma especie de pagode chinez muito feio.» Mas em quanto á quinta acerescenta ingenuamente que «os jardins que rodeiam este edificio (*o feio pagode chinez*, de que se observa parte na nossa estampa) são os mais bellos que haja possibilidade de imaginar.»

Noutro logar assevera que «Cintra fôra inventada por Beckford e bem *trabalhada* por Byron, que a comparou aos jardins do Eden.» E logo adeante diz-nos maravilhas da terra *inventada* pelo auctor do *Vathek* e *trabalhada* pelo poeta do *Childe Harold*.

Entre outras finezas ouçamos estas, que são muito significativas: «Neste abençoado torrão floresce egualmente bem a vegetação temperada e tropical. Estão lado a lado o carvalho e a palmeira, sobreiros gigantescos a par do limoeiro e da larangeira. As magnolias são do tamanho de pinheiros pequenos, as sebes compõem-se de cactos e aloes com os geraniuns silvestres a crescerem-lhes de permeio. O clima é delicioso. O thermometro ainda no meio do verão rara vez sobe de 75°.»

Ora é mister confessar que quando a penna, molhada no fel da acrimonia, nos traça d'estes quadros, não pode Cintra deixar de ser o *Eden* de Byron e a *voluptuosa princeza* do Garrett. Justificada fica a saudade que repassava os seios d'alma do poeta do *Camões;* entende-se bem o seu delicioso pungir d'acerbo espinho, aquella dor que tem prazeres com as reminiscencias da patria.

E Byron?! O altivo lord, que só via no solo lusitano uma roça de escravos, esquecia momentaneamente o seu despeito inglez, enlevado com a poesia da formosa serra! As nevoas da soberba desfaziam-se-lhe então com o brilho do ceu azul, evaporavam-se-lhe

com o calor do sol benefico. Era um grande poeta o cantor do *Manfredo,* e na sua patria, na terra glacial dos nevoeiros e das fumaradas do carvão de pedra asphixiava-se-lhe o espirito, doente com a humidade da neblina. Exclamava então que «a sua alma estava sempre de véla, mas que fechava os olhos para ver o seu interior.»

> ..... in my heart
> There is a vigil, and these eyes but close
> To look within.....

Aquelle genio sublime necessitava com razão emparedar-se no sacrario intimo da alma em paiz tão avesso ao ideal da poesia. Mas quando entrava a foz do Tejo, e via a cidade a remirar-se nos crystaes do rio, como a odalisca no perfumado banho, resurgia-lhe o espirito livre e desafogado, sorvendo com avidez o nectar da inspiração nas coroas dos nossos montes e nos tapetes dos nossos valles. Na sua peregrinação a musa de Byron tornava-se majestosa como Homero na Grecia e no Oriente, amavel como Virgilio na Italia, mas só graciosa como Theocrito em Portugal.

Terminemos porem; as bellezas de Cintra pedem penna melhor, e a melhor penna será sempre inferior ao seu assumpto.

A. A. da Fonseca Pinto.

DOR OCCULTA

H. Heine

Disseram-te de mim feios horrores,
De imaginarias culpas me crivaram;
Mas sobre as minhas lastimosas dores
Um negro veu lançaram.

Deram-se grandes ares sacudindo
Com modo grave e serio a fronte: ao cabo...
—E acreditaste-o tu, meu anjo lindo!—
Chamaram-me o diabo!

O que ha de mais escuro e de mais feio
Na minha vida ignoram-n'o os sandeus:
Tão occulto este amor vive em meu seio,
Ó luz dos olhos meus!

G. Crespo.

EM FRENTE DO SEU TUMULO

No tempo em que eu te via,
O sol p'ra mim raiava;
E férvida alegria
Minha alma dominava!

Então tudo era bello
Aos pobres olhos meus;
O céu me abria as portas
Quando fitava os teus.

O dia era mais lucido,
A noite mais amena;
Não me agitava o peito
Nenhuma cruel pena.

Oh! como então gozava
Celestial ventura,
Ouvindo a melodia
Da tua voz tão pura!

Então era feliz:
Cingia-me o esplendor
Do teu suave olhar,
Do teu suave amor!

Mas eis que de repente
Desfaz-se esta miragem,
Deixando-me só n'alma
A tua doce imagem.

Pois soffrerei eu mais
Nesta pungente cruz?
Pois pode assim viver-se
Sem fé, sem ar, sem luz?

Desfez-se tudo quanto
Havia para mim
De mais sagrado e sancto...
O que me resta em fim?!...

Vivendo em densas trevas,
Não tenho luz, nem Deus;
Fugiu-me o teu amor,
Não vejo os olhos teus!

Na gelida mortalha
Que cinge esse teu vulto
Foi presa a minha vida,
E o meu mais firme culto.

Assim neste martyrio,
Da angustia e dor no cumulo,
Ai, pesa-me no peito
A pedra d'esse tumulo!

A sorte, na minha alma,
Cavou-me sem piedade
Um negrejante abysmo
De magoa e de saudade.

Nas taboas d'esse esquife,
Aonde estás prostrada,
Eu quero a ti unir-me
N'essa final morada.

E para mim tu eras,
Oh açucena qu'rida,
A minha esp'rança immensa,
O Deus da minha crença,
E o sol da minha vida!

Sousa Araujo.

NOVIDADE AOS AMADORES DE LIVROS PORTUGUEZES

Quando em 1860 dei á luz o tomo IV do *Diccionario bibliographico portuguez*, no artigo *D. José Barbosa* tive occasião de manifestar tal qual estranheza a proposito do total desapparecimento de uma obra importante, que o irmão Diogo Barbosa attribue ao sabio theatino, e que este por encargo do seu officio de chronista compuzera. Eram as *Vidas dos cinco primeiros Duques de Bragança* em dous tomos de folio, dos quaes o primeiro se affirma estar todo impresso, bem como parte do segundo, e cujos exemplares pereceram de todo consumidos no incendio subsequente ao terramoto de 1755. Custava-me a crer como do volume impresso tempos, e talvez annos antes do fatal successo não tivessem já sahido da typographia por qualquer maneira algum ou alguns exemplares, que, espalhados por mãos diversas e escapos ao desastre, chegassem até nós, para attestar quando menos a existencia da obra, e remover as duvidas, que nestes pontos não sem causa se levantam muitas vezes em animos desconfiados!....

E de feito são ainda decorridos doze annos, sem que até agora, nem dos poucos que entre nós se dão a estudos bibliographicos, nem dos que por gosto ou mania especial capricham em amontoar livros velhos, me conste que algum se accusasse de haver visto e menos de possuir exemplar da obra de que se tracta.

Cabe-me pois ainda d'esta vez a fortuna (se o é) de merecer as alviçaras. Tenho em meu poder impressas as paginas I a VIII da introducção ao tomo I das *Vidas dos Duques de Bragança*. Deparou-m'-as ha poucos mezes o acaso, achadas em uma loja de mercearia entre uma multidão de outros impressos e de papeis, tidos em conta de inuteis, e já sentenciados a servir para embrulhos. Bem pode ser que esse mesmo fim tivesse levado o resto do exemplar a que estas folhas pertenceram. É assim que a ignorancia desleixada e incuriosa ha dado cabo de não poucos livros raros e de valia, cuja perda irrecuperavel lamentam os estudiosos.

Seja como for, tive de contentar-me com salvar aquella reliquia, que conservarei já agora com o devido apreço. Por ella não só se adquire a innegavel certeza de haver sido impressa a obra, mas tambem pode avaliar-se a luxuosa magnificencia que presidiu á edição. É esta feita no antigo papel chamado de Hollanda, e de grandes dimensões, tendo a folha 43 centimetros de altura sobre 28 ditos de largura. O quadro da composição mede em

cada pagina 31 centimetros de alto por 16 $^1/_2$ de largo. A introducção tem 42 linhas por pagina, e os characteres typographicos são de tres milimetros de altura. Nestas oito paginas começa o auctor descrevendo a origem da casa de Bragança; dá noticia das suas prerogativas e privilegios, etc. etc. É de crer que toda a obra tenha sido escripta com a erudição e critica proprias de seu auctor, para ella tanto mais habilitado, quanto é certo que a sua qualidade de chronista lhe dava facil e necessario ingresso no respectivo cartorio, hoje tambem perdido irremediavelmente por effeitos do terramoto.

Dos seis retratos que deviam acompanhar as *Vidas dos Duques*, desenhados pelo florentino Carlos Antonio Leoni, e aos quaes allude a nota a pagina 467 do citado tomo IV do *Diccionario*, possuo tambem hoje a collecção completa, que difficilmente se encontra.

Possa esta simples noticia, traçada ao correr da penna, acclarar de algum modo este confuso ponto bibliographico, servindo quando menos de incentivo a quem por ventura possuir inteiro o livro para dar d'elle ao publico mais amplo conhecimento, em graça dos que ainda por estas cousas tomam algum interesse.

Lisboa, 4 de janeiro de 1873.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

Panorama Photographico de Portugal

Preço de cada numero, tanto em Coimbra, como para fora estampilhado 120 réis.

Só se admittem assignaturas para 12 numeros (um volume), e pagando-se 6 adiantadamente no principio de cada semestre.

Para o Brazil e para outros paizes estrangeiros custará cada numero estampilhado 200 réis fortes em moeda portugueza, e só se admittem assignaturas para 12 numeros (um volume), e pagando-se adiantadamente a totalidade da sua importancia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal Augusto Mendes Simões de Castro, rua do Visconde da Luz, n.º 15, Coimbra.

PAÇO REAL DA PENA EM CINTRA

I

O magnifico e formoso palacio de Nossa Senhora da Pena campêa senhorilmente, sentado em um dos mais altos pincaros da serra de Cintra. Rico de tradições pias e historicas, não é menos opulento de galas e primores d'arte.

Em tempos mui remotos appareceu naquella crista alcantilada da serra, meio occulta entre as fragas, uma imagem de pedra da Virgem Maria. A devoção dos povos em derredor brevemente converteu aquelle pinaculo inhospito em logar de contínuas romagens. Mãos piedosas logo ahi edificaram uma ermidinha, sobre throno de rochas, onde fosse venerada a sancta imagem, que principiaram a invocar com o nome de *Nossa Senhora da Penha*, por ter apparecido nas fendas de uma penha gigantesca, invocação, que no correr dos seculos se abreviou na de *Pena*.

Prendiam-se áquella ermida memorias dos nossos mais notaveis monarchas da dynastia d'Aviz. Desde el-rei D. João I até el-rei D. Manuel fôra a ermida visitada a miudo pelos soberanos de Portugal, indo levar á sagrada imagem o preito de suas orações, e grossos tributos da generosidade regia.

El-rei D. João II e sua esposa, a rainha D. Leonor, quando subita desgraça lhes arrebatou o filho querido, foram desafogar a sua dor, entre lagrimas e preces, em profunda solidão, primeiramente no convento do Varatojo, e depois na ermidinha de N. Senhora da Penha. E mais tarde, em 1493, ahi foram passar onze dias, em actos de devoção, pernoitando, e as pessoas da sua comitiva, na sacristia da ermida e em barracas que armaram para esse fim.

El-rei D. Manuel, que muitas vezes se prostrara aos pés da Virgem da Penha, implorando a sua intercessão para que tivesse feliz exito a empresa que commettera a Vasco da Gama, não dando por desobrigada a sua gratidão com o sumptuoso mosteiro, que principiava a edificar junto ao Tejo, commemorando o descobrimento da India, e em agradecimento á Mãe de Deus, sob o titulo de N. Senhora de Belem, resolveu transformar a pobre ermida da serra de Cintra em um mosteiro de monges de S. Jeronymo, onde a Senhora apparecida tivesse culto diario e mais digno.

A fogo e picão se fez campo para a edificação do mosteiro. Primeiro construiu-se um conventinho de madeira, que durou oito annos, ao cabo dos quaes se lançaram os fundamentos a outro de cantaria. Aquelle teve começo em 1503, e este em 1511.

Resolveu o architecto um problema d'arte, traçando a planta

de um mosteiro, accommodado a tal estreiteza de logar. Compunha-se o edificio de templo, sacristia, claustro, tres dormitorios com 18 cellas, refeitorio e mais officinas necessarias a um convento, construido tudo segundo aquelle estylo esbelto e brincado, que serviu de ponto de transição da architectura gothica para a do renascimento, e que nós, os portuguezes, denominamos estylo manuelino, por começar e acabar em Portugal no reinado de D. Manuel.

Apezar de se erguer sobre alta penedia, não ficou o convento sem a sua cerca de horta e pomares, parte descendo pelo dorso do serro, parte como que suspensa dos rochedos, para o meio dos quaes se levou a terra.

Ora escondendo-se entre as nuvens, que vêm amiudadas vezes pousar sobre a montanha, involvendo-lhe as cumiadas em seu manto espesso e humido; ora dominando, desafrontadamente, immensa extensão de terra, de mar e de rio, perseverou o mosteiro, sempre habitado dos monges de S. Jeronymo, até á extincção das ordens religiosas em 1834.

Havia quatro annos que estava solitario, abandonado e ameaçando cahir em ruinas, quando um soberano, amante desvelado das artes e do paiz, estendeu sobre elle mão protectora. Sendo posto em praça em 1838, como bens nacionaes, foi comprado por S. M. el-rei o sr. D. Fernando. Não se limitou o esclarecido principe a proteger o venerando monumento contra as injurias do tempo e as devastações dos homens. Primeiramente remoçou-o, reedificando o que nelle se achava arruinado pelo terremoto de 1755; reformando-o e alindando-o em todas as suas partes, sem lhe alterar as feições primitivas.

O mosteiro gothico da Pena despiu-se então da simplicidade monastica para trajar as galas do seculo; deixou a divisa dos filhos de S. Jeronymo para se ataviar com o brazão d'armas de Portugal e Coburgo; trocou os seus dormitorios e estreitas cellas por espaçosas salas; e mudou o nome humilde de habitação de monges no titulo pomposo de paço real.

Depois o augusto restaurador do monumento manuelino accrescentou ás antigas obras outras novas e muito mais esplendidas. A par do velho edificio rejuvenescido levantou-se, como por effeito de condão magico, um soberbo e formosissimo palacio, uma verdadeira mansão de fadas. E uma grande extensão da serra, em volta do paço, adquirida em diversas occasiões pelo real fundador, foi transformada em um magnifico parque, a cuja traça e plantação tem presidido o mais apurado gosto.

Na photographia d'este numero, tirada d'um *cliché* do sr. Carlos Relvas, vê-se representada a fachada nobre do palacio.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

HOMENAGEM

NO NATALICIO DA EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. ANNA CANDIDA DA FONSECA BRAGA

POR SUA FILHA

MARGARIDA AUREA

Mamã, é hoje o dia
Dos annos teus; consente
Que eu venha alegremente
Trazer-te esta lembrança,
Lembrança que traduz,
Lembrança que resume
O lucido perfume
De uma alma de criança.

As aves têm o ninho,
Os astros têm a luz,
O mundo tem Jesus,
O ramo tem a flor.
Eu tenho tudo isso,
A flor, a luz e Deus,
Dentro dos olhos teus,
Dentro do teu amor.

Permitta Deus, Senhora,
Que eu possa, e que consiga,
Que a tua voz amiga,
Benção que vem dos ceus,
Me guie, e me console
Na estrada transitoria,
Que nos conduz á gloria,
Que nos conduz a Deus.

Porto, 14 de Fevereiro de 1873.

O RELATORIO D'UM MONTE-PIO

Os homens endinheirados, potencias monetarias, aristocracia da fortuna, não necessitam de pensar nos modestos monte-pios, que a previdencia de pobres operarios — de diversas classes — constitue e mantém para soccorro na doença, na decrepitude, ou em beneficio de creaturas infelizes que lhes sobrevivem.

Não succede assim áquelles que jámais podem pertencer a assembléas ou direcções de bancos, de companhias, de associações poderosas, que, pela natureza das cousas, só admittem no seu seio a riqueza e a opulencia.

Eu, que pertenço á turma desvalida, leio sempre com interesse os relatorios das direcções dos monte-pios, e alegro-me quando vejo signaes de prosperidade nesses estabelecimentos, quando se me deparam mostras de zelo e perseverança nos socios que successivamente são chamados á governação d'essas republicas abençoadas.

Mas o que eu não antevia encontrar no relatorio de um monte-pio era uma exposição eloquente, maviosa, ternissima, qual a que estou lendo no do *Monte-Pio da Imprensa da Universidade, relativo ao anno de 1871-1872.*

E não se agastem comigo os que hão escripto relatorios de tal natureza. Seria eu a primeira victima, se intentasse censurar o teor familiar, a phrase administrativa, e terra terra, que de ordinario empregamos em trabalhos taes.

Louvo a regra geral; mas enthusiasmo-me com a excepção feliz.

E já que não posso citar tudo, transcreverei aqui uma breve passagem, não só para justificação do conceito que exprimo, senão tambem para incitar a curiosidade á leitura do original no seu todo:

«Porque esta Associação, Senhores, não nos subministra sómente auxilio para as agruras temporarias da vida, mas é tambem esteio firme para os padecimentos prolongados; é o amparo dos invalidos, o bordão da decrepitude.»

Reprimo aqui o coração, que ordenava á minha penna a transcripção de outros muitos trechos, qual d'elles mais tocante, qual d'elles mais eloquente e suave.

Lêde o recommendavel escripto, e desde já vos felicito pelo prazer que a sua leitura vos ha de proporcionar.

José Silvestre Ribeiro.

LA MORT D'INES DE CASTRO (1)

Tu vivais, belle Ines, et tranquille, et contente,
Tu cueillais les doux fruits d'un âge où tout enchante,
Dans cette erreur de l'âme, et ce calme trompeur,
Dont le sort vint bientôt t'arracher la faveur.
Aux bords du Mondégo sereins et pleins de charmes,
Que tes beaux yeux toujours mouillaient de quelques larmes,
Aux monts, aux prés, aux bois, à la plus tendre fleur,
Tu répétais le nom le plus cher à ton coeur.
Pèdre était loin de toi, mais te voyait sans cesse,
Du plus doux souvenir il payait ta tendresse.
La nuit, d'un songe heureux la séduisante erreur,
Enivrait ses esprits, t'offrait à son ardeur:
Le jour, ses tendres voeux, ses soupirs, ses pensées,
Volaient jusques à toi sur l'aile des idées.
Objets, songes, désirs, tout porte dans son coeur
L'empreinte de la joie, et l'attrait du bonheur.
Ce prince fuit l'hymen, et l'espoir des caresses
Des plus touchants objets, des plus belles princesses.
Vaincu d'un doux regard, d'un chaste amour épris,
Ce qui n'est pas Ines n'obtient que ses mépris.
Mais cet étrange amour alarme enfin son père:

(1) O sr. Visconde de Juromenha no 1.º volume da sua edição das *Obras de Luiz de Camões*, tractando das traducções francezas dos *Lusiadas*, menciona tambem a dos episodios de *Ignez de Castro* e do *Adamastor* por Sulpice Gaubier de Barrault, que, por equivoco typographico naturalmente, dá por impressa em Lisboa em 1735, por quanto o seu titulo é o seguinte: *La mort d'Ines de Castro; et Adamastor: morceaux tirés et traduits de la Luziade de Camõens; pour servir d'Essai à une Traduction Française en vers et complète de ce fameux poëme portuguais, ouvrage dédié et présenté au roi le 6 de juin* MDCCLXXII, *jour anniversaire de la naissance de sa majesté, par Sulpice Gaubier de Barrault, major de place de Lisbonne. A Lisbonne, de l'imprimerie royale.*

A respeito d'ella diz o seguinte:

«A traducção do episodio de D. Ignez de Castro em versos alexandrinos, e a do Adamastor em oitava rima, ambas precedidas d'uma dedicatoria ao rei.

«O auctor se propunha a traduzir o poema por inteiro, como declara na dedicatoria. Thomás d'Aquino elogia muito esta traducção, e diz que se imprimiram muito poucos exemplares, sendo por isso de summa raridade, conservando-se apenas um ou outro em poder de algum curioso.»

Como realmente é rarissima esta obra, prestamos bom serviço aos leitores d'este jornal reproduzindo estas traducções, que são de merecimento. Hoje damos a do episodio de *Ignez de Castro*, que elle intitula: *La mort d'Ines de Castro, morceau traduit de Camõens, et tiré du troisième chant de son poëme de la Luziade, depuis la* 120.e *octave jusqu'à la* 138.e *inclusivement.*

Ce viellard circonspect pèse, en juge sévère,
Le murmure du peuple, et le goût dangereux,
Qui, maîtrisant son fils, l'éloigne d'autres noeuds.
Pour arracher ce prince au piège qui l'arrête,
Le roi condamne Ines, et, proscrivant sa tête,
Croit noyer dans un sang, qu'il verse indignement,
Du plus fidèle amour le feu le plus ardent.
O fureur! fallait-il que ce fer invincible,
Qui fit mordre la poudre à l'afriquain terrible,
Vit souiller son triomphe en portant le trépas
Dans le sein délicat d'un objet plein d'appas!
D'horribles meurtriers une troupe farouche
La traîne aux pieds du roi; ce spectacle le touche...
Mais le peuple, qu'aveugle un féroce transport,
La poursuit à grands cris, et demande sa mort.
On entendait d'Ines les accents lamentables,
Qui cherchaient à fléchir des coeurs impitoyables.
Moins sensibles à ses maux, à ses beaux jours ravis,
Qu'aux douleurs de son prince, et qu'au sort de ses fils,
Elle élévait au ciel ses yeux remplis de larmes,
De ses derniers moments seules et faibles armes:
Tandis que lâchement un de ses assassins
D'un infame lien deshonorait ses mains:
Puis, baissant ses regards, sa tendresse envisage
Ses enfants, de l'amour et le fruit et l'image;
Et pour ses orphelins craignant de nouveaux maux,
A leur aïeul cruel elle adresse ces mots:
«Entre ces animaux féroces par nature,
«Qui du carnage seul tirent leur nouriture;
«Et parmi ces oiseaux de rapine et de sang,
«Qui, fondant sur leur proie, en déchirent le flanc,
«De malhereux enfants proscrits dès leur naissance
«Ont trouvé la pitié, des secours, l'existence.
«(Ainsi Sémiramis vit ses jours conservés,
«Rome, tes fondateurs ainsi furent sauvés.)
«O toi! qui des humains portes la ressemblance;
«Si c'est l'être en effet d'assouvir sa vengeance,
«D'abuser sans remords d'un pouvoir inhumain,
«D'outrager la nature, et de tremper sa main
«Dans le sang d'une femme, innocente victime,
«Sans force, sans secours, et qui n'a d'autre crime
«Que d'avoir captivé la tendresse d'un coeur,
«Qui du sien, jeune encor, fut l'unique vainqueur:
«Alphonse, vois mes fils, respecte leur enfance;

«Si ma fatale mort, mon rang, ni ma naissance,
«Ne peuvent t'émouvoir en ma propre faveur,
«Ne les entraine pas du moins dans mon malheur:
«Suspend ce fer, ces feux, qui, justes dans la guerre,
«Sur le superbe maure ont servi ta colère;
«Écoute la clémence, et conserve des jours,
«Qui n'ont pas mérité que tu tranches leur cours.
«Ne sois pas inflexible. Ah! si mon innocence
«Pouvait prendre en ton coeur un moment ma défense,
«Si la pitié pouvait t'arracher un regret;
«D'un exil éternel prononce-moi l'arrêt,
«Aux glaçons de Scythie, aux sables de Lybie,
«Dans des pleurs eternels j'irai traîner ma vie.
«Choisis quelque désert affreux, inhabité,
«Théatre de carnage et de férocité:
«Là, toute à mon amour, à cet amour extrême,
«Qui, quand je perds le jour, survit à la mort même;
«Mes mains éléveront ces restes précieux,
«Ces tendres innocents... Vois leurs traits... Vois leurs yeux...
«Ce regard qui te dit que ton fils est leur père...
«Eux seuls consoleront leur misérable mère:
«Les tigres, les lions nous seront moins cruels
«Que les coeurs endurcis des barbares mortels.
Le Monarque attendri penchait vers la clémence,
Il allait révoquer la fatale sentence:
Un peuple opiniâtre et le destin d'Ines
S'acharnent à sa perte, et hâtent les forfaits.
Ainsi le sort le veut, et la troupe complice,
Couvrant son attentat du faux nom de justice,
Faisant briller le fer, que guide la fureur,
Sent un rage injuste, et croit servir l'honneur.
Telle autrefois l'aimable et jeune Polixène,
D'une mère mourante et l'espoir et la peine,
Quand Pyrrhus la trainait le poignard á la main,
Fixait sa tendre mère, avec cet air serein
D'une jeune brebis, qu'on méne au sacrifice,
Découvrait son beau sein, et s'offrait au supplice:
Telle Ines présentait aux bourreaux de ses jours
Cette tête charmante, ouvrage des amours:
Cette tête, où depuis, et malgré la mort même,
La vengeance et l'amour mirent le diadême.
'A l'aspect des poignards retirés de son flanc,
Arrosés de ses pleurs, et baignés de son sang,
Ces monstres, s'acharnant encor sur leur victime,

Bravaient les châtiments réservés à leur crime.
O soleil! tu devais dans cet horrible jour
Priver de tes rayons ce coupable séjour;
Ainsi que tu le fis dans ce moment funeste,
Quand Atrée insultant à son frère Thyeste,
Fit servir à ce roi crédule et malhereux
Les membres de son fils dans un festin affreux.
Pèdre... est le dernier cri que jéte Ines mourante.
Echos! vous le savez, et lors qu'à cette amante,
Éteinte par la mort, la voix se refusait,
Sur ses lèvres encor ce nom cher palpitait.
Telle la fleur des champs, dont la jeune bergère
S'empresse de former sa couronne légère,
Coupée avant le temps se flétrit sous sa main,
Perd son éclat brillant, et son parfum divin:
Telle est cette beauté ravie à la lumière;
Les voiles de la mort ont couvert sa paupière,
Sa pâleur a terni l'albâtre de son sein,
Et son souffle a séché les roses de son tein.
Nymphes du Mondégo, des larmes les plus tendres
Vos tristes yeux longtemps ont arrosé ses cendres;
Et pour éterniser vos profondes douleurs,
L'amour même en fontaine a transformé vos pleurs.
Le nom d'Amours d'Ines, qu'elle conserve encore,
Lui fut donné par vous, qui les vîtes eclôre:
Et vous dites sans cesse en regardant son cours:
Nos larmes sont ses eaux, et son nom les amours.

Panorama Photographico de Portugal

Preço de cada numero, tanto em Coimbra, como para fora estampilhado 120 réis.

Só se admittem assignaturas para 12 numeros (um volume), e pagando-se 6 adiantadamente no principio de cada semestre.

Para o Brazil e para outros paizes estrangeiros custará cada numero estampilhado 200 réis fortes em moeda portugueza, e só se admittem assignaturas para 12 numeros (um volume), e pagando-se adiantadamente a totalidade da sua importancia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal Augusto Mendes Simões de Castro, rua do Visconde da Luz, n.º 15, Coimbra.

O CONVENTO DE S. DOMINGOS E O COLLEGIO DE S. THOMAZ EM COIMBRA

Grande destruidor de edificios nobres tem sido o Mondego. A quem vê o rio no verão, tão pobre de aguas, tão humilde, quasi perdendo-se nas areias, custa a acreditar a furia e arrogancia que ostenta no inverno, e os prejuizos que causa com suas grandes inundações. Forma um perfeito contraste nas duas epochas do anno:

... no verão sereno e brando,
Turvo no inverno, bravo e dissoluto. (1)

Na estação invernosa altera completamente a physionomia, que tão risonha e encantadora nos apresenta na mais bella das estações. Então não é o rio, que enamorado da cidade

... com licor eterno
Os fortes muros beija, e a dourada
Margem regando com saudosa veia,
Cérca de cristal puro ilhas de areia. (2)

Então, Coimbra, o teu Mondego não é o que

D'amor vencido vem beijar-te as plantas,
E de teus mimos preso a custo arrasta
Em torno a pura preguiçosa limpha. (3)

Não é o rio cantado com tanto enthusiasmo por A. de Serpa:

A limpha d'esse rio
Que corre d'alva prata
para o mar
Por tardes lá do estio,
Que imagens que retrata
De encantar!
.....
Os languidos salgueiros
Se curvam graciosos
Sobre as aguas
.....

Não é o rio que

Em fios de prata lisa
Vai murmurando co'a brisa
Doce canto festival. (4)

Nada d'isto. Na estação das chuvas é mar encapellado, alte-

(1) Vasco Mousinho de Quebedo.
(2) Gabriel Pereira de Castro.
(3) Couto Monteiro.
(4) A. A. F. P.

roso, revolto, insoffrido; aggredindo com insensata furia e colera desmedida as margens, os campos e a cidade; submergindo a ponte, que apenas deixa ver os postes do telegrapho, similhando os mastros de enorme navio afundido; arrastando em sua corrente impetuosa os animaes e instrumentos de lavoura, as arvores que derruba pela raiz, as azenhas, os tapumes, tudo emfim que se atreve a disputar-lhe o passo.

Entra descortez e hostil pela cidade; transforma-lhe as ruas do bairro baixo em outros tantos canaes profundos; invade os domicilios dos habitantes, e, alagando-lhes os armazens e as officinas do trabalho, paralysa a industria e o commercio; arruina seus edificios, e atreve-se até a penetrar nos templos, não respeitando a immunidade dos mortos, nem ainda o tumulo do fundador da monarchia, que orgulhoso chega a insultar.

Agora não conhece leito, espraia-se impetuosamente pelas planicies marginaes, afoga as cearas, escava ou esterilisa com arcias os terrenos mais mimosos; quasi que submerge os pomares, deixando apenas ver fóra das suas revoltas aguas as extremidades das larangeiras, que semelham archipelagos de pequenos ilheus no meio d'este oceano immenso e furioso; não ha muros ou supportes que resistam á sua impetuosidade.

Agora é o rio, do qual disse Antonio Ferreira:

> Vês o rio que vai de monte a monte
> Carregado de roubos e queixumes,
> Que ora ameaça, ora não soffre a ponte?

Agora é o rio que parece descrever Ovidio no primeiro livro das suas Metamorphoses:

> Exspatiata ruunt per apertos flumina campos
> Cumque satis arbusta simul, pecudesque, virosque,
> Tectaque; cumque suis rapiunt penetralia sacris.
> .....
> Jamque mare et tellus nullum discrimen habebant,
> Omnia pontus erant; deerant quoque littora ponto.

O que traduziu o sr. Visconde de Castilho:

> Com brava furia trasbordando os rios
> Pelos campos se alastram; já derribam,
> Já comsigo arrebatam plantas, gados,
> Gentes, habitações, e os lares santos
> .....
> Já se confunde o pelago co'a terra:
> Já tudo é mar; ao mar já faltam praias.

Tal é o Mondego em tempo de chuvas aturadas e torrenciaes, e quando as neves agglomeradas nas serras se derretem.

E uma das consequencias inevitaveis d'estas inundações, que todos os annos se repetem, é trazerem comsigo grande poder de areias e de terrenos de alluvião, que incessantemente vão alteando o leito do rio e os campos marginaes e sotterrando pouco e pouco os edificios que lhe demoram perto.

É assim que do antigo mosteiro de Sant'Anna, edificado em 1174, do velho convento de S. Francisco, fundado em 1248, e da antiquissima egreja de S. Cucufate, não se encontra actualmente um só vestigio, não se podendo até marcar ao certo o logar em que estavam situados. É assim tambem que a primitiva egreja de Santa Justa, edificada pelos annos de 1100, desappareceu quasi de todo, e finalmente que nenhuns vestigios existem já do primeiro convento de S. Domingos, de cuja historia particularmente nos occupamos agora.

Este convento foi edificado pelos annos de 1227. Correram as obras da construcção por conta da infanta D. Branca, e os terrenos necessarios foram dados por D. Thereza, ambas filhas de el-rei D. Sancho I. Distinguiu-se tambem nesta fundação, e foi primeiro prior do convento, o padre Palaio ou Paio, de quem as chronicas referem muitas virtudes.

Foi edificado o mosteiro em um logar, a que chamavam da *Figueira Velha*, sitio muito ameno e aprazivel á beira do Mondego, que «naquella edade (quem o crerá hoje?) corria fundo e alcantilado (1).

Passados tres seculos da fundação tinha o rio elevado o seu leito por tal forma, e causava com suas inundações damnos tão consideraveis ao convento, que os frades viram-se obrigados a tractar de nova casa.

Pelos annos de 1540 era já insupportavel o mal, temendo-se no edificio uma ruina subita. Fizeram relação de tudo a el-rei D. João III, o qual deu sua licença e esmola para a mudança. Effectuou-se esta no anno de 1546 para a rua de Santa Sofia. E porque andava já em practica fundar-se collegio separado do convento, procurou-se logo tamanha capacidade de sitio que servisse para convento e collegio.

A egreja do convento foi principiada com extraordinaria magnificencia, concorrendo com grande cabedal para a obra o duque de Aveiro, D. João. Fr. Martinho de Ledesma, lente de theologia na universidade, empenhou-se tambem muito nesta edificação grandiosa; mas como emprehendeu maior fabrica do que eram suas forças, morreu deixando-a incompleta e muito longe do seu devido remate. «Mas o que ficou lavrado, diz fr. Luiz de Sousa, é obra de tanto primor e custo, que pode competir com as que no reino são

(1) *Historia de S. Domingos*, liv. 3, cap. 1.

mais louvadas. O marmore é alvissimo e mui fino... a policia e delicadeza, e miudeza que se vê no lavor da pedraria parece traçada mais para pincel em pintura, que para escopro em cantaria. E faz lastima grande a todos que vêem tal obra, cuidar-se que chegará primeiro a cahir e acabar desamparada, que a pôr-se em estado de servir no ministerio para que foi começada.»

O presagio de fr. Luiz de Sousa realisou-se infelizmente. A egreja, que se principiara com tanta magnificencia e primor, ficou effectivamente por concluir; todavia, assim mesmo incompleta, é digna de ser visitada, porque ha nella muito que admirar. O que está feito, que pouco mais é do que a capella-mor, é tudo de cantaria de bellissimos lavores no estylo romano.

O edificio do collegio, contiguo ao convento, não respira tanta grandeza. É porem uma peça muito notavel o seu portico principal, representado na nossa photographia (1). Ignoramos quem fosse o auctor d'este bello portico, mas suspeitamos que fosse o celebre architecto e esculptor João de Castilho. As obras de Castilho distinguiam-se pelas columnas estriadas, pelos nichos de concha, pelos bustos servindo de ornato, e por um certo arremedo das renascentes ordens dorica e corinthia (2). Ora João de Castilho foi contemporaneo da construcção do collegio de S. Thomaz, e tudo isto se encontra no portico, representado na photographia.

Quando andavamos procurando na *Historia de S. Domingos* algumas noticias d'este collegio, deparou-se-nos uma lenda curiosa, que desde logo copiámos para a apresentar aqui, persuadido de que os nossos leitores folgarão de ter d'ella conhecimento. Olhando para a photographia, certamente repararão que um dos frades dos nichos superiores sustenta no escapulario uma arregaçada, e que tem aos pés um sino. Ouçamos o chronista. Enfeitiça tanto o estylo de fr. Luiz de Sousa, que mesmo na exposição de milagres absurdos nos prende e encanta! Perdoa-se a inverosimilhança do facto pela graça da narração:

«Quiz um Prior d'este Convento fazer um sino maior que o que servia; chamou mestres, lançaram contas, ajuntou metal quanto pareceu bastante pera o corpo que se pretendia. Feitas as fôrmas, e posto o metal no fogo, tornou o official sobre si, e achou que se enganara na conta com tamanho excesso, que lhe

(1) E copia de outra em ponto maior, que faz parte da collecção de photographias dos monumentos de arte de Coimbra, feitas pelo habilissimo photographo Thurston Thompson para o muzeu South Kensington, d'onde obtivemos auctorisação para copiar algumas no *Panorama*.

(2) Vide a Noticia Historica e Descriptiva do Mosteiro de Belem, pelo sr. F. A. Varnhagen. Acerca do grande architecto João de Castilho podem ainda os curiosos consultar o *Dictionnaire Artistique* do Conde Raczynski, e o *Camões* do sr. Visconde de Castilho, t. 3.º

faltava pera encher a fôrma quando menos uma terça parte do que já estava prestes e derretido. Fazia-se a fundição no convento. Viram os Religiosos que assistiam o mestre alcançado e confuso: ficaram-n'o elles muito mais, quando lhes confessou o erro. Porque alem do tempo e feitio perdido, viam-se sem sino velho, nem novo, nem modo com que remediar tamanha falta com a brevidade que convinha em Convento que vivia de esmolas. Nesta perturbação foi-se um dos Religiosos como inspirado do Ceo á cova do Santo, e pedindo-lhe com a efficacia e sentimento que o caso obrigava, se compadecesse da pobreza da Casa em que vivera, e da desconsolação dos Frades seus irmãos, lança mão á terra, e fazendo alforge do escapulario, e levando quanta poude colher nelle, entra pelo meio dos Frades que rodeavam o fogo, arremessa-a sobre o metal que fervia. Pasma o fundidor, julgando o feito por genero de desesperação, ou desatino, grita, queixa-se, acode a remediar o dano que tem por certo da mistura. Mas eis que pasma de novo, porque vê ir empollando, e crescendo o metal com tanta pressa e abundancia, que quasi não cabe já no vaso, e saltando de praser e espanto, affirma que grande segredo era o d'aquella terra que seu entendimento não pode penetrar: mas qualquer que seja, não teme já falta no metal, inda que muito maiores foram as fôrmas. E assi aconteceu, porque o sino ficou feito em toda a grandeza do molde, e sobejou cantidade de metal, que pesado pera testimunho do milagre chegou a duas arrobas e vinte e quatro arrateis.....» (1)

Servindo-nos das expressões do bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, é este um d'aquelles prodigios ou pouco verosimeis ou insignificantes, que lemos todavia e tornamos a ler com a maior satisfação, e que com a mesma releria Spinosa, se entendesse portuguez e fosse homem de algum gosto! Notamos a muita credulidade, mas amamos a singeleza, a boa fé do pintor; enleva-nos a graça do seu desenho, o macio, a doçura das suas côres (2).

Quizeramos fallar aqui de tres varões illustres, cujas memorias andam ligadas ao collegio de S. Thomaz: fr. Martinho de Ledesma, fr. Luiz de Sottomayor e fr. Antonio José da Rocha, todos professores da Universidade, o primeiro no seculo XVI, o segundo no seculo XVII e o ultimo no seculo actual. Escasseia-nos, porém, o espaço, e assim não podemos fazer mais do que indicar aos nossos leitores onde poderão encontrar noticias d'aquelles tres vultos notaveis. Dos grandes theologos, fr. Martinho de Ledesma, e fr. Luiz de Sottomayor (que está sepultado na egreja do collegio, e alli

(1) *Historia de S. Domingos*, logar citado. Parte 1.ª, liv. 3.º, cap. 3.º
(2) *Obras de D. Francisco Alexandre Lobo*, t. 2.º, pag. 159.

tem epitaphio honroso), occupa-se fr. Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos*, liv. III, cap. XV e XXXVIII e na *Vida do Arcebispo*, liv. II, cap. XVII. Do sabio orador fr. Antonio José da Rocha escreveu uma interessante biographia no vol. 10.° do *Instituto*, pag. 60, o nosso respeitavel mestre, o sr. Conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

A. M. Simões de Castro.

DESCRIPÇÃO DE MIRA (1)

Inedito de Bingre

Um plano de tres milhas de largura,
E de comprido quatro em pés craveiros;
Do nascente cercado de pinheiros
E de arêas ao poente em grande altura:

Pela parte do norte a embocadura
De uma lagôa antiga, sem outeiros:
Espraiado canal, onde os ponteiros
Raivosos aquilões sopram bravura:

Mar visinho, que açoita a praia nua,
Bramindo sem cessar, casas de terra
Com telhados, que entrada dão á lua:

Amphibios aldeões comsigo em guerra,
Desavindos, brutaes: eis Mira crua,
Eis o triste logar que o Bingre encerra.

(1) Fomos obsequiado pelo sr. Antonio Francisco Barata com algumas producções ineditas do estimado poeta Francisco Joaquim Bingre, um dos fundadores da Nova Arcadia, onde tomou o nome de Francelio Vouguense. É uma d'ellas a que apresentamos neste numero. S. de C.

MEDALHA COMMEMORATIVA DO CENTENARIO DA REFORMA DA UNIVERSIDADE

Resolvera o Claustro pleno da Universidade solemnisar o centenario da grande restauração litteraria, emprehendida e executada no reinado d'el-rei D. José, por iniciativa do Marquez de Pombal, seu previdente ministro.

Entre os alvitres que para logo se offereceram, e sobre que se pedia o voto do Claustro, excitou as attenções a proposta para que se mandasse cunhar uma medalha commemorativa da celebração do centenario. A proposta foi discutida e approvada: a execução era negocio de expediente.

O desenho e os dizeres da gravura prestavam-se a lavores variadissimos. Dos modelos propostos, todos adequados ao assumpto, escolheu-se o mais simples. E foi acertada a escolha, porque bem se ajustam na medalha a simplicidade, que é attributo da modestia, com a effigie de Minerva, que é o emblema da sabedoria.

Na legenda attendeu-se a que o nome do Marquez de Pombal occupasse um logar distincto. Merecia em verdade menção especial quem na reforma da Universidade empenhou toda a sua energia e dedicação. Approvou-se portanto que d'um lado se representasse a estatua de Minerva ante o edificio universitario, e

que do outro se inscrevesse o conceito seguinte, trasladado para latim:

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
REFORMADA INTEIRAMENTE
NO REINADO D'EL-REI D. JOSÉ
EM 1772
POR INFLUENCIA E ACTIVIDADE
DO MARQUEZ DE POMBAL,
CELEBRA EM 1872
O CENTESIMO ANNIVERSARIO
DA REFORMA.

Commetteu-se o desenho da medalha ao insigne professor do Lyceu d'esta cidade, o sr. Luiz Augusto Pereira Bastos, e a gravura ao sr. Molarinho, artista portuense de grande nomeada. Da execução da obra dá clara idéa o anverso e reverso, reproduzidos fielmente na estampa que precede este artigo, gravada em Lisboa pelo sr. Pedroso, cujo merito artistico é assás conhecido dentro e fóra do reino.

Na casa da moeda, excellente officina para trabalhos de cunhagem, se tiraram em dois metaes as medalhas, sendo quatro exemplares de prata para serem offerecidos a suas magestades el-rei D. Luiz, D. Maria Pia e D. Fernando, e a sua alteza o duque de Coimbra, e tresentos exemplares de cobre para se distribuirem pelo corpo cathedratico, pessoas notaveis, e corporações scientificas nacionaes e extrangeiras, que entretêm relações com a nossa Universidade.

D'este modo a pericia de artistas portuguezes concorreu para dilatar a lembrança da festa secular do primeiro corpo docente de Portugal.

S. M.

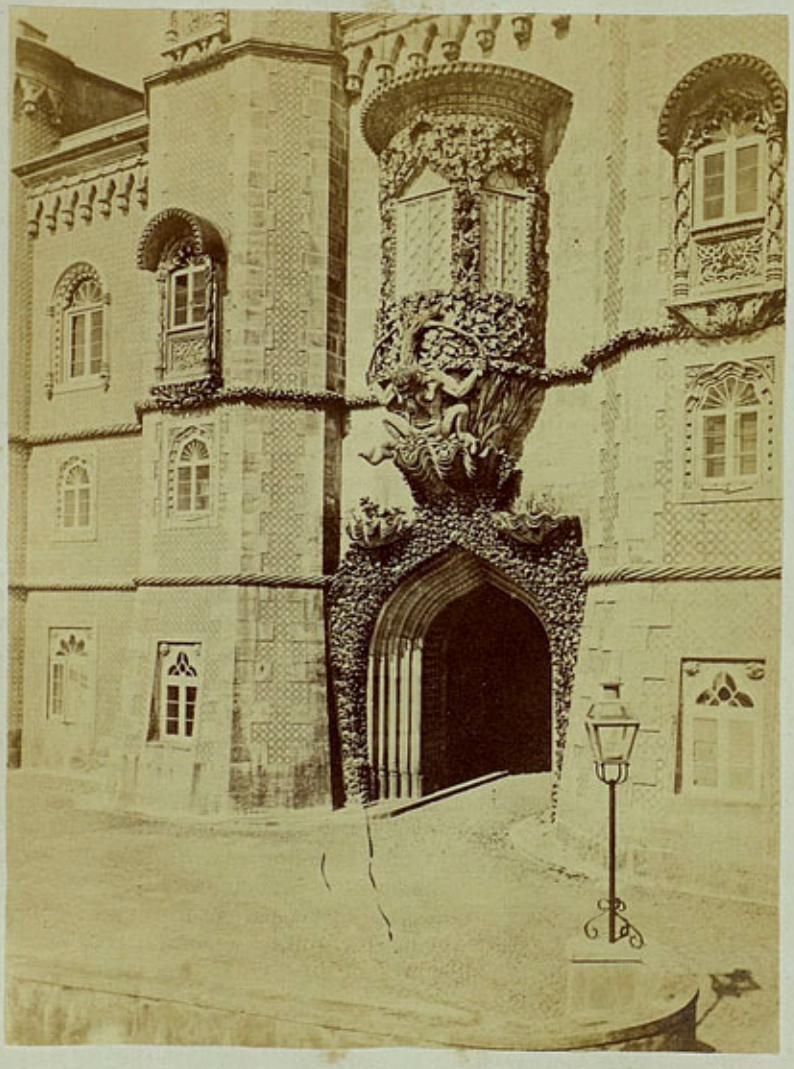
Panorama Photographico de Portugal

Preço de cada numero, tanto em Coimbra como para fora, estampilhado 120 réis.

Só se admittem assignaturas para 12 numeros (um volume), e pagando-se 6 adiantadamente no principio de cada semestre.

Para o Brazil e para outros paizes estrangeiros custará cada numero estampilhado 200 réis fortes, em moeda portugueza, e só se admittem assignaturas para 12 numeros (um volume), e pagando-se adiantadamente a totalidade da sua importancia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal Augusto Mendes Simões de Castro, rua do Visconde da Luz, n.º 15, Coimbra.



PAÇO REAL DA PENA EM CINTRA

II

Compõe-se o real paço da Pena de duas partes distinctas: o edificio do antigo mosteiro, e as obras feitas desde os alicerces por el-rei o senhor D. Fernando.

Mencionámos no artigo antecedente as partes de que se compõe o edificio antigo, todas pequenas, porque o monumento é uma miniatura de mosteiro, mas construidas com muita solidez, de boa cantaria; ornadas no gosto da architectura do mosteiro de Belem, mas com mais sobriedade de lavores. Á sua forma geral acastellada accrescenta-lhe mais uma feição de fortaleza o portico torreado da entrada, e a muralha com ameias flanqueada de bastiões, que, sustentando a terra do lado da escarpa do serro, vão guarnecendo a rampa, que do portico referido conduz ao antigo mosteiro, e ao novo edificio do paço.

Os dormitorios e cellas do convento estão transformados em salas espaçosas, guarnecidas de moveis antigos, e servindo actualmente a Sua Majestade e á sr.ª condessa d'Edla de camara de dormir, e salas de vestir e de jantar. O claustro, com a sua arcaria gothica, esbelta e singelamente decorada, tem envidraçadas as galerias superiores, cujas paredes são ornadas com muita variedade de lindos pratos de porcelana, da China e do Japão. A casa do capitulo, com a sua abobada artezoada e o refeitorio lá se conservam em perfeito estado.

A egreja dos monges, hoje capella do paço, é um templo pequeno, mas formoso. Vestem-lhe as paredes azulejos brancos e verdes, com lavores em relevo, obra da fundação primitiva. A abobada, de laçaria de pedra, com as armas reaes, e a cruz de Christo alternando-se nos fechos com florões de differentes feitios, descança em quatro columnas, meio embebidas nas paredes.

Na grande janella, que se abre na parede fronteira ao altar-mór, admira-se uma formosissima vidraça colorida, com imagens e diversidade de desenhos de mui vivas côres. Foi mandada fazer em Allemanha por el-rei o senhor D. Fernando. Tem a egreja tres altares: o maior, em que avulta a imagem de Nossa Senhora da Pena, o de S. Jeronymo, do lado do evangelho, e o de S. João Baptista, do lado da epistola. O retabulo do altar-mor é o que o templo encerra mais digno de minucioso exame. Todo é obra de esculptura em alabastro e jaspe negro. É formado de muita variedade de figuras de vulto, em quadros, representando a Annunciação, o Nascimento de Christo, a Adoração dos reis, a Apre-

sentação, a Fugida para o Egypto, a Ceia, o Horto, a Resurreição e a Descida ao Limbo; de columnas, pilastras, arcos, escudos d'armas, nichos com estatuas, anjos, folhagens, etc. O sacrario, tambem de alabastro, é de singular invenção. Embora não sobresáiam as figuras pela correcção do desenho, ainda assim é uma obra magnifica, de grande delicadeza de trabalho, e muito para se ver. Foi seu auctor mestre Nicolau, esculptor francez, que o acabou em 1531. Vê-se gravada esta data no retabulo. Foi este mandado fazer, e offerecido a Nossa Senhora da Pena por el-rei D. João III e sua mulher, a rainha D. Catharina, em penhor de gratidão pelo nascimento de seu filho e herdeiro presumptivo, o principe D. Manuel, que apenas viveu 6 annos.

Possuiu este templo algumas peças de muito valor, dadivas dos nossos monarchas. A mais notavel era uma corôa feita, juntamente com a celebre custodia de Belem, do primeiro ouro que veio da India, ornada com uma grande e bella esmeralda, e offerecida a Nossa Senhora da Pena por el-rei D. Manuel e pela rainha D. Maria, sua segunda mulher. A este sanctuario concorriam outr'ora muitas romagens em diversas epochas do anno, e ainda ao presente concorrem algumas no dia da festa da Senhora da Pena.

A photographia que acompanha o primeiro d'estes artigos apenas mostra do edificio antigo a extremidade de um lanço de muralha, e o angulo d'uma varanda, que pegam com o novo paço. Este apresenta na mesma photographia as fachadas principaes dos diversos corpos de que se compõe.

Não cabe nos estreitos limites de que podemos dispor a descripção de um edificio, como este, que se adorna com tantos e tão variados primores de esculptura. Força-nos essa razão a indicar, apenas, o que encerra de mais notavel. Figuram á frente de todos esses primores d'arte o soberbo portal e gracioso pavilhão, que avultam no centro da estampa junta (1). As madreporas, entresachadas de muita diversidade de molluscos, que formam o primeiro arco do portal, são obra de muita belleza e perfeição e de um trabalho delicadissimo. Outro tanto dizemos do pavilhão semicircular, em que se abrem tres janellas, formado de troncos e folhagens, tudo vasado, e como que sustentado por uma figura gigantesca, que, curvada e apoiada sobre uma grande concha, mostra supportar o peso do lindo e brincado pavilhão. A abobada do vestibulo; as portas de cantaria lavrada em fructos differentes e folhagens, que dão serventia para as escadas, que d'alli sobem para os andares superiores; o grande oculo, de uma pedra intei-

(1) A photographia d'este numero é tirada d'um cliché com que nos obsequiou o sr. Carlos Relvas. SIMÕES DE CASTRO.

riça lavrada e vasada como a renda mais delicada, que se vê sobre o portal, que do mesmo vestibulo dá sahida para um pateo, são obras d'arte de muita excellencia e formosura. A sala principal do paço é muito vasta e rica; tem tres janellas, e sobre estas tres oculos envidraçados. A janella do meio dá para uma varanda, sustentada por duas grossas columnas torcidas, entre as quaes se abre um portico. Na parte inferior da grande rotunda, que se lhe segue, está a sala dos veados, destinada para sala de jantar, mas ainda não concluida interiormente.

O barão d'Eschwege fez os desenhos e dirigiu as obras do palacio novo, no estylo gothico-arabe. Algumas partes do edificio são copias fieis de outras da Alhambra de Granada. Vinte e tantos annos se consumiram nesta construcção, tendo começado os trabalhos em 1844. São de artistas portuguezes todas as primorosas esculpturas que alli se admiram.

Os panoramas, que se desfructam das janellas e terrados, são verdadeiramente grandiosos e encantadores.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

PRIMEIRO CONTO

I

Um dos mais honrados homens que tenho conhecido, e um dos meus melhores amigos, possuia uma grande propriedade rustica e urbana nos arredores de Coimbra, onde passava a temporada que decorre do nascer das messes ao recolhimento nos celleiros.

Era um dos velhos portuguezes, d'antes quebrar que torcer; espirito culto, coração bem formado; alma aquecida pelo fogo do sancto amor da patria, briosa e nobre.

Apostolo da caridade, a sua bolsa estava sempre aberta aos pobres, que lhe frequentavam a soleira da porta; e em paga oravam a Deus pela saude e vida do bemfeitor.

Devo á sua memoria saudades e lagrimas. Recebi d'elle favores valiosos, e sobretudo conselhos amigaveis, cheios de prudencia e discrição, proprios de quem conhecia a vida e o mundo pela experiencia de largos annos, e pelos trabalhos e penosos sacrificios da vida militar.

Frequentemente conversavamos á puridade. Eu com o fogo da

edade juvenil, idealisando futuros esplendidos, sonhando felicidades impossiveis; elle contradizendo-me com paciencia e bondade, e appellando para o correr dos annos, e frequencia das cousas e dos homens. E tinha razão. Quantas vezes me lembro hoje, saudoso, das suas exhortações e advertencias, que, se eu não julgara aprendidas na eschola da vida, diria serem a intuição clarissima do futuro!

Diz lá o annexim: Se os velhos tivessem forças, e os novos prudencia, tudo iria bem no mundo. E é verdade. Predomina geralmente nos moços a sensibilidade nervosa, dominando a razão fria. Affigura-se-nos, então, quando o sangue nos escalda as veias, e o corpo está pleno de forças, que podemos encontrar o bem na terra, e que nada nos poderá deter nos impetos desordenados, no caminhar louco para a miragem que foge diante de nós!

Depois, exanimes e desilludidos, paramos naquella marcha pressurosa, tendo porem deixado a estrada salpicada de sangue e o coração aberto em chagas. E então o homem julga-se feliz, se a consciencia, limpa de remorsos, o deixa viver em paz!

Mas emfim quem ha ahi que não pagasse preito ás paixões, e se não deixasse seduzir pelos brilhos d'uma luz que não pode apanhar-se? Quem será capaz de atirar a primeira pedra?

E assim foi; e assim louvo hoje a Providencia, e abençôo o homem que me preveniu de muitos perigos e me livrou de muitos males. Quando vejo mancebos lançados no charco dos vicios, com as faces pallidas e carcomidas pela doença, gloriando-se de serem os primeiros na escala dos corruptos e na eschola da prostituição; quando penso nos espiritos que a licença corrompeu e depravou, tirando-lhes a fé para lhes dar a indifferença e o cynismo; roubando-os á virtude para os atirar ao lodaçal da infamia; quando os annaes lugubres annunciam o ladrão e o assassino que se estreiam, digo de mim para mim: se esses homens tivessem recebido educação esmerada e bons conselhos de amigos, não seria util á sociedade o cidadão que ella agora se vê na necessidade de repellir, e segregar de si?

E nestas reflexões me ia desviando do assumpto a que me propuz. Desculpe o leitor este desabafo, que demorou a narrativa; mas eu vou-me a ella já sem delonga.

II

Eu ia de quando em quando visitar o meu saudoso amigo, que me recebia de braços abertos, e com a sua franqueza habitual.

No meio da quinta estava levantada a casa — edificio pequeno, mas com os necessarios aposentos, e pertenças para que nada faltasse nas commodidades de quem a habitava. A madre-silva, o li-

moeiro, outros arbustos entrelaçados, estendiam-se ao longo das paredes que pareciam caramanchões, e chegavam a entrar, janellas dentro, até o tecto dos quartos. Em baixo as terras de semeadura, povoadas de oliveiras e arvores de espinho; mais distantes, verdes pinheiraes e mattas de carvalhos. Ao longe, lá muito ao longe, parte dos campos do Mondego, e o rio destacando, como serpente, por entre as fileiras de choupos.

Era uma paizagem, senão amena, todavia pittoresca e majestosa, ainda que um pouco limitada por collinas e outeiros, que se levantavam quasi symetricamente.

Estava um dia á varanda com os olhos fixos no horisonte, num d'aquelles instantes em que o espirito se eleva acima do mundo, quando voltei a mim attrahido pelas cantigas d'um bando de raparigas, que ceifavam trigo.

Examinei-as de vez, embora fosse pouco entendido na especialidade; pareceram-me quasi todas de boa figura e de feições agradaveis. Uma d'ellas, porem, sobresahia ás companheiras pelo rosado das faces e pela viveza dos olhos, que umas vezes despediam relampagos, outras ternuras e affectos. Parecia mais que todas alegre e satisfeita, e affigurou-se-me que algum pensamento lisongeiro lhe enchia a existencia de flores e de contentamentos. Ora entoava canções amorosas, seguidas por dictos maliciosos das outras raparigas; ora brincava com ellas, sem faltar ao trabalho que lhe pertencia.

Soube depois que a cachopa tinha o casamento em perspectiva, e contava em breve dar a mão de esposa. E em boa hora o soube, que d'outra sorte não sei se o coração me sahiria liberto para a cidade.

Passados dois annos tornei a encontral-a. Todavia que differença! A côr desapparecera-lhe das faces; e os olhos pareciam outros!

Causou-me pena, e curiosidade de saber o que produzira tão radical mudança nesses vinte annos, ainda incompletos. Indiquei a extranheza ao meu velho amigo, e soube d'elle a historia que a largos traços vou contar.

III

A moça chamava-se Maria Augusta. Era filha de trabalhadores pobres, mas honrados; e desde criança fôra acostumada aos rudes trabalhos da agricultura. Crescera em annos e em formosura; e aos dezeseis fazia doudejar a cabeça dos mais guapos rapazes da freguezia. Todos á porfia disputavam seus olhares e sympathia; mas a vista mais perspicaz não poderia distinguir preferencia a algum. Boas palavras e boas maneiras para todos; muita galanteria e graça no dizer e nos gestos, e mais nada. E todavia

qualquer d'elles, alguns herdeiros de muita fazenda, dariam tudo para obterem de Maria uma palavra de amor.

Ao domingo era curioso ver como os pretendentes se perfilavam no adro da egreja, como soldados em frente do capitão, ou, melhor, como requerentes em face do ministro; apoiados nos varapaus ferrados, seguiam-na com os olhos, e depois lançavam-se mutuamente olhares de ciume. Comtudo a rapariga umas vezes pregava seus formosos olhos no chão, outras comprimentava indistinctamente, sem se dirigir especialmente a ninguem. Era uma rapariga prudente e disfarçada, diziam os vizinhos; algum, porém, mais discreto e erudito, explicava o facto pela falta de vibração na corda sensivel, de que falla uma comedia muito conhecida.

Estavam as cousas neste ponto, quando aportou á aldeia, em que vivia Maria Augusta, um rapaz á procura de trabalho.

Tinha por nome José Antonio, e habitava num logar a duas leguas de distancia. Morreram-lhe porém pai e mãi; e o moço, que não herdara cousa alguma, e não queria a todo o momento ver os logares e os objectos que lhe recordavam os mais caros entes, resolveu afastar-se para onde só vivesse com suas saudades. Contava então vinte annos. Era alto, bem apessoado, de boa feição, respirando um certo ar de bondade, que o fazia sympathico a quem o via.

Dois dias depois de chegar, encontrou-se com Maria Augusta, atravessando para lado opposto uma pequena azinhaga, que mais parecia caminho de cabras. Olharam-se e saudaram-se; mas tanto bastou para que ao diante procurassem outros encontros, e na freguezia constasse que elles *botavam derriço*.

(Continúa). SILVA ROCHA.

BREVE NOTICIA HISTORICA DA VILLA DE GOES NO DISTRICTO DE COIMBRA (1)

Os mais antigos monumentos d'esta villa têm desapparecido successivamente nos ultimos annos decorridos.

Ergue-se ainda entre o antigo *Hospital* d'esta villa e o largo do *Pombal* um vetusto cunhal de fortaleza, ou, melhor, quadrangular torre coberta de heras, que, na opinião de alguns, pertencera ao marquez de Abrantes, bem como um magnifico palacio que na

(1) Vid. vol. 1.º, pag. 95.

margem direita do rio e juncto da ponte arruinado mostrava uma grandeza respeitavel.

Sem duvida manuelino era este palacio, assim como da edade media a torre quadrada, onde até ha poucos annos esteve o relogio da villa.

Acastelladas as moradas dos senhores feudaes tinham, commummente, torres nas extremidades, donde se defendiam com seus homens de armas em caso de ataque d'algum feudal inimigo, ou mesmo contra extranhos, como não raras vezes sohia de acontecer (1).

Assim, podemos suppor com muita probabilidade, que do antigo castello de Goes doado a Vestariz seria aquella torre; não já do primitivo, mas das acastelladas habitações posteriores dos ricos homens e donatarios da villa.

O palacio do marquez de Abrantes, que fôra de D. Nuno Martim da Silveira, evidentemente era dos tempos de D. João II, D. Manuel ou D. João III, como claramente se via da sua architectura, em geral, e das janellas gemeadas, em particular (2).

Uma formosa e elegante fonte tinha esta villa no largo do *Pombal,* que, pela similhança com uma especie de pavilhão que ha na extremidade do aqueducto d'esta cidade de Evora, proximo da egreja de S. Francisco, bem podemos julgar manuelina tambem, como este pavilhão parece ser uma isolada e solitaria sentinella das ruinas da *Galeria das damas* de el-rei D. Manuel (3).

(1) A Coimbra fôra D. Diniz em 1284 para quietar os contendores Vasco Esteves, Lourenço Esteves e Joanne Esteves, que, com mão armada, tentavam á força apossar-se de Goes, e Vasco Pires Farinha, senhor d'aquella villa, que, com os seus homens d'armas, em luctas sanguentas, sustentava suas terras e isenções. D. Diniz nomeou arbitros para decidirem a contenda, e estes mandaram que aos Esteves e suas mulheres déssem os Farinhas 4:500 libras de moeda velha portugueza, e mandassem dizer 700 missas pelos que foram mortos no bando contrario, e aos Esteves que entregassem aos Farinhas todos os bens e direitos que tinham na villa de Goes, e mandassem dizer 300 missas pelos que mataram nos encontros com os Esteves.

Em S. Domingos de Coimbra se fez esta concordata aos 6 dias de janeiro do referido anno. Veja circumstanciadamente *Monarchia Lusitana,* tom. v, liv. xvi, cap. xxxxv.

(2) Alli appareceram quando foi demolido algumas moedas d'aquelles monarchas, que actualmente pertencem á bibliotheca publica d'esta cidade de Evora. Este palacio está hoje completamente demolido; o terreno que elle occupava e quintal pegado pertence a José Fernandes Antunes de Carvalho, d'aquella villa, que o obteve por compra. Cit. *Apontamentos* que nos enviou o sr. Cunha e Frias.

(3) «São umas ruinas do que dizem ter sido a *galeria das damas.* Aqui, numa parede que se não desmoronou ainda, ha differentes janellas com columnas e outros ornatos, todos de tijolo, a quererem imitar o marmore. Ora, comparando estes restos com o pavilhão achei, não só grande similhança de estylo, mas tambem de construcção...» Sr. A. Filippe Simões—*Archivo Pittoresco,* t. x, pag. 47.

Na praça da villa existe arruinada a casa que por espaço de dois seculos serviu de hospital e que depois de 1834 acabou por lhe faltarem os rendimentos (1).

O sr. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, em sua *Memoria historico-chyrographica*, diz em nota: «A data da fundação do hospital não é conhecida; é comtudo antiga» (2). Mal avisado foi este escrupuloso escriptor: é conhecida a fundação do *celebre hospital de Goes*. Existe na actualidade ainda, embebida na parede que olha para a Praça, uma pedra de marmore branco com uma inscripção commemorativa:

ESTA CAPELA ESPRITA
MANDOV FAZER DÕ DIOGO
DA SILUEIRA GOARDAMÕR E
DO CÕSELHO DOS MVITO
ALTOS E MUITO PODEROSOS
REIS DOM JOAM III E DOM SE
BASTIAM SEV NETO O PRIMEI
RO DESTE NOME NA ERA DE
ISSX.

A capella a que se refere a inscripção era a do hospital sob a invocação do *Espirito Santo*, que tambem existe convertida em theatro recreativo.

Com o nome do fundador concorda tambem um desconhecido auctor, divergindo apenas no anno da fundação (3).

(*Continúa*). ANTONIO FRANCISCO BARATA.

(1) «Admittiam-se nelle 75 doentes annualmente em 5 fornadas, 3 pela paschoa e 2 pelo S. Miguel, cada uma de 15 doentes: havendo uma enfermaria particular para os affectados de venereo, cujo principal tratamento consistia em fricções mercuriaes e em copiosos suores, que provocavam mettendo os doentes em colxões de lã, etc.» Sr. dr. Secco, cit. *Memorias*, pag. 61. «O hospital acabou em 1834 deixando de se cobrarem os dizimos que o sustentavam.» Idem.

(2) Pag. 61.

(3) «O hospial foi fundado no anno de 1558 por Diogo da Silveira, guarda-mór.» *Noticia das Egrejas do bispado de Coimbra*, Ms. da Bibliotheca publica de Lisboa.

SÉ VELHA DE COIMBRA

Nunca passamos em frente da velha cathedral de Coimbra sem nos sentirmos commovido de singular veneração e saudade. Incute-nos respeito, e produz em nós um sancto enthusiasmo, aquelle monumento venerando por sua antiguidade, a cuja historia está ligada a de tantos homens illustres, e que nos offerece tantas bellezas e primores artisticos.

Poucos edificios têm sido objecto de opiniões tão encontradas, relativamente á sua origem, como a Sé Velha de Coimbra. Tem-se escripto muito d'este vetusto monumento; quanto, porém, á epocha da sua construcção, poucos são os auctores, ainda os mais competentes, que não tenham transtornado os factos, apresentando pareceres e assertos de todo o ponto duvidosos e inadmissiveis. Vastas intelligencias, ao contemplarem a face austera da velha cathedral conimbricense, têm duvidado se aquelles fortes e valentes muros foram alevantados pela nobre raça dos godos, ou pelos bellicosos filhos de Allah. Para esta ultima hypothese fazia propender a muitos uma inscripção arabe, descoberta numa pedra da fachada septemtrional. Algumas memorias manuscriptas davam esta sé como edificada pelo bispo D. Gonçalo (1109–1128); diversos escriptores a attribuiam ao conde D. Henrique.

No meio de tantas duvidas ainda ninguem se tinha lembrado de resolver o problema pelas indicações do estylo e characteres architectonicos do edificio, os quaes, como diz muito bem o sr. dr. Augusto Filippe Simões, equivalem em muitos casos a uma certidão, que, sem designar o anno, declara com certeza o seculo em que o monumento foi construido. Estudou a questão por esta forma o mesmo sr. dr. Filippe Simões no seu precioso livro *Reliquias da Architectura Romano-Bysantina em Portugal*. Classificou o estylo do monumento no romano-bysantino terciario, usado de 1100 a 1200; conclusão a que foi levado pela perfeição da esculptura nas archivoltas, nos capiteis e nos ornatos de toda a especie, e pela comparação da egreja da Sé Velha com a de S. Christovam, cuja origem era conhecida. «Em ambas a plantas similhantes correspondem frontispicios e absides similhantes. Em ambas a parede sahe fóra nalgumas partes, formando uns como gigantes, sem todavia o parecerem. Em ambas os arcos das portas principaes ficaram separados das janellas superiores por cornijas. Em ambas se guarneceram as paredes de ameias. Em ambas, finalmente, se nota extrema similhança nas archivoltas e seus ornatos, nos capiteis, columnas, etc. De modo que a todo o archeologo parecerá obvio terem sido construidos estes dois templos na mesma

epocha e pelo mesmo architecto, ou ao menos por artistas da mesma eschola.» (1)

No *Livro preto da Sé de Coimbra* encontra-se um documento importantissimo, que veiu desfazer todas as duvidas relativamente á epocha em que foi construida a Sé, e que confirma a conclusão a que levou o estudo dos seus characteres architectonicos. Intitula-se *Minutatio testamentorum sive hereditatum sedis S. Mariae Colimbricensis*. Vê-se d'elle que a Sé foi construida no tempo do bispo D. Miguel (1162-1176). O pouco espaço de que podemos dispor veda-nos reproduzir aqui na sua integra o curioso documento: apenas resumiremos o substancial do seu conteúdo.

As obras foram feitas á custa do bispo e dos conegos. Bernardo foi o primeiro architecto, e dez annos dirigiu as construcções, de que recebeu 124 morabitinos (198$400 réis). Alem d'isto comia á mesa do bispo e cada anno recebia um vestido completo no valor de 3 morabitinos (4$800 réis). Vê-se, porém, que Bernardo não era um mestre consummado na direcção dos trabalhos, pois outro architecto, Roberto de Lisboa, foi quatro vezes chamado a Coimbra para emendar a obra, e sobretudo para se incumbir do trabalho do portal. A mestre Roberto deram-se em recompensa 1:510 morabitinos (2:416$000 réis), alem do sustento para quatro moços e quatro jumentos que trazia comsigo.

O architecto Bernardo falleceu sem completar a obra. Teve por successor mestre Sueiro, que em vez do sustento á mesa do bispo, recebia cada anno um vestido, um quintal de vinho e um moio de pão.

O documento ainda se refere a dois artistas importantes, a saber: mestre Ptolomeus, encarregado de varias obras e ornatos no interior do templo; e o ourives Felix, das alfaias e vasos preciosos para o culto (2).

Vê-se, portanto, que a Sé Velha de Coimbra foi edificada pelos cuidados do bispo D. Miguel, reinando D. Affonso Henriques: e caduca assim inteiramente a opinião de muitos apaixonados, que com fanatico amor lhe attribuiam uma origem muito mais remota.

«Collaça da monarchia, e filha de Affonso Henriques, a cathedral, se não remonta aos godos e aos arabes, nasceu em um periodo sagrado pela victoria, e heroico pelos prodigios de valor e de abnegação, que o ennobrecem» (3).

(1) Sr. dr. A. Filippe Simões — *Reliquias da Architectura Romano-Bysantina*, pag. 17.

(2) Os curiosos que queiram ver o documento na integra encontram-no na *Noticia Historica do Mosteiro da Vacariça*, por M. Ribeiro de Vasconcellos. Extractos minuciosos vêm num artigo do sr. Rebello da Silva, que sahiu no *Panorama*, t. 10, e na obra já citada do sr. dr. Filippe Simões.

(3) Sr. Rebello da Silva, logar citado.

Não é nosso proposito descrever agora o valioso e venerando monumento. Pouco diremos só da fachada principal, que olha ao poente, representada na estampa juncta. O que offerece mais interessante é o majestoso portico de mestre Roberto. Apezar de muito carcomido pelo perpassar de sete seculos, ainda se divisam nelle a nobreza e o bom gosto de sua architectura. É saliente do resto da fachada, e formam-no varios arcos de volta redonda, firmados em columnas, da maior parte das quaes só restam as bases e capiteis. São estes muito interessantes pelos seus ornatos phantasiosos, e pelo mimo da esculptura.

Superiormente vê-se uma tribuna formada tambem por columnas e arcos, similhantes na traça e lavores áquelles sobre que assenta. As duas janellas, ao lado do portico, destôam da architectura geral. Mandou-as rasgar o bispo D. João de Mello, que governou a diocese desde 1684 até 1704. Mais destôa ainda o campanario edificado na parte central e superior da fachada em 1839. E' um remendo ridiculo, que adulterou vergonhosamente o character venerando da fabrica primitiva.

A photographia é copiada de outra, executada pelo photographo inglez Thurston Tompson para o muzeu South Kensington.

A. M. Simões de Castro.

PRIMEIRO CONTO

IV

O que é o amor? Não ha philosopho, e romancista que não tenham procurado definil-o. São variadissimas as definições; mas, quanto a nós, falsas ou incompletas. O amor é um sentimento, e os sentimentos não se explicam, porque se não define o que é incomprehensivel e simples.

Mas os effeitos são salientes. E' um bichinho, que, quanto mais procuramos arrancal-o do coração, tanto mais penetra nelle. É como a *axalis cernua,* importada do Perú para o Jardim Botanico de Coimbra. A ervinha, levadas as sementes pelo vento, espalhou-se pelos arredores da cidade. Não ha fazenda rustica que a não contenha; e, por mais diligencias, não conseguem extirpal-a do terreno, antes augmenta e lavra todos os dias.

O amor é espontaneo, posto que nem todos os sentimentos o sejam. Isto em geral, porque algumas vezes nasce da contemplação dos dotes e conhecimento das prendas dos individuos, em vir-

tude d'uma convivencia mais ou menos demorada. Outras vezes surge inopinadamente entre duas almas; é como dois relampagos que se cruzam e confundem.

D'esta especie foi o amor dos heroes do nosso conto. Verem-se e amarem-se foi obra d'um momento, como se dizia noutro tempo nas cartas amatorias.

Era a fonte o local preferido para as conversas entre Maria Augusta e José Antonio. Á noitinha, quando este recolhia do trabalho, dirigia-se logo para a entrevista, e quasi pela mesma hora Maria pegava na talha, e, cantarolando, lá se ia para a fonte, com passo mais apressado que na volta. Os namorados alli trocavam confidencias, ouvindo o correr da agua e os murmurios melancholicos do dia que se some.

Os amores na aldeia constituem ainda um idylio formoso. Não é como na cidade, aonde o namoro semelha correspondencia diplomatica, e até machiavelica, entre os dois namorados, que procuram encobrir no alambicado do estylo e nas flores da forma o defeito da essencia. O povo da aldeia é mais simplorio e natural em tudo — até no amar. A civilisação, nesta especie, ainda por lá não chegou; e Deus Nosso Senhor seja servido afastal-a para longe, onde não faça mal.

Nas aldeias não é conhecido o *amo-te;* mas não faz falta. O *gosto muito de ti* substitue bem aquella phrase. O verbo *amar* é o verbo da moda: das salas, do theatro, dos passeios, de toda a parte em que se reune a sociedade *elegante*. E todavia esta palavra, á força de ser pronunciada, converteu-se numa banalidade tola, que as mais das vezes passa desapercebida. Hoje é preciso dizer a uma senhora que se ama, da mesma forma que se lhe pergunta se passa bem, ou se s. ex.ª gosta de gelado e de pasteis.

Pois, emfim, fóra da cidade correm felizmente outros ares; e não vai mal por isso.

D'aqui vem que nós não poderiamos descrever de mansinho as praticas de Maria Augusta e do seu amado. O leitor passaria adiante; e eu ficaria considerado como sugeito de gosto safado, e ignorador dos esplendidos modelos epistolares do «Secretario dos Amantes.»

V

O certo é, e neste ponto peço ao leitor que me acredite, porque este pequeno conto tem apenas um merecimento — o da verdade da narração, — o certo é que os dois se compraziam nas longas conversações, e promettiam-se mutuamente fidelidade perpetua.

— Tu nunca te esquecerás de mim, pois não, José?

— Ó Mariquinhas, se tal succeder, oxalá que o céo me fulmine, e eu fique ahi estatelado a teus pés.

Era a praga favorita de José Antonio. O leitor é capaz de se rir; mas peço licença para lhe dizer que aquella praga era mais expressiva, do que todos os discursos e protestos de muitos amantes felizes.

— Olha, continuava elle, tu sabes que me faltam meus paes. Parentes não os tenho; restas-me só tu, porque já és minha mulher pelo coração. A amizade que eu tinha a meu pae e minha mãe, parece-me que passou toda para ti, e que eu te quero como queria a elles. Ora, se eu não podia deixar de ter affeição aos que me criaram, como hei de deixar de a ter a ti?

E Maria toda se consolava com estas promessas.

Um dia arriscou-se a dizer:

— Porque não vaes pedir-me a meu pai?

— Queria primeiro, respondeu José Antonio, ajunctar algum dinheiro pelas minhas economias, com que podesse comprar uma casinha para habitarmos, chamando-lhe nossa, e deixando-a como patrimonio aos nossos filhinhos, se Deus nol-os der. Eu sou pobre, mas não gósto de passar com as sôpas de ninguem, nem viver debaixo de tecto alheio, em quanto tiver braços com que trabalhar, e saude e robustez. Deixa passar algum tempo mais, até eu completar a conta necessaria; e então, sem mais demora, e consentindo teus paes, levo-te á egreja.

Ora succedeu por este tempo que chegou á aldeia a noticia de que em breve regressava do Brazil, abastado como Creso, um sugeito que dez annos antes d'alli sahira, com dez libras na algibeira e com o fato que vestia.

Causou a nova sensação, e despertou cubiças entre a gente pobre do logar, lamentando todos que o destino os não tivesse conduzido á mina, da qual aquelle individuo tirara grande copia de ouro.

Soube-o José Antonio; e o mesmo foi que dar-lhe rebate o coração, e nascer o desejo de ir buscar ao Brazil um dote para Maria Augusta. Um dia manifestou-lhe as suas tenções, e nem palavras nem lagrimas de namorada o demoveram. Juraram os esposos fidelidade eterna, e separaram-se depois da mais tocante despedida, de que rezam chronicas amorosas.

VI

A emigração é uma doença, cujo remedio os poderes publicos se esforçam actualmente por achar. E' uma questão do dia, que os philosophos, economistas e politicos tractam em largos artigos e extensas dissertações. Mas, em quanto a sciencia discute, a

emigração, principalmente para o Brazil, augmenta de um modo assombroso.

Uma das causas d'este facto é indubitavelmente a cobiça humana. Não é pobre o que tem pouco, mas o que deseja muito, diz o nosso estimado Heitor Pinto; mas esta maxima é tão verdadeira como esquecida.

Geralmente o homem deseja a riqueza, e quanto mais a fortuna o favorece, tanto mais desmedida é a sua ambição, porque crescem as necessidades reaes e ficticias.

Depois, o trabalho neste paiz é mal remunerado, e os trabalhadores não têm garantias de presente nem de futuro. O proprietario especula quanto pode com o operario, e não lhe retribue com o salario devido ao seu empenho.

Sobre tudo isto, o povo que é ignorante, e se deixa arrastar pelas impressões lisongeiras, não reflecte que por um individuo que é feliz, e envia em todos os paquetes dinheiro para a familia, centos d'elles finam-se de fome e de miseria, ou são dizimados pelas doenças e pelas epidemias.

Para a primeira causa não ha remedio radical, porque a actividade humana não pode chegar ao ponto de destruir radicalmente as tendencias da sua natureza. Só a educação verdadeiramente religiosa poderá modificar um pouco o desejo insaciavel das riquezas.

As outras duas podem desapparecer, dando-se paga condigna ao trabalhador, e illustrando as massas com as noticias da sorte que espera o maior numero de seus irmãos nos paizes longinquos para onde emigram. Nesta cruzada os parochos poderão prestar grandes serviços, se cumprirem rigorosamente os seus deveres, o que já é raro encontrar.

Comtudo, neste objecto, ha uma cousa que sobretudo nos surprehende. Como podem muitos homens abandonar suas mulheres e filhos, pedaços de sua alma, que a natureza ensina a estimar e auxiliar, deixando-os á mercê da sorte, ralados de saudades, e cheios de fome, em quanto do Brazil não vem a mensalidade, sempre desejada, e quasi nunca chegada?

Este quadro terrivel, como o espectaculo da morte que ao longe se entrevê, devia causar nos emigrantes impressão salutar. O auctor d'estas linhas, ainda não ha muito tempo, conseguiu dissuadir por este meio um agricultor, que ja comprara bilhete de passagem, e devia partir para o Rio de Janeiro dois dias depois.

Mas atemos o fio do conto.

José Antonio não encontrou quem o demovesse da sua resolução subita. Veiu a Coimbra, tomou passagem na *Andorinha*, barco veleiro que estacionava no Douro, e em poucos dias partiu para o Brazil.

Constou depois pelos jornaes que a galera levava para mais de 30 pessoas alem do numero que podia accommodar, e que fôra infelicissima a viagem. Apenas passou as alturas da Madeira, começou logo de soprar rijo o vento, e o mar a encapellar-se. Ao decimo dia de viagem surgiu no horisonte um montão de nuvens, que pouco a pouco se espalharam, como soldados que se apromptam para o combate. O sol foi escurecendo, e o trovão principiou a ribombar ao longe. Pouco a pouco a tempestade aproximou-se, e desencadeou sobre o oceano todos os seus horrores. Era um espectaculo medonho, e impossivel de descrever. Os relampagos, abrindo o céo, e inundando o espaço de luz, repetiam-se successivamente; o estampido do trovão fazia tremer os abysmos do mar; e a pobre galera gemia, estorcendo-se em convulsões enormes, levantando-se no dorso escumoso das vagas, e descendo logo pela cavidade que se abria entre as ondas.

Ainda isto não era tudo. Um raio cahiu instantaneo sobre o mastro grande e despedaçou-o; os outros facilmente os partira a furia dos ventos. E para que a desgraça fosse completa, um golpe de mar, vencendo a coberta, arrancou o leme, fazendo-o em pedaços.

Desde logo se perderam todas as esperanças de salvação. Os viajantes encontravam-se numa d'aquellas situações tremendas, em que só ha o recurso para Deus. É então que a Providencia opéra o milagre de abrir os olhos de muitas almas á luz da fé e da caridade.

A galera, corrida pelo temporal, vagou largo tempo pela superficie do oceano, até que, batida pelo mar e pelo vento, abriu agua, e afundou-se.

Succederam-se scenas de desolação, e de angustia extrema.

Alguns dos passageiros conseguiram salvar-se nas lanchas, outros foram engolidos pelo oceano.

Uma das lanchas aportou á ilha de Cabo Verde; e os que nella iam contaram o que acima vae narrado, e que as folhas periodicas de todo o paiz transmittiram.

(Continúa). SILVA ROCHA.

BIBLIOGRAPHIA

Resposta a um critico, ou exame de algumas asserções do sr. Augusto Epiphanio da Silva Dias sobre grammatica portugueza e latina, por Joaquim Alves de Sousa.

E' um livro de polemica esta obra, e polemica famosa pelo as-

sumpto e pelo auctor. O sr. Joaquim Alves de Sousa responde com firmeza e energia ás accusações que o sr. Augusto Epiphanio lhe faz no *Prefacio* da traducção d'uma Grammatica latina de Allemanha, que pretende introduzir nas nossas escholas. Ha no livro muita sciencia e erudição de mestre, critica apurada de philosopho, e linguagem tersa e polida como não é facil encontrar nos livros hodiernos. Podemos dizer que bem merece o sr. Silva Dias das letras patrias, pois que provocou esta *Resposta*, livro que singularmente honra a nossa litteratura.

Pharmaceuticos illustres de Hespanha na epocha presente, Estudos biographicos, por José Libertador de Magalhães Ferraz.

Recebemos as primeiras biographias d'este notavel trabalho, que honra o seu auctor e ainda mais a classe a que pertence. Estylo elegante, idéas sensatas, e alvitres muito judiciosos distinguem esta obra, a qual, se entre nós deve ser estimada, não o será menos pelos nossos vizinhos hespanhoes, que nella são justamente considerados.

Vasco da Gama — poemeto de Antonio Francisco Barata.

E' sympathico o nome do sr. Barata pelas suas producções litterarias, que não só o abonam muito, mas revelam o seu adiantamento progressivo, á medida que se vai exercitando no officio das letras. Este poemeto contém estrophes que honrariam um grande poeta.

O Manuelinho d'Evora — romance historico (1637), por Antonio Francisco Barata.

E não só no verso, mas tambem na prosa, quiz o mesmo auctor deixar de si honrosa memoria na mesma epocha. Ainda bem em Lisboa não tinham enxugado na Imprensa Nacional as folhas do seu poemeto, já em Coimbra na Imprensa Litteraria do nosso amigo Pedro Rocha gemia o prelo com a impressão d'um romance historico. Foi excellente a escolha do assumpto, puramente nacional e avesso a extrangeirices, bem sustentada e desenvolvida a acção, portugueza de lei a linguagem.

Joaquim Emygdio Xavier Machado. Esboços a carvão — fragmentos.

Precede este elegante livrinho uma carta do sr. Camillo Castello Branco, elogiando o seu auctor com tão *formosas alvoradas dos seus vinte annos, tão graciosamente madrugados para os prazeres da alma*. Transcrevendo estas palavras do nosso famoso romancista, é escusado accrescentar mais. Em elogios de tal penna é que cabe o dizer — que o *louvor altos casos persuade*.

PAÇO REAL DA PENA EM CINTRA

III

O mesmo condão, que de um mosteiro pequeno e de fabrica singela fez um paço real esplendido e riquissimo d'arte, assim tambem transformou a antiga cerca monastica, pouco extensa e mais agreste que cultivada, em um parque muito vasto e formosissimo, onde a natureza e o artificio, auxiliando-se mutuamente, crearam muitos e variados quadros de infinita belleza e de admiraveis contrastes.

Romperam-se através das rochas largos caminhos macadamisados, que descem dos mais altos pinaculos até aos valles, cruzando-se em todas as direcções por muitos kilometros de extensão, e correndo sempre orlados de arvores, arbustos e plantas rasteiras, de folhagem graciosa e variegada, que se cobre continuamente de lindas flores. Cavaram-se nos valles grandes lagos, o maior dos quaes tem de comprimento 540 palmos e 120 de largura, todos debruados de esbeltas plantas aquaticas, que se abraçam ás fragas musgosas, que se espelham nas aguas, fazendo-lhes parede. Povoaram-se as encostas de densas florestas de variadissimas arvores, oriundas de quasi todas as regiões do globo. Nos serros mais alcantilados, e por entre os penhascos mais inhospitos plantaram-se arbustos, e disposeram-se plantas trepadeiras, que ora fazem toucas de esplendido matiz áquellas penhas ponteagudas, ora d'ellas se debruçam e se balançam em vistosas grinaldas e festões. A mão do homem e o poder da natureza estenderam por toda a superficie do parque, exceptuadas as ruas, tapetes de verdura perennemente viçosos, onde a primavera não tem mais que entresachar flores. Nos sitios mais apraziveis, ou de vistas mais encantadoras levantaram-se, para descanço e recreio, diversas construcções, typos de differente architectura, qual d'ellas mais engraçada e gentil.

Emfim tudo alli é grandioso e bello. A arte revella o seu intelligente esforço por mil creações de imaginosa invenção. A natureza secundou a arte com todo o seu poder, dando aos arvoredos e mais plantas o vigor, o desenvolvimento, o viço e brilho, quasi as pompas da vegetação dos tropicos.

A formosa photographia que acompanha este artigo, copia de outra da primorosa collecção do sr. Relvas, representa o *chalet* modernamente construido no parque da Pena para residencia do seu real fundador, quando visita aquella magnifica propriedade no inverno, pois que nesta epocha do anno o frio e a humidade

fazem menos commoda a habitação do paço acastellado, pela grande altura em que está fundado.

O *chalet* está sentado no valle, em meio de jardins, e é construido inteiramente de madeira e cortiça, no gosto de architectura usado na Suissa. No pavimento terreo estão a sala de entrada, sala principal, sala de jantar, copa, casa de banho, dois quartos de cama para os camaristas de sua majestade, casa de jantar dos criados e cosinha. A sala principal é estucada, e toda guarnecida, paredes e tecto, de grinaldas de hera em relevo. Os moveis e ornamentos são da Suissa. A sala de jantar é toda vestida de madeira e cortiça mui artisticamente dispostas. Os moveis e decorações são feitas egualmente na Suissa.

No pavimento alto acham-se a camara de dormir, o quarto de vestir d'el-rei o senhor D. Fernando, o toucador da senhora condessa d'Edla, uma sala, e quartos de criados.

Apesar de estar edificado em logar baixo, é muito aprazivel e desafrontada a sua situação, desfructando-se d'alli perspectivas risonhas e pittorescas, d'entre as quaes sobresáe o majestoso panorama do paço real, erguido com tanto garbo e gentileza sobre elevadissimo throno de rochas e de verdura.

I. de Vilhena Barbosa.

PRIMEIRO CONTO

VII

Numa bella tarde de maio o mestre eschola da aldeia, aonde habitava Maria, sentado no balcão da porta, tomava o fresco, rodeado por uma multidão de rapazes e raparigas, a quem lia uma folha periodica.

Todos, attentos, escutavam o professor. Entre as noticias diversas, de que o jornal vinha recheado, deparou com a seguinte:

«*Horroroso naufragio.*— Os jornaes de Lisboa dão promenores do horrivel naufragio que padeceu a galera *Andorinha* em viagem do Porto para o Rio de Janeiro.....»

E seguiam as circumstancias do caso que o leitor já conhece.

Ao passo que o professor percorria a noticia, Maria Augusta fazia-se pallida como o marmore; e, quando ouviu que tinham sido muitas as victimas da catastrophe, deu um grito, e cahiu sem sentidos.

Levada em braços para casa, esteve muitos dias de cama, pros-

trada com a febre. Viera tambem o delirio, e causava dó e lastima o ver como ella desvairava loucamente.

— Accudam ao meu José, gritava ella; não o vêem; ai, que o navio parte-se! Meu Deus! acolá está elle, agarrado áquella taboa; salvem-no, salvem-no, pelo amor de Deus!

Depois ficava abatida, e num descanso proveniente do esvaimento das forças.

Ao fim de muitos padecimentos e insomnias voltou inteiramente a si, e pôde convalescer.

Comtudo a alegria não mais a animou; as faces descoraram-lhe, como rosas que perdem o viço e a frescura; e a fronte, sempre pendida para a terra, não mais se desanuviou com um sorriso. Fazia dó o olhal-a, a quem antes a conhecera, tão cheia de encantos, e tão prestimosa para o trabalho.

Foi então que eu a vi pela segunda vez, e que o meu saudoso amigo me contou toda a historia com que porventura entretive a paciencia dos leitores.

VIII

No dia 8 de setembro de 18... fui eu em alegre e ruidosa companhia a um logar, a cinco kilometros da cidade, conhecido pelo nome de Cruz de Marouços. Não ha alli ninguem que o não tenha visitado em dia de festa, e de festa principal e de folgança para os pobres habitantes, pois que o dia da Natividade é para elles o maior do anno.

É assim nas aldeias. Não celebram ordinariamente senão uma festa no anno; mas dura dois ou tres dias, e nesse espaço de tempo gasta-se em manjares e folias o peculio que pelo correr do anno foi amontoado no canto da arca. E escolhe-se a epocha em que os celleiros e as adegas estão cheios; por isso estas festividades costumam effectuar-se principalmente durante o outomno.

Estava concorridissimo o arraial. Ranchos de rapazes e raparigas dançavam em roda; outros passeiavam pelas viellas da aldeia, cantando modas populares; e muita gente, mesmo da cidade, prestava culto ao estomago, devorando as merendas que levára, sentados por debaixo dos ramalhudos carvalhos e pinheiros.

Quasi ao anoitecer encontrei-me com um par, e fiquei tomado da mais espantosa surpreza. Eram Maria Augusta e José Antonio, a olharem-se, a sorrirem-se com o maior affecto e ternura. E as solteironas da aldeia, que os viam passar, roiam-se de inveja perante a felicidade dos dois esposos.

Dirigi-me logo a José, e manifestei desejos de lhe fallar. O rapaz veiu ter comigo de prompto, e eu interroguei-o:

— Ó sr. José; com que então o sr. resuscitou?! Este milagre

é mais estupendo que o de Lazaro; porque o sr. já foi sepultado, se a memoria me não falha, ha tres annos.

— Não sei quem o sr. seja, me retorquiu elle; no entanto sinto-me hoje tão bem, tão feliz, que não resisto ao prazer de lhe contar a minha historia.

— É escusada em parte, interrompi eu. Conheço-a bem até á sua retirada de Portugal. Explique-me sómente o facto da sua resurreição.

— Eu lhe conto.

E narrou-me o que vai ler-se:

— Sabe que me julgaram morto. Ainda bem que não morri. Logo que a galera se partiu, lancei-me ao mar, e fui nadando até que me pude agarrar a um caixote que sobrenadava. Passei assim uma noite. O que então soffri foram os tormentos do inferno. Acudiam-me á imaginação o retrato de Maria Augusta, e os dias felizes que passara juncto d'ella, com a esperança vivificadora de a chamar minha mulher. Depois serenei um pouco; levantei os olhos para o céo e rezei; rezei com o fervor e a fé que inspira o poder de Deus naquelle abysmo de morte. Porque o sr. não pode imaginar o que é ver-se a gente sobre uma táboa, com a agua a referver por todos os lados, e como que abrindo as suas fauces para nos devorar; a noite involvendo-nos com as suas trevas e os seus horrores; e os sons lugubres do mar, como trovões subterraneos, a encherem-nos de ancias e de terror. Meu caro sr., tenho ouvido dizer que ha atheus; naquellas circumstancias o homem crê, porque sente a mão de Deus tocar-lhe na fronte.

Amanheceu finalmente depois d'uma noite quasi eterna. O mar socegara, e o sol enchera o espaço de luz. Todavia nem um ponto branco em toda a extensão do mar. Resignei-me a morrer.

Mas a Providencia ouviu os meus rogos. Quando eu perdia a esperança de vida, eis que desponta no horisonte uma vela, navegando na direcção em que me achava. Uma hora passada, o navio approximara-se, e eu subia á amurada. Estava salvo. Puz os joelhos em terra, e orei. Effectivamente tinha resuscitado.

O navio era um brigue italiano que se destinava para o Rio de Janeiro. Ainda Deus me favorecia.

Cheguei á capital do Brazil, e procurei trabalho. Por indicação de um portuguez fui recebido como creado em casa de um cavalheiro rico, que vivia só, e, segundo se dizia, não tinha parentes. Servi com elle dois annos, e recebi d'elle tantos favores, que serei sempre agradecido á sua alma.

Ao fim de dois annos morreu o meu patrão. Foi aberto o testamento, e entre outras disposições legava 600$000 réis fortes ao creado que na occasião da sua morte o servisse.

Não quiz maior fortuna. Tractei logo de partir para Portugal,

porque eu via que os nossos patricios, geralmente, eram mouros no trabalho, e mal retribuidos pelo serviço.

Appareci aqui de improviso; e Maria Augusta quasi ia morrendo de alegria.

Agora, meu sr., já tenho uma casinha, para nós e para os filhinhos, se Deus nol-os conceder; e eu, com a minha enxada, vou ganhando o pão de cada dia, trabalhando com a energia e affinco que dá a consciencia do dever, e, se quer que lhe diga, sem vontade alguma de sahir d'aqui, onde o socêgo e a alegria do lar domestico me dão o paraiso na terra.

Esquecia-me dizer-lhe que o melhor e mais efficaz remedio para Maria foi o meu apparecimento. Restabeleceu-se em 8 dias, e ahi a vê agora rija e sadia, e córada como d'antes.

— Pois, amigo, terminei eu, Deus lhe dê saude, paz e muita prole para seu entretenimento e de sua mulher; e lhe compense em felicidades os dias tristes e amargosos que passaram.

* * *

Leitor amigo. Os nossos dois heroes lá vivem na Cruz, rodeados de seis filhos, que eu beijo todos os annos no dia 8 de setembro (1).

Silva Rocha.

NUMISMATICA PORTUGUEZA

Os Portuguezes de ouro

Não foi no reinado do senhor D. João II que primeiro se cunhou a moeda — *Portuguez de ouro.*

Ruy de Pina (2), e com elle Garcia de Rezende (3), chronistas d'aquelle monarcha, mencionando as moedas que se cunharam durante o seu reinado, nada escreveram sobre o *Portuguez de ouro,* que só vemos citado em Sancta Rosa de Viterbo (4).

É fora de duvida que o senhor D. Manuel foi o primeiro rei que mandou lavrar esta moeda, que achamos descripta em Damião de Goes do seguinte modo: — Era d'ouro de 24 quilates, e o seu valor de 10 cruzados: tinha no anverso a cruz de Nosso

(1) Algumas pessoas nos têm perguntado se este conto é verdadeiro. Podemos, em resposta, affiançar-lhes que não existe em todo elle uma unica circumstancia inventada.

(2) Ruy de Pina, Chron. de D. João II, cap. XIX, pag. 65.

(3) Rezende, Chron. de D. João II, cap. LVII, pag. 89.

(4) Elucidario, t. 2.º pag. 232.

Senhor Jesus Christo, e em volta a legenda IN : HOC : SIGNO : VINCES: e no reverso as armas do reino, com a corôa aberta, e duas legendas; a primeira, na garfilla I : EMANVEL : REX : PORTVGALIAE : ALGARBIORUM : CITRA : VLTRA:IN : AFRICA : DOMINVS : GVINAE: a segunda, em volta do escudo CONQVISTA : NAVEGAÇAM : COMERCIO : AETHIOPIAE : ARABIAE : PERSIAE : INDIAE : (1).

Ha poucos annos foram vendidos dois exemplares d'esta rara moeda por 45$000 réis cada uma, diz o sr. Aragão; e accrescenta — *tudo faz crer que D. Manuel tinha já feito cunhar Portuguezes de ouro, e que Vasco da Gama os levou para a India* (2).

Que os *Portuguezes de ouro* não corriam no reino, na sahida de Vasco da Gama para o descobrimento da India, em 1497, attesta-o o seu Roteiro, que diz: «Em este logar e ilha a que chamam Moncobyquy (3) estava huum senhor a que elles chamavam Colyytam (4), que era como vissorey, o qual vêo aos nossos navios por muitas vezes com outros seus que com elle vinham.

«O capitam moor lhe deu huum dia huum convite, o qual foy de muitos figos e conservas, e lhe pedio que lhe dese dous pilotos que fossem comnosco, e elle dise que sy, contanto que hos contentassem, e o capitam moor lhes deu *trinta meticaes* (5) *de ouro* (6).

Servindo-se D. Vasco da Gama da antiga moeda denominada *metical* para pagar aos pilotos, quasi que constitue prova de que o *Portuguez* ainda não corria no reino; porém esta duvida desapparece em face da legenda; pois o senhor D. Manuel accrescentou aos já herdados titulos do senhor D. João II, o de *senhor* da conquista da Ethiopia, Arabia, Persia e India, depois do Conde Almirante ter feito o descobrimento da India e voltado ao reino, em 29 de agosto ou principios de setembro de 1499, sendo neste mesmo

(1) Damião de Goes, Chron. de D. Manuel p. IV, cap. CXXXVI, pag. 655.
(2) Sr. Aragão, Descr. des Mon. Medailles, etc., pag. 51.
(3) Moçambique.
(4) Sultão ou Soldão.
(5) *Methcaes* ou *metkaes* e *meticaes*, é o mesmo que medalha, moedas ou dinheiros de ouro ou prata, por serem os metaes preciosos: o valor d'esta moeda era, segundo Goes, 240 réis cada uma, e Barros diz que poderia valer até 14$000 réis da nossa moeda. Viterbo, Elucid. t. 2.°, pag. 132: Goes, Chron. de D. Manuel p. 1, cap. XXXVII: e João de Barros, Dec. 1, liv. IV, pag. 68.

Esta moeda chamada *metical* é muito antiga na peninsula: os monges de Lorvão venderam, correndo o anno de 1114, umas casas que possuiam juncto á egreja de S. Pedro d'esta cidade de Coimbra, que lhes coube na conquista por el-rei D. Fernando Magno, que d'ellas lhes fez mercê: — *De nostra domo propria quam habuimus de appressuria intra Colimbriam prope Ecclesiam S. Petri, pro pretio, id est* $\overline{X}$ *methcales maravidis* Doc. de Lorvão nas Provas da Hist. Gen. t. III, folh. 463.

(6) Roteiro da viagem de Vasco da Gama, pag. 26.

anno que o *Portuguez de ouro* se cunhou, e começou a correr no reino (1).

O sr. Aragão menciona outra moeda; e diz: «*Existe no Gabinete da Bibliotheca Nacional de Lisboa um modelo authentico, ao que parece, que tem no anverso a legenda* AD : VALOREM : EMANVEL : REX : PORTVGAL : MONETA : AVREA : AT : SWOL : *escripta em dois circulos, no centro as armas do reino, entre seis pontos, no reverso a legenda* IN : CHRISTO : CRUCIFIXO : NOSTRA : SAL : *no meio cruz da ordem de Christo, tres pontos no cimo e a contramarca* 10 U, *com uma pequena corôa. Esta moeda é talvez o primeiro portuguez de ouro, e ao que parece cunhado fóra do reino* (2).»

O nosso insigne padre Manuel Bernardes, descrevendo com mestria, na sua *Nova Floresta,* o grandioso presente enviado pelo senhor D. Manuel ao Sanctissimo padre Leão X, em 1514, diz: «Em outro dia se abriu o cofre, tornando a ajoelhar o Elephante deante de Sua Sanctidade. Encerrava um pontifical inteiro, não só para a pessoa do Papa, mas para todos os seus ministros: era todo de chaparia, e figuras de ouro e pedraria preciosa, e a trechos umas romãs de rubins escachados; e sendo a materia tal, ainda dos proprios da arte era vencida, iam junctamente outras riquissimas joias, e *ducatões de ouro* de 500 escudos, como para entulho.»

Esta moeda, a que o padre Manuel Bernardes chama *Ducatões,* julgamos não ser outra senão o *Portuguez de ouro* acima descripto, — e que o senhor D. Manuel mandou cunhar para servir de *entulho,* e que não correram no reino; a beatifica legenda *in Christo cruxifixo nostra sal,* que o venturoso monarcha mandou imprimir na moeda, mostra esta verdade.

O senhor D. Sebastião partiu de Lisboa no anno de 1576 a 4 de dezembro, e a 23 do dicto mez, fazia a sua entrada no convento de Nossa Senhora de Guadalupe da ordem de S. Jeronymo, a encontrar-se com seu thio Philippe II: os *Ducatões* de modo nenhum podiam fazer parte do presente, poisque só na volta d'aquelle monarcha ao reino, foram mandados cunhar com o valor de 30 e 40$000 réis, isto correndo o anno de 1577; foi moeda que só alcançou aquelle curto reinado, e que morreu com elle.

A moeda, pois, a que com muito fundamento podemos chamar — *o segundo Portuguez de ouro* só podia ser cunhada pelos annos de 1514, epocha em que teve logar o presente que assombrou a capital do mundo catholico.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

(1) Damião de Goes, chron. citada, e João de Barros, Dec. 1.º, liv. IV, cap. XI, pag. 84.
(2) Sr. Aragão, liv. citado.

BIBLIOGRAPHIA

Projecto de lei para a construcção dos caminhos de ferro da Beira, apresentado na camara electiva, em sessão de 13 de março de 1873, por Antonio José Teixeira, Deputado pelo circulo 63 (Pombal).

Recebemos pelo correio este folheto, acompanhado do seu competente mappa. A iniciativa honra o sr. dr. Antonio José Teixeira, que apresentou o projecto e foi (segundo cremos) o seu relator. Este nosso amantissimo patricio, professor de mathematica na Universidade, cuja posição honrosa conquistou com o seu talento, jornalista politico quasi desde a infancia, alimentado com o leite da liberdade, notavel jornalista litterario como o provam as columnas do *Instituto*, do *Jornal litterario* e d'outros, continúa a sua vida activissima no parlamento pugnando pelos interesses do paiz. Poucos são os homens publicos da tempera do sr. Teixeira, e rarissimos os que apertem no mesmo laço o ingenho, a perspicacia e o desinteresse. Como amigos e conterraneos podemos dar testemunho publico das suas qualidades, por isso que ha largos annos o conhecemos.

A liberdade de industria nas suas relações com a economia politica e com a historia da civilisação, por Candido de Figueiredo.

Este folheto, dedicado por seu auctor ao sabio professor de Direito, o sr. dr. Manuel Nunes Giraldes, é um elencho ou complexo dos principios mais nobres e mais elevadas idéas da philosophia e economia do Direito. Mancebo de raro talento e admiravel perspicacia, o sr. Candido de Figueiredo trilha com muita distincção o curso da Faculdade Juridica, abonando com constantes documentos litterarios o seu incontestavel merecimento.

Actualidade, estudo economico-social, por Magalhães Lima.

E' do sympathico auctor das *Miniaturas romanticas* este interessante livrinho, que vem demonstrar que a sua intelligencia é quasi omnimoda, e a sua imaginação sempre vivissima em todos os assumptos.

Horas de poesia, por A. Cardoso Junior.

E' uma formosa collecção de versos, onde ha muito que elogiar. Tem seu juvenil auctor tendencia manifesta para o lyrismo, de que ja é ornamento, e se tornará com o estudo um bom modelo.

EGREJA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

Pelo seculo XII viviam os conegos da cathedral de Coimbra, segundo o estylo das ordens monasticas, em communidade e clausura sob a regra de Santo Agostinho; no anno de 1130, porém, acabou com a vida commum o bispo D. Bernardo, repartindo os bens pelos conegos e ordenando que estes passassem a viver em separado.

Foi então que o arcediago D. Tello, zeloso do antigo modo de vida, resolveu fundar um mosteiro da regra augustiniana: e para realisar seu intento associou-se com o prior da Sé, D. Miguel; com o mestre-eschola D. João Peculiar, depois bispo do Porto e arcebispo de Braga; com D. Onorio, prior da egreja de S. Thiago de Coimbra; com D. Sisnando, prior de Santa Maria do Castello de Monte-Mor-o-Velho; com D. Theotonio, que foi eleito primeiro prior do convento, e com outros varões de reconhecida virtude: em numero de doze ao todo (1).

O logar escolhido para assento do novo mosteiro foi um valle aprazivel, que ficava na planicie fóra dos muros da cidade, denominado os *Banhos Reaes*. Parte do terreno para o edificio foi doado por D. Affonso Henriques, a quem o arcediago D. Tello, offereceu, como prova de gratidão, uns arreios e jaezes de cavallo com um peitoril rico de pedraria, que trouxera de Constantinopla, quando regressava de sua viagem a Jerusalem.

No dia 28 de Junho de 1131 foi a construcção inaugurada solemnemente, lançando D. Affonso Henriques a primeira pedra.

A principio o mosteiro era de fabrica humilde, e os religiosos para os actos do culto serviam-se de uma egreja antiga, que havia no logar, da invocação de Santa Cruz; mas pouco depois D. Affonso Henriques, levado de sua extremosa affeição para com elles, entre outros beneficios com que os distinguiu, edificou-lhes novo e sumptuoso templo, e fez outras obras grandes e importantes, que muito augmentaram e ennobreceram aquella casa.

Costumava o piedoso monarcha alternar as lides da guerra com as orações do claustro, assistindo no côro de Santa Cruz aos officios divinos em companhia dos conegos, e como se fôra qualquer d'elles. Em D. Theotonio, primeiro prior do mosteiro, tinha elle o seu mais intimo e fiel amigo, com quem se aconselhava em suas grandes emprezas militares. O proprio D. Theotonio, envergando a couraça e empunhando a espada, por vezes

(1) Vej. *Historia Ecclesiastica de Braga* por D. Rodrigo da Cunha, P. 2.ª cap. 14.

acompanhou o rei nos combates pugnando valorosamente pela fé e pela patria, e merecendo ser eternizado pelo nosso epico n'aquelles versos:

Um sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem de Mafamede enresta a lança:
É Theotonio, prior..... (*Lus.* VIII, 19).

São gloriosas as recordações ligadas ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e que tornam brilhantissimos os seus fastos. Para os narrar falta-nos o espaço; e assim passaremos a dizer sómente o necessario para intelligencia da photographia que representa a fachada do templo (1).

Basta um simples lanço d'olhos para se reconhecer que esta fachada é obra emmanuelina. No tempo de D. Manuel foi derrubada a velha egreja de D. Affonso Henriques, e substituida pela que actualmente existe, sendo prior-mór do mosteiro D. Pedro Gavião, bispo da Guarda. São seus os brazões d'armas, que se vêem no alto do frontispicio, compostos de cinco *gaviões* em aspa (allusão ao seu appellido), e tendo por timbre o chapeu e cordões prelaticios.

Já no *Panorama Photographico* (vol 2.°, n.° 12) referimos a curiosa peripecia que originou estas obras; escusamos pois de repetil-a aqui.

É o frontispicio do templo peça muito apreciavel por sua traça e pelo mimo e bom gosto dos delicados lavores que o adornam. A janella, os pilares, as graciosas peanhas e baldaquinos offerecem em seus ornatos grande similhança com a egreja de Belem (2). Pena é que a parte mais ornamentada, construida de pedra de Ançã, muito branda e friavel, se tenha deixado carcomer e deteriorar pela acção roedora do tempo. Por esta razão acham-se completamente desfeitos muitos de seus mais bellos lavores.

É tambem para lastimar que o terreno adjacente tenha alteado tanto com as repetidas alluviões do Mondego, que para se entrar na egreja seja mister descer já sete degraos. Com isto soffre muito a elegancia do templo (3).

(1) Esta photographia é copiada de outra que faz parte da magnifica collecção de photographias dos monumentos de arte de Coimbra executadas pelo habilissimo photographo inglez Thurston Thompson para o muzeu South Kensington.

(2) Vej. a photographia do n.° 5 do vol. 2.° d'este jornal.

(3) De uma descripção do mosteiro, feita em 1540, consta que a este tempo o adro da egreja ficava quatro degraus sobranceiro ao largo de Sansão. Esta

Tambem os frades no seculo passado a prejudicaram notavelmente, substituindo o portal por outro de gosto simples e que desharmoniza inteiramente da architectura emmanuelina.

O interior da egreja tem só uma nave. É bella a sua abobada de pedraria artezoada, mas infelizmente está revestida de estuque.

Outras obras effeituaram neste templo os mesmos religiosos, as quaes são verdadeiros desacatos ás artes e ao bom gosto. Fizeram de madeira o arco da capella mór. Superiormente a este, e aos lados das janellas, conspurcaram as paredes com grandes massas de estuque de gosto detestavel. Revestiram de cal as columnas de pedra meio-embebidas na parede, nas quaes se estribam os artezões da abobada, e substituiram os capiteis proprios por outros de ordem composita; o que tudo produz um effeito horroroso. Pasma realmente que homens, em quem era de esperar certa illustração, emplastassem e afeiassem por tal forma o esbelto e formoso estylo emmanuelino.

A maior preciosidade d'este templo é o pulpito. Havemos de apresentar a sua photographia no *Panorama*.

Dos tumulos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho 1.º, que estão na capella mór, já démos noticia circumstanciada no n.º 10 do vol. 2.º d'este jornal.

O orgão é peça de subido apreço, e é obra do insigne mestre hespanhol D. Manuel Benito Gomes de Herrera, que o principiou em março de 1719 e concluiu dentro de cinco annos exactos.

O côro tambem é uma das notabilidades do templo. Tem 72 cadeiras, e é todo adornado com delicada e vistosa obra de talha no gosto emmanuelino. Diz-se que a madeira empregada nesta obra a mandara vir de Allemanha el-rei D. Manuel.

Ha no mosteiro outras cousas notaveis, que por falta de espaço nos abstemos de apontar agora.

Brevemente apresentaremos a photographia do claustro chamado do *Silencio*.

A. M. Simões de Castro.

---

descripção foi escripta em italiano pelo prior de S. Vicente de Lisboa D. Francisco de Mendanha para ser enviada ao Summo Pontifice Paulo II, que, ouvindo as grandezas do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, mostrara desejos de ler a sua descripção. Foi esta traduzida depois em portuguez pelo conego D. Verissimo, e impressa na *Chronica dos Conegos Regrantes*.

ANHELOS

Fosse eu o arminho do teu seio ondeante,
branca espuma nas ondas d'esses mares
onde eu mergulho os timidos olhares
em procura de rútilo diamante!

Ao claro arminho do teu peito amante
segrédas os teus intimos pezares,
e eu anceio por tu m'os segredares,
como ao teu claro arminho fluctuante.

Podesse eu transformar-me nessa espuma
onde o teu pallido e maguado rosto
silenciosas lagrimas resuma!

Arbusto que se agita sem encôsto,
a espuma vejo ao longe, e ao perto a bruma
que paira sobre os ermos ao sol posto.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

BREVE NOTICIA HISTORICA DA VILLA DE GOES NO DISTRICTO DE COIMBRA

(Continuado do n.º 4, pag. 32)

A capella da misericordia foi fundada pelo povo em 1598, e ha poucos annos demolida por mui damnificada do tempo, para de novo se edificar mais elegante e vistosa (1).

A mesma sorte partilhou a egreja d'esta villa, de novo edificada, haverá dez annos, conservando-se-lhe apenas as capellas lateraes das *Almas* e dos *Barretos,* e a capella-mór (2).

(1) «A misericordia foi fundada pelo povo em 1598.» *Noticia das Egrejas*, etc.

— «A egreja da misericordia foi demolida e no mesmo sitio edificada uma bella egreja no gosto moderno, com um relogio de mostrador no frontispicio.» *Apontamentos* do sr. Cunha Frias.

(2) «.... tanto o corpo da egreja como os altares estão feitos no gosto moderno e com bastante elegancia. Esta avultada despesa foi feita á custa da freguezia e em grande parte com os donativos do srs. Baetas, residentes em

Na capella dos *Barretos* ha um carneiro de familia, e na das *Almas* existiam algumas preciosas reliquias, quiçá perdidas hoje (1).

Na capella-mór, sim; ahi pára o visitante archeologo na contemplação do elegante tumulo do Escrivão da Puridade de el-rei D. Affonso v, custoso pelos lavores e grandeza (2).

E' feito de pedra de Ançã, facil de obrar e não menos resistente á destruidora acção do tempo.

Com as armas dos condes de Sortelha existe no pavimento d'esta capella uma campa rasa com o epitaphio de D. Nuno Mar-

Barbacena e Minas Geraes no imperio do Brasil...» *Apontamentos* do sr. Cunha e Frias.

O orago da egreja é «N. S. da Assumpção—Vigairaria. É nella apresentador o conde de Villa Nova de Portimão.» *Ineditos* de João Baptista de Castro — Codice $\frac{\text{CXII}}{2-8}$ da Bibliotheca publica de Evora.

«Alem do vigario tinha quatro beneficiados apresentados pelo conde de Villa Nova, senhor que foi da casa de Sortelha.» *Noticia das Egrejas*, etc. Ms. da Bibliotheca publica de Lisboa.

(1) Nesta, ou na capella-mór havia uma cabeça de santo, sem authentico de Roma, mas da qual ha esta certidão: «Certifico eu Francisco Cano, secretario da Rainha N. S. que S. A. me disse que das cabeças dos santos que lhe mandou a Serenissima Imperatriz D. Maria sua sobrinha, mulher do Imperador Maximiliano segundo, dera uma cabeça de uma santa Virgem Martyr á senhora D. Guiomar Coutinho, que Deus tem, a qual ella deu ao muito illustre senhor D. Diogo da Silveira, conde de Sortelha, para a pôr em huma das egrejas de suas terras, e porque em todo o tempo conste isto ser verdade e seja tractada esta reliquia com veneração e reverencia que se devem ás reliquias dos santos, lhe mandou dar esta certidão, por mim assignada com o sello de S. A. Enxobregas, 17 de setembro de 1577. *Francisco Cano.*»

Noticia das Egrejas, etc. Ms. da Bibliotheca publica de Lisboa.

(2) «Na capella-mór da egreja matriz da villa de Goes, ao lado do Evangelho, jaz em sepultura rasa D. Nuno Martim da Silveira, conde da Sortelha, senhor de Goes e Escrivão da Puridade de D. Affonso v.

«na lapide rasa estava o epitaphio de que apenas se pode perceber o seguinte:

aqui iaz^{d} n.^{o} martiz da silveira escri
vão da poridade delrei don af.....
quinto.... e.... o.^{r} do.....
da.... in.... doca catirin....
são....d....o..g...d.d...goi....
d....o...er....l.....
.....o..o.....
x.....i.....

Havia tambem no epitaphio uma data, hoje inteiramente destruida.

Ao lado d'esta lapide está o monumento sepulchral do referido D. Nuno, de architectura do renascimento: é uma capella feita na espessura da parede do lado do Evangelho, por baixo d'uma janella, que tambem faz parte da composição. É obra de apurado estylo e perfeita execução, em que, segundo o uso do seculo XVI está a mythologia de envolta com o christianismo. Na tampa de um sarcophago está um cavalleiro com armadura completa, mãos juntas e cabeça descoberta, tendo o murrião e manoplas diante de si

tim da Silveira, que, por muito gastado, apenas consente a custosa leitura, que em nota vai, devida ao antiquario amador e pintor distincto J. P. Fernandes Thomaz Pippa.

A leitura como se fez ainda em fins do seculo passado é esta:

AQVI IAZ^{D} N^{O} MARTĨZ DA SILVEIRA ESCRI
VÃO DA PORIDADE DELREI DON AFFONSO
QVINTO E MORDOMO MOR
DA RAINHA DONA CATIRINA
SÑOR DO MORGADO DE GOES E VILLA
DE OLIVEIRA DO CONDE O Q
VAL FALECEO EM VINTE E
OVTO DE MAIO DE 1828 (1).

Na sacristia da egreja mostrava-se, haverá vinte annos, um caixão pequeno contendo uma ossada com longas tibias e femures, que suppunham ser a do esforçado D. Nuno Martim da Silveira (2).

sobre a mesma tampa e um livro aberto em que estão gravadas as seguintes palavras:

DOMINE	AM DEV
LABIA	SIN ADI
MEA AP-	VTORIṼ
ERIES ET	MEṼ INT
OS MEṼ A	EEDE D^{O}
NNVMCI	MINE AD
ABIT LA	ADIVVA
VDẼ TV	MDṼ ME

Na pilastra do lado esquerda da capella está a data de 1531.»

Sr. J. P. Fernandes Thomaz Pippa.

(1) *Noticia das Egrejas*, etc. Ms. da Bibliotheca publica de Lisboa.

(2) «..... mui esforçado e valente Nuno Martim da Silveira que na tomada da cidade de Ceuta serviu com quatrocentos soldados, que foi escrivão da Puridade, presidente da Fazenda de Africa e aio dos filhos de El-Rei D. Duarte, conde da Silveira, senhor das villas de Goes, Oliveira do Conde, Currellos, Salavisa, S. Gião e Penella.»

Coelho Gasco, *Conquista, antiguidade e nobreza de Coimbra*, etc., cap. xxx.

Do appellido, diz João Rodrigues de Sá:

Em hũu campo prateado
bandas de Sanguynha cor:
cũa sylva deredor
de quo o escudo he çerquado
são armas de grão valor.
e em pendões e bandeyras
as podem traser sylveiras
sylveiras de sylvas vem
o nome o diz e tàbem
estorias muy verdadeyras.

Cancioneiro, etc., pag. 116.

Uma carta original de D. Nuno Martim da Silveira, com a sua curiosa

A capella-mór da egreja d'esta villa é de architectura manuelina e tem alguns quadros de bom mestre, ainda que mais modernos, distinguindo-se entre elles o do *Martyrio de S. Pedro.*

Nesta villa se julga ter nascido Affonso da Silveira, jesuita, que por haver soffrido martyrio chegou a ser beatificado (1).

Mencionado fica o que ha de mais notavel na villa. Fóra d'ella, alem da ponte, foi construida no seculo passado uma elegantissima capella dedicada a S. Sebastião por um negociante do Porto.

A cavalleiro d'esta capella no cume de um monte, que se levanta como pinha enorme, e dá nascimento á *Lomba* de accidentado viso, ergue-se uma formosa capellinha toda ameiada e elegante, que sem duvida foi construida em tempos de D. Manuel ou de D. João III, e que tem a invocação do *Senhor do Castello.*

Diremos ora alguma cousa sobre as armas d'esta villa.

Não vêm ellas mencionadas pelo sr. Ignacio de Vilhena Barbosa na sua obra sobre os *Brazões* das cidades e villas, e as nossas *Nobiliarchias* são omissas nesta parte.

Parece, comtudo, que o brazão d'esta villa consta de um escudo regular com seis flores brancas em campo azul timbrado por um dragão. Assim appareceu elle pintado na primeira exposição districtal de Coimbra em 1869 (2).

Por ultimo fallemos do grandissimo *Penedo* de Goes.

Marco milliario posto pela natureza no mais alto da *Lomba do Castello*, é elle como uma especie de perenne ameaça aos habitantes de Goes, que lá do fundo valle o avistam sobranceiro, ora lugubre e triste como um grande mausoleu, ora trajando galas na cima nevada. É visto este formoso rochedo de grandes distancias, e junto lhe passa a estrada que de Coimbra vai para Castello Branco (3).

assignatura, existe no liv. 2.º dos originaes do archivo do municipio Eborense, que lhe pedira seu valimento numa pretenção. É datada de Lisboa, 1 de agosto de 1449.

(1) «É tradição ter nascido nesta villa Affonso da Silveira, descendente dos senhores de Sortelha, que foi padre da Companhia e que foi beatificado por morrer martyrisado.» *Noticia das Egrejas*, etc., etc.

(2) *Apontamentos* do sr. Cunha e Frias. Possivel é que o brazão da villa seja o mesmo da casa dos Goes; e, em tal caso, deverá ser:

«Em campo azul seis cadernas de crecentes de prata postas em duas pallas, e por timbre um Drago azul armado de prata com uma caderna das armas no peito.» *Monarchia Lusitana*, tit. 3.º, liv. VIII, pag. 80.

(3) «Este penedo é um penhasco enorme d'uma grande altura e base a ella proporcionada, e que, olhado a grande distancia pelo lado do norte e poente, se apresenta em forma quasi pyramidal; e, na verdade, se fôra obra da mão do homem, não seria menos formosa que a pyramide de Cheops.» Joaquim José Dias Corrêa, *Descripção* citada.

Complete esta noticia um breve esboço estatistico (1).

Eis o que por agora se nos offerece escrever sobre a terra onde vimos a luz do dia, e onde subimos os primeiros doze degraus da escada da vida, que já descemos longe d'ella, infelizmente; que não ha poder alguem arredar da lembrança aquelles sitios saudosos onde deu os primeiros passos, e onde descuidado viu deslisar os primeiros dias da sua infancia

Evora, 1870. A. F. Barata.

BIBLIOGRAPHIA

Musicas e canções populares, colligidas da tradição, por Adelino Antonio das Neves e Mello (filho).

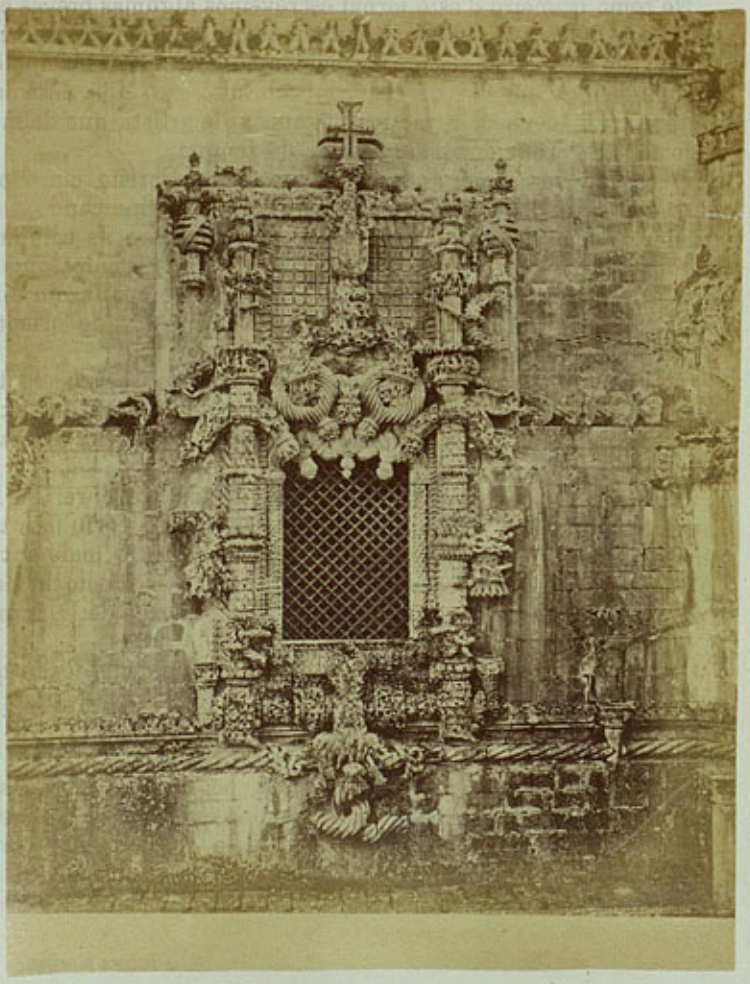
Todos sabem que se vai generalisando entre nós o gosto dos romanceiros e collecções de cantigas populares. A principio tentaram-se imitações, e quasi que não houve poeta que não compozesse sua chacara ou ballada, esforçando-se por copiar a ingenuidade e singeleza da melopêa do povo. Poucos ha que ignorem a acceitação que teve em tempo o *Romanceiro* de Ignacio Pizarro, e depois os *Soláos* do Visconde de Gouvêa. Castilho e Herculano sacrificaram tambem ao gosto da epocha, e Mendes Leal deveu o principio da sua popularidade á chacara dos *Dois renegados*.

Mais tarde Garrett introduziu e assentou definitivamente o verdadeiro cancioneiro nacional. A *Adozinda* é um modelo, e a coordenação das principaes canções que se conheciam no reino uma tentativa que ficou servindo de norma a futuros colleccionadores. Depois veio Theophilo Braga com variadas collecções, entre as quaes se distingue primorosamente o *Cancioneiro Açoriano* E não deve omittir-se Estacio da Veiga com o *Cancioneiro do Algarve*.

O livro que temos á vista é um pouco differente de todos estes. Os primeiros contêm os factos ou contos que o povo, ou por amor nacional ou por phantasia, verteu para canções que se cantam á lareira, no estrado do lavor e á cabeceira do berço. O segundo colligiu as cantigas soltas e desconnexas que se entôam em gracioso descante nas danças e folias da plebe. Travam-se as rodas, e ao tanger das violas ouvem-se cantigas, muitas vezes improvisadas por toscos menestreis sob a inspiração d'um olhar travesso. O sr. Neves não inventou nem corrigiu, copiou fidelissimamente dos sons que ouviu das ruidosas chorêas populares. E a letra é acompanhada da musica em edição esplendida de luxo e bom gosto.

Foi esta publicação um bom serviço, e como tal a estimamos muito.

(1) «Hoje a villa tem aproximadamente 900 almas; tem mais a freguezia da Varzea com sua egreja parochial: freguezia bastante rica pela abundancia de aguas e fertilidade de terreno.» *Apontamentos* do sr. Cunha e Frias.



JANELLA DA CASA DO CAPITULO NO CONVENTO DE CHRISTO EM THOMAR

No tomo primeiro d'este jornal escrevemos algumas breves considerações ácerca do estylo architectonico da egreja do convento de Christo em Thomar. O que por então dissemos tem applicação tambem á janella da casa do capitulo, em cujo desenho e esculptura se conhece a mesma phantasia de artista que delineou o portal e a ornamentação exterior do templo.

O escudo das armas reaes com a cruz de Christo em cima e de um e outro lado as espheras armillares estão indicando o edificador. Alem das cordas, a folhagem que cobre as columnas, similhante á de certas plantas marinhas, alguns ornatos que trazem á lembrança as fórmas dos polypeiros e coraes fazem ainda mais clara no gosto d'esta esculptura a influencia do oriente e das grandes emprezas maritimas.

A janella da casa do capitulo do convento de Christo em Thomar está muito bem conservada, e é sem duvida um dos exemplares mais elegantes e mais caracteristicos do estylo *manuelino* ou portuguez.

Anteriormente á casa do capitulo, edificada por el-rei D. Manuel, houve outras duas, a primeira das quaes serviu aos templarios e foi por elles construida juncto ao claustro mais antigo. A segunda mandou-a fazer o infante D. Henrique juncto ao claustro do cemiterio. A terceira é, como diziamos, obra de D. Manuel e talvez sendo ainda duque de Beja.

Mais tarde, empunhando já o sceptro real, e conhecendo quão pequena ficara a casa para uma ordem tão opulenta e numerosa, como a de Christo, emprehendeu a edificação de nova casa que por sua morte deixou incompleta. Continuou-se esta obra nos reinados de D. João III e D. Sebastião, porém não chegou a ser concluida. Esta ultima casa do capitulo, que seria a quarta, se a acabassem, foi começada fóra do edificio do convento e proximamente ao claustro dos Filippes, que ainda então não existia. Deveria ficar obra grandiosa e uma das mais espaçosas salas capitulares dos conventos do reino (1).

A. Filippe Simões.

(1) O côro da egreja ficava sobre a abobada da casa e pertence á janella que a photographia representa. No tomo primeiro d'este jornal, referindo-nos á obra de talha que a guarnecia, dissemos que os francezes a tinham queimado no principio d'este seculo. Ouvimos depois que este facto, referido pelos escriptores, que têm tractado da egreja e convento de Thomar, não é verdadeiro, e que os francezes, achando magnifica aquella obra, a mandaram para fóra de Portugal. Disseram-nos mais que ainda hoje se conserva numa egreja

NO BUSSACO

I

Este pequeno artigo, ou como melhor em litteratura se lhe deva chamar, é escripto no Bussaco, no primeiro dia d'esta semana, á sombra da ramada de um annoso cedro da frondosa matta que se estende pela encosta da montanha.

Ao pé murmura canções d'amor a agua que corre pura como crystal, e o vento, açoitando fortemente as cômas dos robles gigantes, produz um som similhante ao das aguas do oceano quando são batidas pelas tempestades do inverno.

Não longe jaz sem folhas e sem casca uma arvore corpulenta; o raio, vindo do alto, roubara-lhe a seiva e causara-lhe a morte.

Bussaco! Que nome e que recordações! Quando a gente sobe até á cruz alta e de lá contempla e admira o soberbo panorama que se apresenta á nossa vista, o espirito sente-se pequeno em presença da immensidade, e a intelligencia confunde-se perante o poder infinito do Creador.

Collinas, florestas, campos, rios, montanhas, tudo quanto Deus produziu para o homem no excesso do seu amor, tudo alli está representado naquella grande porção de terra!

E depois, aquellas arvores já assistiram ao labutar de algumas gerações; já viram, quando eram jovens, a grandeza de Portugal, para lamentarem e chorarem depois, velhas e annosas, a progressiva decadencia da nação que deu leis ao mundo. Á sua sombra já se abrigaram varões santos, almas caridosas, corações generosos, intelligencias illustres, que consumiam a vida no ardente fogo divino, conservando-se n'aquella tristissima solidão, aonde nem ao menos tinham a companhia das aves, que lhes fizessem côro nos seus canticos sagrados. E, quando nas horas em que tudo é silencio, conversarem miserias presentes, dirão:

«Que foi feito d'esses homens que mandaram levantar este monumento de trabalho e de gosto artistico? Uns jazem nas campas, para onde os atirou o impeto da morte. Outros... outros... os *patriotas* estorrados obrigaram-nos a abandonar este ninho de paz, e lançaram-nos para o pelago das torpezas do mundo que felizmente os não poderam contaminar.»

ou capella extrangeira. Esta versão é mais acceitavel que a outra. Ignoramos, porém, que fé possa merecer.

No que dissemos relativamente aos principios da quarta casa do capitulo, repetimos o que escreveu o sr. Vilhena Barbosa. Não sabemos, porém, que provas acharia este escriptor que o levassem a attribuir a el-rei D. Manuel o principio d'aquella casa.

Mas isto dizem-nos as arvores; e as arvores podem mentir.

Agora me distrahiu d'este meditar o meu amigo Simões de Castro, apontando-me para um velhote, gordo e nedio, que vae caminho da fonte.

É um vulto respeitavel pela edade; viveu ainda muito com os frades; e, apesar dos avançados annos, nem um cabello branco alveja n'aquella cabeça austera.

Eu dirigi-lhe a palavra, perguntando:

— Vocemecê como se chama?

— Francisco, por alcunha o Bolas — respondeu-me.

— Pois, sr. Francisco, sabe contar-me alguma cousa de notavel do tempo dos frades?

O homem encarou comigo, e disse-me:

— Conto, sim senhor, e em duas palavras. Os frades eram homens justos que se sujeitavam a todas as privações e gastavam a vida na oração e na penitencia. Quando a tempestade se desencadeava medonha sobre esta planicie de ramos, ou quando o sol brilhava no firmamento do céo, correspondiam aqui neste descançado retiro os sinceros louvores dos devotados ao Senhor.

Hoje, de tudo isso, restam as arvores e as capellas; mas arruinadas pelo vandalismo dos homens e pelo perpassar do tempo.

E ao dizer isto, duas grossas lagrimas lhe rolaram pelas faces.

Depois continuou:

— O senhor, que é joven, que principiou hontem ainda a viver, que conhece os alegres prazeres das grandes povoações, não pode comprehender, e talvez já tenha escarnecido d'estes espiritos valentes, que no vigor da vida vestiam a mortalha que se havia de gastar com elles.

Mas, se observasse de perto a reacção contínua da virtude contra os appetites da carne, a sobriedade na comida, a perseverança nas grandes obras, a tenacidade nos actos grandiosos da religião, as acções repetidas de dedicação e martyrio, o senhor admirava até aonde pode chegar a humildade dos verdadeiros crentes, e a exactidão no cumprimento dos conselhos evangelicos.

Mas, volveu o meu conversador repentinamente, deixemos cousas tristes, que não têem remedio. Sabe que mais, nunca appareceram aqui pardaes, pêgas e rouxinoes. E elles que ousassem violar a sanctidade d'estes muros, que a minha caçadeira os faria arrepender do atrevimento.

— Como assim, retorqui eu?

— É o que lhe digo. Este logar é para a penitencia e meditação; não quero que os rouxinoes, com o seu canto, venham perturbar o silencio d'estas solidões. Isso seria uma profanação e bastam as profanações que os homens ahi commettem todos os dias.

Quer saber? Ha annos veiu um certo deputado visitar o Bussaco, e sem mais nem menos cortou o nariz de uma imagem de Jesus Christo.

Eu, quando tal soube, cuidei que endoudecia; e, se o homem se não safa tão cedo, o caso era fallado.

Esse mesmo deputado, porque me vira cortar um ramo de pinheiro, foi para Lisboa annunciar que ia grande destruição pela matta do Bussaco, e que, se o governo não providenciasse, dentro em pouco tempo não ficaria uma arvore em pé.

Olhe, senhor, eu sei o que são os homens e faço ideia da podridão que lavra pela sociedade; por isso me conservo por aqui, convivendo com as arvores e com as fontes, que me dão grata sombra e fresca agua.

E n'isto callou-se.

Eu estava admirado da prudencia e do juizo que se revelavam nas palavras d'aquelle homem, apparentemente tão rude, e escutava-o com a maior attenção.

Por ultimo apertou-nos a mão e concluio:

— O senhor fica julgando-me um visionario ou um tolo, mas o futuro o convencerá de que, se o presente é grande, deve-o muito ao passado.

Hoje admiram-se esta soberba matta e os adornos que por ahi espalhou a arte e o trabalho; e amaldiçoam-se os que deram principio a ella e por ahi edificaram essas capellinhas elegantemente toscas, essas fontes, essas estatuas perfeitissimas que são o enlevo dos que as contemplam.

Pois bem; depois d'esta virá uma geração mais imparcial, porque a justiça e a moralidade ainda não abandonaram a terra.

Cumprimentou-nos e retirou-se.

Simões de Castro levantou-se e disse-me:

— Creio que o Francisco tem razão Aquellas maneiras rusticas encobrem um espirito elevado. Vamos jantar e procuremol-o depois, porque aquelle homem possue a sciencia da verdade.

Silva Rocha.

NUMISMATICA PORTUGUEZA

A coroa de Castella e Aragão unida á de Portugal em 1475

I

O senhor D. Affonso v, tomando o titulo de rei de Castella e Leão, teve por primeiro cuidado a cunhagem de moeda que per-

petuasse a memoria da reunião das duas coroas de Castella e Leão na de Portugal.

Não podemos precisamente marcar o numero de cunhos que el-rei mandou abrir; mas no emtanto diremos que são muitos e variados nas legendas.

Para este nosso modesto trabalho historico copiámos todas as moedas que offerecem variantes.

De ouro apresenta-nos o sr. Aragão um exemplar, que diz lhe mostrara na bibliotheca de Paris o seu conservador, Mr. Chabouillet. Este exemplar era inteiramente desconhecido aos olhos da numismatica, e foi o sr. Aragão quem primeiro fallou d'elle.

De prata são todas as moedas que existem nos differentes medalheiros.

De cobre não se tem descoberto nenhuma. Para nós é ponto duvidoso que se não tivessem cunhado; todavia, até hoje, não nos consta que os curiosos de numismatica portugueza tenham alcançado um só exemplar.

Descripção das moedas

1. No anverso, sobre a cruz de Aviz as quinas de Portugal, com a orla de quatro castellos, e nos campos uma moleta de seis raios, e em volta a legenda: + ALFONSVS : DEI : GRACIA : R. No reverso escudo esquartelado com as armas de Castella e Leão, eguaes moletas nos campos, com a legenda ALFONSVS : DEI : GRACIA : REX CA. Ambos os escudos estão coroados.

2. No anverso as quinas de Portugal entre quatro anneis com oito pontos, com a legenda +ALFONSVS : DEI : GRACIA : REX C. No reverso uma cruz, cujas pontas tocam na legenda, tendo no primeiro e segundo campo as armas de Castella e Leão, e assim os contrarios, com a legenda + ALFONSVS : DEI : GRACIA : REX.

3. No anverso sobre a cruz de Aviz as quinas de Portugal, com a orla de dez castellos das armas do Algarve, tendo sobre os campos tres OO, dois dos lados e um sobre o escudo como timbre, com a legenda ALFONSUS : DEI : GRACIA : REX : CAST. No reverso escudo esquartelado com as armas de Castella e Leão, timbrado com uma pequena moleta, com a legenda + ALFONSVS : DEI : GRACIA : REGIS : CAST.

Não têm coroa estes escudos.

4. No anverso tem o mesmo que a do n.° 3, com a legenda + ALFONSVS : DEI : GRACIA : REX : CASTE. No reverso uma cruz, cujas pontas tocam na legenda, tendo no primeiro e segundo campo as armas de Castella e Leão, e assim os contrarios, com a legenda + ALFONSVS : DEI : GRACIA : REGIS : CASTE.

Não têm coroa estes escudos.

5. No anverso o escudo de Portugal tendo dos lados dois anneis, e no cimo um P (Portugal) entre dois pontos, com a legenda + ALFONQ : QVINTIS : REIS : CASTELE : E LEONEES. No reverso o escudo com as armas de Castella e Leão e no cimo um C (Castella) entre dois pontos, com a mesma legenda do anverso (1).

II

Do senhor D. Duarte e da rainha D. Leonor nasceu D. Joanna, que casou com Henrique IV, rei de Castella e Leão; e d'este consorcio nasceu, unica filha, D. Joanna.

O nascimento d'esta princeza foi tão disputado por parte da nobreza de Castella, que obrigou D. Henrique a fazel-a jurar herdeira de todos os seus reinos. Um dos nossos chronistas assim escreve:

«Sendo elrey D. Henrique avisado dos que se dohião de sua honra, como algumas pessoas duvidavão da Infanta Dona Joanna ser sua filha, elle, por de todo confiar nos coraçoens de seus vassallos, o que nessa parte tinha por certo, fez Cortes em Madrid, onde perante os Estados dos Reynos declarou a dita Infanta Dona Joanna por sua filha legitima, havida delle na Raynha Dona Joanna sua mulher, e a fez logo jurar por verdadeyra herdeyra, e successora de todos os seus Reynos e Senhorios, em idade de dous mezes» (2).

Morto D. Henrique aos 12 de Dezembro de 1474, em seu testamento, escripto pelo secretario João Ovedo, «declarou a Prynceza Dona Joana por sua Fylha, e por Raynha erdeira dos Reynos de Castella. E a ElRey Don Affonso por Governador delles, pedindo-lhe fynalmente que acceitasse a dita governança, e casasse com ella (3);»

Ficando testamenteiros o cardeal de Castella D. Pedro de

(1) A moeda com o n.º 1 é de ouro, com o peso de 4,05; existe na bibliotheca de Paris. D'esta e da que tem o n.º 2 vem a sua estampa na *Descript. des Mon. et Medailles, etc.*, pelo sr. Aragão.

A moeda n.º 3 foi por nós copiada de um bem conservado exemplar, que no seu rico medalheiro numismatico portuguez possue o nosso estimavel amigo o sr. Abilio Augusto Martins.

A moeda n.º 4 vem estampada na *Memoria das moedas correntes em Portugal, desde o tempo dos Romanos até ao anno de* 1856, por Lopes Fernandes.

Da moeda n.º 5 copiámos a sua descripção do livro do sr. Aragão, já citado. Sobre esta moeda devemos dizer que não foi o seu gravador artista portuguez. Levam-nos a crer isto os muitos erros contidos nas legendas.

(2) Goes, *Chron. do Principe D. João*, cap. XXXVI, pag. 88.

(3) Ruy de Pina, *Chron. de D. Affonso V* no t. 1.º dos ineditos da Acad., cap. CLXXIII, pag. 537.

Mendoça, o Duque de Arevalo, o Conde de Benevente e o Marquez de Vilhena; este immediatamente escreveu ao monarcha portuguez uma carta, na qual lhe dizia o seguinte.

«Que já Sua Alteza teria visto o testamento que lhe mandarão de ElRey D. Henrique, e a declaração, que nelle fizera de a Princeza Dona Joanna ser sua legitima filha herdeyra de todos os seus Reynos, e Senhorios, e que a elle mais que a nenhũa outra pessoa tocava o amparo d'ella, por ser sua sobrinha, e assim por ElRey D. Henrique o deyxar por tutor della, e defensor dos Reynos de Castella e Leão; as quaes razões o devião mover para logo acodir á força que fazia D. Fernando Principe de Aragão e a Princeza Dona Izabel, que contra direyto, e contra todas as leis de justiça e verdade se tinhão já intitulado por Reys dos ditos Reynos, no que devia prover com brevidade, e para ter mór aução, que elle recebesse logo a Princeza por mulher, porque quanto mais cedo o fizesse, tanto mais asinha se virarião para elle outros muytos senhores, alem dos que já tinha de sua banda» (1).

Viuvo de D. Izabel, o senhor D. Affonso V, depois de ouvir os do seu conselho, e contra o parecer do D. Jorge da Costa, arcebispo de Lisboa, e D. Fernando, Duque de Guimarães e Marquez de Villa Viçosa, partiu para Placencia, e alli «despois de feita pubrycamente a solenidade dos esposoiros, como em tal caso compria, logo com cirimonias de trombetas e Reys darmas em altas vozes foram pellos senhores que eram presentes, e com outros muytos com suas procurações allevantados e jurados por Reys de Castella, e por taaes lhes beijaram as maaõs, e se tomaram disso pubricos estromentos. E dally em diante se intitullou ElRey Dom Affonso, Rey de Castella e de Liam e de Portugal» (2) Isto foi correndo o anno de 1475.

Provado que o senhor D. Affonso V foi rei de Castella e Leão, diremos que pouca duração teve este reinado: os louros colhidos nos plainos africanos, que lhe deram o titulo pelo qual é conhecido na historia, foram perdidos em terras de Castella.

Os seus conselheiros, dizendo-lhe *que tamanha empreza não era para deixar* (3), mentiram, e só bem avisados andaram os que disseram que *tal empreza não poderia vir a bom fim* (4). As consequencias que depois se seguiram provaram esta verdade.

(1) Goes, *Chron.* citada, cap. XLII, pag. 106.
(2) Ruy de Pina, *Chron.* citada, cap. CLXXVIII, pag. 542.
(3) Goes, *Chron.* citada, cap. XLII, pag. 107.
(4) Goes, *Chron.* citada, pag. 108.

III

D. Izabel, irmã de Henrique IV, casou com Fernando, rei de Aragão, e com a morte do rei de Castella julgava-se com direito á coroa que vagara. Dividida a nobreza entre Joanna e Izabel, esta teve por seu lado maior numero de nobres; e Joanna só tinha por si o seu direito como filha do rei que baixara ao tumulo; porem nem o testamento, em que o pae a nomeara herdeira, nem o juramento das côrtes de Madrid, em que lhe deram o titulo de rainha, fez cargo nos castelhanos e leonezes para a sustentarem no throno.

As embaixadas, de que foram encarregados Lopo d'Albuquerque e Ruy de Sousa, enviados pelo rei de Portugal ao de Aragão, nenhum resultado obtiveram: foi a sorte das armas, foi o direito do mais forte, que deveria mostrar em qual das duas cabeças assentaria a corôa.

Foi nas proximidades da cidade de Touro que se avistaram os dois exercitos: deram batalha, e ambos os reis ficaram vencidos, ficando os seus capitães vencedores (1). Vendo o monarcha portuguez que a sorte lhe tinha sido desfavoravel, voltou ao reino, sem comtudo ceder dos direitos que tinha á corôa (1476).

Tres annos depois (4 de setembro de 1479), foi celebrado um tractado, em que, acabando com as muitas correrias, que de contínuo incommodavam os dois reinos, *pacificamente* se collocou a corôa de Castella e Leão sobre a cabeça do monarcha aragonez.

Em quanto a D. Joanna, conhecida na historia por a *excellente senhora,* cobriu-se com o manto franciscano nas Claras de Santarem, e como recordação da sua antiga realeza só lhe ficaram as armas esquarteladas com castellos e leões, que trouxe sempre direitas, carregando-as com a tristissima divisa — MEMORIA DI MI DERECHO — e sendo-lhe ordenado que mais as não usasse, tomou outra muito galante para seu intento, — *huns alforges metidos pelo pescoço deitados por diante e por traz* (2).

Esta é, em resumo, a historia das moedas mandadas cunhar pelo senhor D. Affonso V, como rei de Castella e Leão, que muito rareiam hoje no mercado.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE.

(1) Mariz, *Dial. de Varia Hist.*, cap. IX, pag. 295.
(2) Mariz, liv. citado, cap. V, pag. 265.

CLAUSTRO DO SILENCIO NO MOSTEIRO DE SANCTA CRUZ DE COIMBRA

Em o n.º 12 do vol. 1.º do *Panorama Photographico de Portugal* apresentámos a photographia da formosa abobada das galerias do Claustro do Silencio. No artigo respectivo referimos o curioso facto que originou esta e outras construcções da mesma epocha no mosteiro de Santa Cruz.

No presente numero damos a photographia da parte externa das arcarias e da esbelta fonte que está no meio do claustro (1). Tem este a fórma de uma vasta quadra. Em cada um dos seus lanços ha cinco arcos de volta ogival, separados uns dos outros por pilastras ou gigantes que terminam por uma cruz. São os arcos divididos ao meio por columnas delgadas, que em certa altura se ramificam para os lados e rematam em um gracioso olhal que vai tocar no fecho. As columnas tem os fustes retorcidos em fórma de cordão, ou cobertos de folhas sobrepostas, ou ainda de outros gostos variados. Superiormente aos quatro lanços do claustro corre uma galeria, cujas tres partes são cobertas e tem o tecto apoiado em pequenas columnas; o quarto lanço da galeria está incompleto.

No meio do claustro levanta-se uma esbelta fonte pyramidal, rematada por uma estatua pequena, e adornada com duas taças. A agua, sahindo do globo que serve de peanha á estatueta, cahe na primeira taça, d'esta na segunda e por fim no tanque inferior. É de muito bonito desenho este chafariz, bem ornamentado no estylo do renascimento, e apresentando á vista um todo esbelto e gracioso. É muito posterior á obra geral do claustro. Este foi construido no priorado mór de D. Pedro Gavião, bispo da Guarda, o qual durou desde 1507 até 1515; o chafariz foi erigido por D. Paulo de Santo Agostinho, que foi prior geral no triennio que começou em abril de 1636. Diz a este respeito D. Nicolau de Santa Maria: «E parecendo-lhe que em uma claustra tão grave, e auctorisada, como a do Mosteiro de Sancta Cruz, não convinha haver canteiros de boninas, com laranjeiras, os mandou desfazer, e tirar as laranjeiras, ficando a praça do vão da claustra (a que chamamos céo da claustra) toda despejada, e lageada de lisonja de pedra de Ançã, e só no meio mandou se levantasse uma fabrica de fonte muy levantada,

(1) Esta photographia foi copiada de outra tirada pelo habilissimo photographo inglez Turston Thompson para o museu South Kensington.

Aproveitamos esta occasião para dizermos que a photographia do numero antecedente foi tirada de um *clichè* com que nos obsequiou o sr. Carlos Relvas.

com grandes pratos, e taças de pedraria bem lavrada, recebendo os maiores a agua dos mais levantados, e menores, até cahir em seu tanque; tem por remate esta fermosa fonte uma peanha de quatro carrancas que lançam agua pelas boccas, sobre a qual está em pé um Anjo armado, que tem na mão esquerda o escudo das Armas Reaes, e na direita uma Cruz de bronze a modo de lança.» (1).

A. M. Simões de Castro.

NA CRUZ ALTA DO BUSSACO

(Improviso)

Foi aqui, foi aqui que o braço lusitano
Os livros da victoria abriu mais uma vez!
Foi aqui, que, gemendo, as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez!

Parece-me inda ouvir o grito dos vencidos,
O estrondo da batalha, os roncos do canhão!
Parecem reboar ainda a meus ouvidos
Os echos do clarim, perdidos na amplidão!

Nos robles cuido ver o vulto majestoso
Dos nossos, que o pendão das Quinas defenderam!
O canto da floresta, altivo, rumoroso,
É hymno de triumpho, é nenia aos que morreram!

Bravos, dormí em paz, dormí em paz agora;
Das lides repousae na santa eternidade:
Raiou de vossa campa uma sublime aurora,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

1862.

Luiz Carlos.

SEGUNDO CONTO

No estio passado voltava eu d'essa matta frondosissima, que os homens plantaram na encosta da serra, que se chama Bussaco.

Passára parte da estação calmosa neste abrigado recanto do mundo, conversando com as arvores, e subindo, de vezes a tempos, até juncto da Cruz, d'onde a vista se expande pelos espaços sem fim.

(1) *Chronica dos Conegos Regrantes*, liv. x, cap. xlv.

Cançado, porém, d'aquelle viver monotono e sombrio, resolvi retirar-me para Coimbra, e tomei bilhete num dos muitos carros, que nessa epocha pejam a ingreme estrada que parte da Mealhada para Vizeu.

Batiam 7 horas da tarde, e o carro entrava na Mealhada. Apeei-me, e dirigi-me para o hotel Bussaco a tomar um refresco.

Estava sentado á mesa, á espera que me servissem, quando vejo entrar uma mulher, e sentar-se proximo de mim. Não era o que se chama uma belleza; mas as feições do rosto, largas e bem acentuadas, davam-lhe uma certa graça, que inspirava sympathia, se não fossem as suas maneiras demasiadamente petulantes, e o seu vestuario excessivamente pretencioso.

Depois de me fitar, levantou-se, e correu para fóra da sala.

D'ahi a pouco entrava o creado com o refresco.

— Vossê conhece esta mulher, perguntei eu?

— Saiba o sr. que não. Esta senhora chegou ha dois dias na diligencia de Vizeu, acompanhada por uma creada, e pediu um quarto para ambas. Hontem veiu aqui procural-a um sujeito, chegado no comboio do sul; conversou com ella por largo tempo, e retirou-se, assim com modos de desconsolado. Ella, pelo contrario, pulava por ahi que parecia doida, e de vez em quando gritava para a creada — Eulalia, não ha dinheiro que me compre a liberdade.— Só isto sei; mas, se o sr. quizer que eu procure informações...

— Obrigado; não preciso. Em todo o caso, não lhe communique que perguntei por ella.

Tomei o refresco, e recolhi-me para um quarto, esperando que chegasse o comboio do Porto, mas excitado pela curiosidade.

Tinham-se passado poucos minutos, quando senti bater de mansinho á porta. Mandei entrar. Era a desconhecida.

— Antes de mais nada, principiou ella, e para justificar a minha entrada no seu quarto, dir-lhe-hei que ouvi a sua conversa com o creado. Desculpe-me; mas nós as mulheres temos tão desenvolvido o espirito da curiosidade... que ás vezes, para lhe não domarmos os impetos, chegâmos a commetter inconveniencias.

— Mas, comecei eu a dizer, a minha pergunta ao creado não significava...

— Não quero saber o que significava; nada tenho com isso. Podia interrogar o creado sem minha licença. Quer que lhe diga? Eu gosto que saibam quem eu sou; estimo que não sejam ignoradas as circumstancias da minha vida porque ha nella muita lição de moralidade. O sr. demora-se aqui?

— Hei de partir no comboio das 7 horas e meia.

— Pois bem. Temos ainda meia hora; é o sufficiente para lhe contar a minha historia. Quer ouvir-me?

— Ó minha senhora, com todo o gosto.

— Pois então escute-me.

E logo como que se lhe mudou a expressão do rosto, o riso desappareceu-lhe dos labios, e as faces descoraram um pouco. Concentrou o espirito por um momento, e principiou assim:

***

«Nasci numa das mais bellas cidades do Minho, e chamo-me Josephina. Meu pae era rico; d'onde lhe viera a riqueza nunca soube, por mais que desejasse averigual-o.

A minha infancia foi descuidosa e alegre. Minha mãe era um coração d'anjo; se não morresse prematuramente, a minha sorte não seria tão desgraçada.

E interrompeu-se para limpar as lagrimas. Depois continuou:

— Fiquei sósinha no mundo na edade de 10 annos. Tinha pae, mas era como se o não tivesse. Os negocios commerciaes occupavam-no constantemente, e eu passava os dias só, vivendo com as minhas maguas, e pedindo a Deus que se lembrasse de mim.

Meu pae não me mandou ensinar. Seguia o principio de que á mulher faz mal a instrucção e o saber; e, como era rico, dizia que á sua filha nunca faltariam meios de subsistencia. Peior para mim. Podia hoje ganhar a vida com honra, e não me expôr ás injurias quotidianas dos que não comprehendem a desgraça... Paciencia; ao menos conservo ainda o sentimento da dignidade que não deixarei arrastar até á ignominia...

De quando em quando visitava-me um velho millionario, que no Brazil enriquecera não sei se por modos licitos ou illicitos.

Um dia vi passar na rua um elegante militar; alferes de infanteria. Era um lindo moço; pelo menos assim me pareceu, e o certo é que logo o amei. Não sei se o coração tambem lhe bateu por mim; mas no dia seguinte recebi uma carta d'elle. Felizmente uma das minhas creadas era mais instruida do que eu; leu a carta, e escreveu a resposta. Estabeleceram-se assim as nossas relações amorosas.

Dois mezes depois, lembro-me bem, foi no domingo de Ramos, preparava-me para ir á egreja, quando recebo um recado de meu pae para lhe ir fallar.

Não pensando sequer no que se ia passar, entrei socegada, e quasi risonha. Meu pae estava escrevendo; d'ahi a pouco depoz a penna, levantou a cabeça, e rompeu assim:

— Josephina; resolvi casar-te com o sr. Lourenço Antunes. (Era o velho millionario).

Fiquei attonita, e quasi desfalleci.

— É preciso dar-te um amparo; e o sr. Antunes, pela sua riqueza e bom senso, proprio da edade, está nas condições accommodadas.

Comprehendi que se queria fazer um casamento de conveniencia. Comecei a colher animo, e disse:

— Mas, meu pae, hei de casar com um homem de quem não gosto?

— No matrimonio não ha gosto; respondeu elle sentenciosamente; o matrimonio é uma operação commercial, em que se devem procurar probabilidades de ganho. O sr. Antunes possue uma fortuna superior á nossa; logo o partido é magnifico, e seria uma refinada tolice deixar fugir a nova fortuna que se depara. Casamentos por amor? Ora adeus, Josephina, eu não casei com tua mãe por amor, e apesar d'isso, vivemos sempre debaixo do mesmo tecto. É verdade que não conviviamos estreitamente; que importa isso? Especulei commercialmente, e isso me bastou...

Repugnava-me este descaramento, e estive quasi a voltar-lhe as costas.

— Por isso, continuou meu pae, aconselho-te a que cases com o sr. Antunes; ou antes, quero e mando que te ligues a elle. A vontade do pae é a lei, e, quando o chefe de casa se pronuncia, é dever do bom filho o conformar-se com todos os seus desejos...

— Ainda mesmo quando elles vão sacrificar a sua vida, e fazer d'elle um martyr, em lucta constante com a consciencia e com a vocação?

— Sempre e sempre... e demais, quero eu, ha de casar, senão...

— Senão?...

— Será sepultada num convento.

— Pois, meu pae, declaro-lhe formalmente que não caso com esse homem; não o amo; não me hei de ligar a elle. Mande-me para um convento; mate-me se quizer, mas não caso.

Ó minha mãe, minha mãe; que falta me faz agora o teu seio, para receber estas lagrimas de amargura.

— Nada de choramingas; retire-se...

Sahi do quarto, e mandei logo participar o occorrido ao meu namorado. Depois chorei, chorei, até qne não tive mais lagrimas.

No outro dia recebia a seguinte carta d'elle, que decorei:

Josephina

Chegou a hora do sacrificio. Se teu pae é um miseravel, que quer sacrificar a tua felicidade, serei eu o teu salvador. Amo-te muito, para te abandonar n'esta occasião tão critica. Amanhã, ao anoitecer, espero-te á porta de tua casa. Fugimos d'aqui, já que querem roubar-te aos meus extremos. Deus será por nós, porque Deus auxilia os que se amam deveras. *Julio de Mello.*

Infelizmente a carta, por um desastre que não podia prever, chegou ás mãos de meu pae. Fiquei logo guardada por duas mulheres, a quem foi incumbida esta gloriosa missão. Que mais será preciso dizer? D'ahi a tres dias era mulher de Lourenço Antunes.

***

Nada lhe conto a respeito dos meus primeiros mezes de casada. O sr. avaliará o que devia ser a minha vida, achando-me ligada a um velho, a quem não podia ter affeição. E depois a imagem do meu unico amor perseguia-me sempre; porque demais a mais, confesso-o, o retrato do meu Julio nunca me deixou; trazia-o apertado ao coração, porque o coração era d'elle.

Um anno depois era mãe d'uma formosa creança, de que sempre terei saudades. Cheguei a esquecer a minha desgraça, para só pensar no meu filho; passava todas as horas juncto d'elle, e rogava a Deus que o não roubasse ás minhas caricias e ternuras.

Eram passados dois annos d'esta vida attribulada, quando um dia, chegando á janella, vi Julio de Mello. Acabára uma commissão que o retinha em Lisboa, e voltára ao seu corpo. Turvou-se-me a vista, desmaiei, e cahi no chão.

Recuperando os sentidos, perdi a energia com que tinha resistido á tentação, e perdi-me. Esperei que Julio tornasse a passar, e mandei-lhe dizer que me fallasse ao anoitecer. Julio veio; lancei-me nos braços do unico homem que eu tinha amado; e, depois dos desafogos de duas almas que vivem uma para a outra, e que ha dois annos a fatalidade tinha separado, combinámos um plano de fuga.

Foi este o meu maior peccado. Abandonei o meu filho; o meu adorado Alfredo, vivo retrato de sua mãe; elle que tantas vezes estendia as mãosinhas e me circumdava o pescoço, e sorria para mim com um sorriso que só devem possuir os anjos do céu!

Deus castigou-me. Fugimos para o Porto e ahi nos estabelecemos numa hospedaria. Os primeiros seis mezes do crime passaram ligeiros. Ás vezes os remorsos do abandono do meu filho atormentavam-me a alma; mas logo os affagos de Julio me desfaziam estas excitações.

Porém o amor de Julio foi-se gastando. Não havia laço indissoluvel que o prendesse a mim; unia-nos apenas o vinculo da affeição; mas os sentimentos gastam-se, e, como as cousas physicas, vão-se consummindo com o uso.

Um dia achei-me sósinha, e desamparada de todos. Não podia voltar para casa de meu marido, porque já não era vivo; e, se o fôra, não lhe devia manchar a casa, quem já lhe tinha man-

chado a honra; não podia tambem recorrer a meu pae, porque esse nem sequer consentia que lhe fallassem em mim.»

Chegava a narrativa a este ponto, quando se ouviu o silvo da locomotiva que se aproximava.

«Eu termino em duas palavras, continuou Josephina. Lancei-me na voragem do mundo, para não morrer á fome; tenho vendido o meu corpo para ganhar meios de subsistencia. De terra em terra, vou arrastando esta pesada cruz, que eu tomo por castigo de ter abandonado meu filho.

Ultimamente, meu pae propoz-me, por intervenção de um amigo, que me recolhesse a sua casa, d'onde não sahiria jámais. Recusei.

Mas que quer? Meu pae, obrigando-me a casar com um homem, que eu não amava, abriu a sepultura da minha felicidade e da minha honra. Pois que me deixe agora em paz, e que se delicie na sua obra. Ganhou na especulação, porque a fortuna de Lourenço Antunes a herdou seu neto? Muito bem, ao menos meu filho não perdeu com a miseria de sua mãe.

E depois, quando a gente chega a acostumar-se a esta vida livre, sem ouvir ninguem, sem obedecer a vontades extranhas, levada sómente pelos impulsos da sua alma, assistindo ao burburinho do mundo, custa muito voltar para dentro de quatro paredes, e sentir alli a passagem do tempo, tão longa e demorada como a eternidade. Finava-me de aborrecimento ou de desesperação.

Foi a resposta que ha pouco repeti ao sujeito que aqui veio, e a quem o creado da hospedaria se referiu. Incumbido por meu pae, pediu-me que viesse de Vizeu, aonde resido, á Mealhada, para me demover d'este proposito, que aliás já é antigo. Foram baldados os exforços, e sel-o-hão sempre. Não quero comer o pão de quem sacrificou o socego da minha vida e o descanso da minha existencia. Seria uma operação commercial, em que meu pae perdia; e eu não quero offender, nem de leve, os seus interesses.»

N'isto chegou o comboio á estação.

— Minha sr.ª, lhe disse eu antes de me despedir, agradeço cordealmente a sua deferencia, e creia que a lamento do fundo da alma. Parece-me que no seu coração ainda não estão totalmente affogados os bons instinctos, e que a sua vida deve ser uma lucta constante entre a necessidade e a virtude.

— É, de certo. Mas que quer? Cada um tem a sua sorte...

— Pois bem, a sua é antes digna de compaixão, que de despreso. A sr.ª é uma mulher cujo futuro o egoismo d'um mau pae comprometteu; no emtanto peço-lhe, com a sympathia que me inspiram as suas desgraças, que aproveite o offerecimento d'elle. Escapa-se ás vistas dos miseraveis, e diminue o seu martyrio.

Despedi-me, e parti a correr para a estação.

D'ahi a tres quartos d'hora estava em Coimbra.

Algum tempo depois soube, por acaso, quem era o procurador do pae de Josephina; e soube mais que a desgraçada se suicidára.

Apezar d'estes e outros exemplos, ainda ha quem aprecie muito os casamentos por violencia.

Bom proveito.

SILVA ROCHA.

BIBLIOGRAPHIA

As raças historicas da peninsula iberica e a sua influencia no direito portuguez por Julio de Vilhena, doutor em direito e socio effectivo do Instituto de Coimbra.

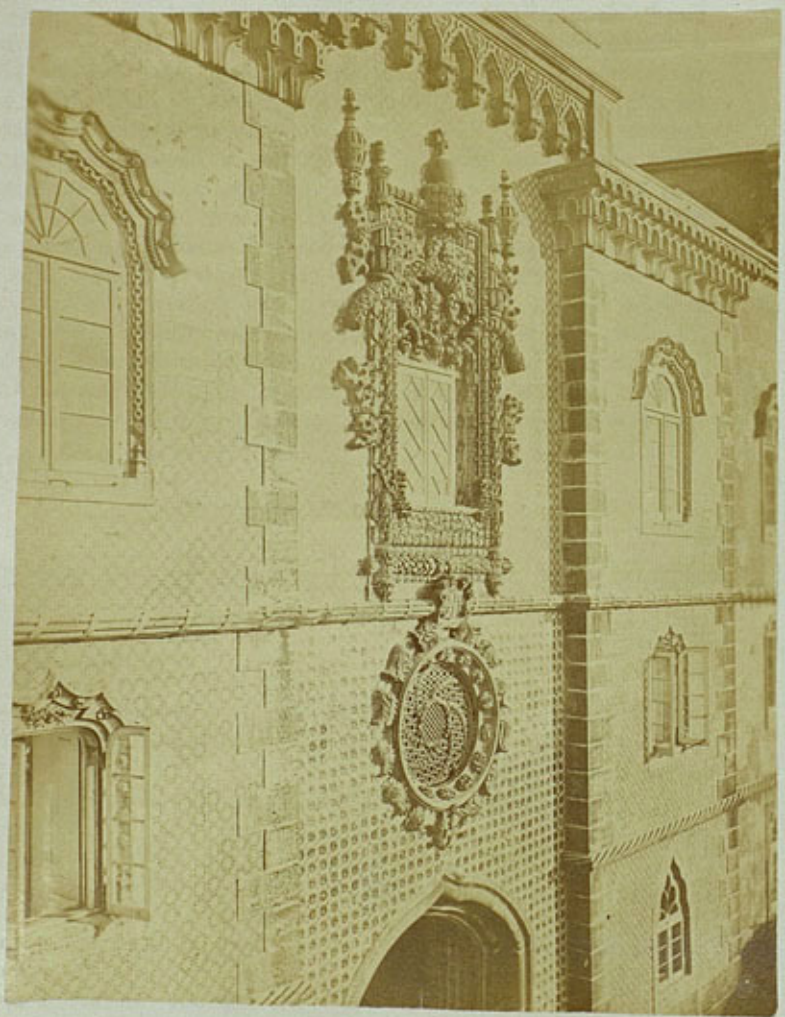
É esta obra um pequeno livro de 141 paginas, pequeno no tamanho mas grande e importante pelo assumpto. Se o sr. Julio de Vilhena não tivesse outros titulos que lhe abonassem o seu nome como escriptor distincto, este trabalho bastaria para a sua reputação. O objecto, alem de ser hoje moda corrente, prende as attenções dos peninsulares, porque se refere ás suas raizes e origens; a linguagem, escrupulosamente correcta, é opulenta nos termos, graciosa na contextura e de nobre e singela naturalidade. A erudição que revela e o bom senso com que discute as suas theses denunciam um auctor a quem o futuro assegura um dos primeiros logares na republica das letras.

Este livro foi saudado com enthusiasmo por Victor Hugo e analysado com proficiencia por D. José Amador de los Rios, o primeiro um genio sublime, e o segundo um grande talento das duas novas republicas do occidente da Europa.

Os contemporaneos celebres de Hespanha e Portugal — Biographias escriptas em italiano por Napoleone Portalupi, e traduzidas em portuguez por J. M. Pereira Rodrigues — I. — *Julio Cesar Machado.*

É sympathica a empreza de vulgarisar na lingua do Dante os traços biographicos dos conterraneos de Camões; é mais um laço que une as duas peninsulas, as duas Hesperias, tão famosas na historia. E principiando pelo nome de Julio Cesar Machado prestou o seu auctor justa homenagem aos dotes da intelligencia unidos em nó estreito com os mais nobres affectos do coração.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



JANELLA DO PAÇO DA PENA EM CINTRA

A photographia que acompanha este numero do *Panorama*, tirada de um formoso *cliché*, que devemos á obsequiosidade do distincto photographo-amador, o sr. Carlos Relvas, representa parte de uma das fachadas do real paço da Pena em Cintra, na qual principalmente avulta uma janella de lindo gosto emmanuelino. El-rei o sr. D. Fernando quiz enriquecer o palacio da Pena não só com mimosas esculpturas e ornatos de gosto original, mas tambem imitados de edificios notaveis, tanto nossos como extranhos. É assim que alli vemos muitas partes do edificio similhantes a outras de Alhambra e Granada. Assim a janella, representada na photographia d'este numero, é quasi uma copia fiel da janella da casa do capitulo do convento de Christo em Thomar, cuja photographia apresentámos no n.º 8 d'este volume.

Neste e no primeiro volume do *Panorama* têm sido publicados varios artigos historico-descriptivos do paço da Pena em Cintra, que nos dispensam de escrever agora mais desenvolvidamente.

A. M. Simões de Castro.

DUAS PALAVRAS SOBRE UM ROMANCISTA INGLEZ (1)

I

A abbadia de Westminster em Londres é um dos templos mais pomposos e notaveis da Inglaterra. É o Saint-Denis da França, a Batalha de Portugal.

A pessoa que traça estas linhas não viajou nunca fóra do seu paiz, pouco até tem saido da sua terra natal, mas desde muito que ouve fallar d'aquelle monumento inglez, e tem lido descripções e visto esboços que bastante o recommendam ao viajante. Por isso, se um dia se achasse na primeira capital da Europa, a primeira pela grandeza e pela vida, havia de entrar na abbadia monumentosa, e ver no silencio d'aquelles recintos imponentes o muito que lá existe de notavel. Na verdade, se outros motivos não tivesse a cathedral de Westminster para attrahir as attenções do viajante, bastaria o ser ella o repositorio das maio-

(1) Este artigo, escripto sob a impressão que causou ao seu auctor a noticia da morte do romancista, acha-se ha alguns mezes na redacção do *Panorama*, e só agora é que pôde ser publicado.

res illustrações da Inglaterra; por quanto tudo o que ha de mais distincto em politica e nas sciencias, nas letras e nas artes, alli tem, junctamente com os reis, os martyres, os guerreiros, um logar de lei para dormirem o seu derradeiro somno. Então formam uma unica familia; — sociedade mortuaria, cujos membros não têm outro liame, outra affinidade, senão a intelligencia e o genio; e a patria, que com elles se acha ennobrecida, presta-lhes tambem uma homenagem commum.

Ora é nesta abbadia, e no logar chamado *The Poets'corner*, isto é, o recinto dos poetas, que haverá cerca de um anno se reuniu a população de Londres, de todas as classes e hierarchias, para assistir á descenção de um cadaver á mãe commum. A campa, segundo os jornaes d'aquelle paiz, abria-se entre as de Sheridan, Cumberland e Addison, e tinha em sua frente a do antigo Causer, que a litteratura ingleza intitula o pae da sua poesia. A multidão assistiu contristada a esta scena de passamento, e, depois que pelo deão da cathedral foram lidas algumas disposições testamentarias do fallecido, saiu vagarosa e magoada do *Poets'corner*, ao som do orgão que tocava o hymno dos mortos, *the march of dead*.

Quem era pois o homem que tanto havia merecido do povo de Londres, que tanto tinha conquistado as suas sympathias?

São muitos os nomes que as suas producções litterarias lhe crearam. Uns lhe chamavam o historiador dos costumes populares; outros o romancista das familias; outros o poeta do lar. Mas o seu verdadeiro nome era — Charles Dickens.

II

Que não vai o homem todo á sepultura é essa uma expressão de grande verdade. Charles Dickens, cuja fama tem tomado proporções enormes, não direi entre nós que desconhecemos a litteratura ingleza, mas onde se cultiva a lingua de Milton e de Byron, de Bacon e Newton, deixou o seu nome estampado em muitos volumes de valor; e não mereceu pouco de seus compatriotas pelas qualidades moraes que lhe ornavam o espirito.

Não se leva em intuito fazer a biographia do romancista, nem a critica de suas producções litterarias; apenas se pretende registar um nome illustre, o nome de um romancista-moralista, cousa tão rara! que não destruia com os seus actos o que escrevia com a penna.

Charles Dickens era um d'esses homens que parecem destinados pela Providencia para instruir e moralisar o povo entre

que nasceu. Dotado de uma intelligencia robusta e rica de conhecimentos, de uma palavra facil e fluente, d'um genio de criança que tão depressa ri como chora, e de um coração admiravel, imprimia nos seus escriptos todos os fructos salutares que podem proporcionar estas feições apreciaveis. Comprehendeu como ninguem quanto este genero de litteratura póde influir no espirito da familia, porque mais que nenhuma outra falla ao mesmo tempo á intelligencia e á sensibilidade, e as suas muitas obras são lidas por todos, procuradas por todos, estimadas por todos. Este caracter do romance ordinario e vulgar, isto é, o nascimento de uma paixão, quasi sempre acompanhada de scenas mais ou menos platonicas e pouco moraes, paixões que levam muito a definir e desenvolver, e seguir até que succumbam ou triumphem, não o acceita Charles Dickens para seus romances. O seu genero é o romance de uma hora, a narração, o conto singelo, franco, poetico, com que admiravelmente se insinúa no animo do leitor. Differente de Walter Scott, o romancista pittoresco, que leva um e dois tomos para mostrar o effeito de uma scena favorita, Dickens, como consequencia da sua feição litteraria, não prepara o leitor para as scenas que vai descrever. Para elle não ha exordios. Abre-se a primeira pagina de qualquer volume, começa logo a apparecer o heroe da narração com todas as suas côres, com todos os seus apparatos, e no começo, no meio, no fim, podem os velhos e os moços rir e chorar, se tanto é o resultado que pretende o auctor.

Se não faz a apologia das paixões, se não dá largos desenvolvimentos a alguns successos bem reaes da vida, que são uma escola ás vezes bem perigosa para as intelligencias vehementes e phantasiosas, não occulta no emtanto a seus leitores a sociedade como ella é nos seus erros e desvarios individuaes. Tudo cáe debaixo da sua penna; e todavia, por mais escrupulosos que sejam os chefes das familias inglezas, nenhum obsta á admissão das obras de Dickens nas livrarias destinadas á leitura do lar. Quem o ler entra com elle na casa da miseria, vê a figura pallida da fome, o vicio nos seus horrores e fealdade, o amor reduzido á sua maior abjecção, os desvarios e ridiculos sociaes em toda a sua nudez; mas depois encontrará tambem derramado ás mãos largas o remedio contra este mal. Onde o ridiculo, põe elle a gargalhada; onde o orgulho, põe o desprezo. Realça a virtude, o amor ao trabalho e á familia, as vantagens da educação instruida, e induz á caridade em todas as suas manifestações. Assim, mostra bem o mundo, para que se não ignore; e precavê, pelas suas qualidades de moralista, contra as suggestões das paixões vís.

III

Não será facil encontrar um escriptor que tenha um estylo tão simples e deleitavel, como o d'este romancista inglez. Era seu intuito escrever para o povo, e por isso não se erguia nunca a essas regiões onde se vão colher fórmulas nebulosas. Queria fazer-se comprehender de todos, queria que seus livros entrassem no gabinete do homem culto, como na casa do artista e no seio das familias, e para tal não lhe convinha esse jogo, essa combinação subtil de ideias e conceitos, que póde fazer uma litteratura grandiosa, mas que tambem ás vezes faz uma litteraturaôca. Era o que os francezes dizem — *clairvoyant.*

Quando se lê o *Pickwick,* o *Copperfield,* o *Grillon* ou qualquer outra das suas muitas obras, de tal maneira sentimos a influencia do escriptor em nós, que parece que nos achamos animados do mesmo espirito. Ha homens que têm este mysterio. Fallam com tal graça, tal naturalidade, que a nós, que os ouvimos, se nos afigura podermos fazer outro tanto. Pois o que disse elle? não sabia eu aquillo? diz por ventura palavras que não sejam usuaes? E todavia, se a vaidade continúa, a illusão apparece. Por isso um academico francez, Julio Janin, falla com admiração e inveja, inveja sim porque nem sempre ella é um peccado, da admiravel dicção do auctor do *Pickwick.* E por mim confesso, eu que acabo de ler o *Pickwick,* que Charles Dickens, o Charles Dickens que jáz no *Poets'corner,* é um d'estes amigos affaveis que conversa descuidadosamente durante horas, que passam sem se sentirem.

Chamavam-lhe em Inglaterra o historiador de cada dia. E na verdade era elle o historiador das occorrencias contemporaneas. Familiarisado com os mysterios e peripecias de Londres, com os variados costumes do povo inglez, tão guardador de velhas tradições, não lhe faltavam nunca noticias que servissem de nucleo ás suas composições humoristicas. E o povo inglez, a sociedade de Londres, já esperava por costume, quando acabava o velho anno, que o bemquisto romancista tivesse prompto o novo volume para as estreias do anno bom. Então é que era: — caminhos de ferro, diligencias, passeios e divertimentos campestres, amores de theatros e praias — esses amores que quasi nascem e morrem no mesmo dia,— a miseria dos desgraçados, o burlesco dos lords *spleenaticos,* de orelhas feridas pelos collarinhos, tudo servia ao seu genio observador e pensador para entreter o leitor algumas horas; e no fim de tudo lá lhe ficava sob a fórma ligeira e attrahente do romance humoristico uma ideia boa e sã, liberal e de-

mocratica; porque, para Charles Dickens, a liberdade e a democracia, racionalmente entendidas, e não desvairadas, eram umas como verdadeiras deusas, a que prestava seus preitos e homenagens.

Nas imagens e descripções sustenta o romancista inglez os creditos da sua litteratura. Tem-as admiraveis; e podem bem pôr-se a par das do *Paradise Lost,* d'esse poema bello e tão imaginativo, em que, descrevendo-se as tentações de Satanaz, um anjo põe o pé sobre a serpente infernal, e ao contacto d'aquella natureza celestial — se produz de subito o mesmo effeito que o montão de polvora a que chega o lume!

IV

Nascido em um paiz onde se lê muito, e cuja lingua é tambem a de toda a America do norte, foi Charles Dickens um d'esses poucos homens que têm alcançado uma grande fortuna por suas composições litterarias. Foi facto por mais de uma vez repetido sorver-lhe a America uma edição inteira de milhares de exemplares; isto é, annunciar-se hoje o apparecimento e a venda de um novo volume, e no fim de oito dias estar esgotada em Londres. Caminhavam para a America! E como vai nisto um grande elogio ao romancista!

Tambem diga-se a verdade: á sua felicidade litteraria correspondia dignamente com um coração dos mais philantropos de Londres. Vivia em um paiz, onde a par das enormes riquezas, ha muita miseria e soffrimentos; onde muitos se debatem nos horrores da fome. Pois bem; as suas mãos eram como que o canal por onde a philantropia, a caridade, dêem-lhe o nome que quizerem, ia levar ao tugurio do proletario o auxilio da vida, o consolo dos seus infortunios.

Para se fazer uma ideia perfeita do caracter de Charles Dickens, sob este ponto de vista, basta recordar a chamada *festa litteraria internacional,* que foi celebrar a Paris em 1863.

As luctas da America tinham feito fechar as muitas fabricas de Paris, onde centenares de inglezes, emigrados da sua nação, tinham ido offerecer seus braços. A fome apertava, a miseria era grande. O doutor Olliffe, sabio medico da embaixada ingleza, conhecedor perfeito da alma do primeiro romancista do seu paiz, participa-lhe o estado desesperado de seus compatriotas. Charles Dickens não responde.

Na primeira manhã mette debaixo do braço um rolo de papel, transpõe o *Manche,* entra em Paris, e annuncia leituras publicas de suas obras a troco de alguns obulos para os pobres. Foi uma

ideia feliz! A primeira sociedade da capital franceza corre á embaixada da Inglaterra, e no meio d'essa sociedade se vêem Lamartine, Paulo Féval, Saintine, Amédée Achard, Ulbach, Jule Sandeau, Janin, Mery, Tourgueneff, e muitos outros d'esses homens que representam a litteratura em França. Estas scenas litterarias repetiam-se, e depois distribuiam-se pelos desgraçados inglezes, sem trabalho, alguns centenares de francos!

Por sua parte a litteratura franceza tambem quiz mostrar ao collega inglez o apreço em que o tinha. Em casa de Pitre-Hevalier, o redactor em chefe do *Musée des Familles*, academico distincto, reuniam-se os primeiros homens de letras da França, e num abraço fraternal levantavam as suas taças espumantes em honra do primeiro romancista inglez.

E terminada que foi esta obra de philantropia e confraternisação litteraria, voltava Charles Dickens para a atmosphera plombea do seu paiz, com um nome maior e com a alma satisfeita.

F. I. de Mira.

UMA BOA LIÇÃO

No dia 26 de junho de 1834 convidou o prefeito da provincia da Extremadura a *Commissão de Saude Publica* para ir assistir a uma conferencia, que aquelle magistrado resolveu celebrar sobre assumptos de interesse geral.

O convite dirigido á commissão foi concebido em termos cortezes, empregando o prefeito a delicada fórma: *de rogar aos seus membros que quizessem ter a bondade de comparecer.*

Não obstante esta circumstancia, absteve-se a commissão de comparecer na Prefeitura, deixando assim de tomar parte no exame e discussão de graves pontos, sobre os quaes era necessario ouvil-a.

No dia 27 dirigiu a commissão um officio ao ministro do reino, Bento Pereira do Carmo, no qual dava conta de não ter accudido ao chamamento do prefeito, e pretendia justificar a sua recusa, principalmente com o fundamento de que «tinha sempre sido considerada tribunal revestido de attribuições tão amplas, quaes se declaram no decreto de 4 de agosto de 1688 e regimentos de 1526 e 1707, que expressamente determinam que todas as justiças do reino cumpram as ordens que lhes forem dirigidas no que toca á saude publica, e que nenhuma outra auctoridade, ou tribunal possa intrometter-se na sua jurisdicção.»

Vê-se, portanto, que a commissão se considerou aggravada, suppondo que na altura em que se imaginava collocada, nem

sequer a primeira auctoridade da provincia podia convidal-a cortezmente para uma entrevista official.

Posto o incidente nestes termos, expediu o governo a portaria de 2 de julho de 1834, e ahi, imitando a louvavel severidade de alguns diplomas de outros tempos, respondeu á commissão, mais que muito sobranceira:

1.° Que não fôra para conservar o edificio gothico das antigas instituições, que S. M. I. o Duque de Bragança arriscou a sua vida, e a nação se sacrificou na porfiosa lucta, havia pouco terminada.

2.° Que a commissão, que tão lembrada se mostrava das leis antigas, quanto esquecida das modernas, devia passar pelos olhos os artigos 30.° a 32.° e 71.° do decreto n.° 23 de 16 de maio de 1832 (1).

3.° Que a pessoa que serve dignamente a patria, em qualquer posição que seja, não padece quebra em sua dignidade; principio este, que S. M. I. o Duque de Bragança tinha posto em practica, aos olhos da nação e do mundo, não se julgando degradado da sua alta categoria, quando pegou da enchada para construir as linhas do Porto e de Lisboa para defesa da causa da Rainha e da Liberdade.

4.° Que merecia o desagrado de S. M. I. o procedimento da commissão, por ser mais conforme ao acanhado egoismo das prerogativas e distincções, do que aos sentimentos liberaes da causa da humanidade.

— Pareceu me conveniente arrancar do esquecimento de quarenta longos annos um diploma, que a nós todos quantos lidamos no serviço publico faz advertencia da responsabilidade que assumimos, se formos mais *melindrosos* do que faceis e pontuaes no desempenho da nossa missão.

Não é menos bem cabida e proveitosa a lição na vida particular, no tracto e convivencia ordinarios. Nenhum genero de superioridade, quer seja do nascimento, quer da intelligencia, quer da riqueza, quer da hierarchia, nos dispensa de fazer serviços quando as circumstancias occorrentes os demandam e tornam indispensaveis; nem tão pouco nos absolve da responsabilidade, se, á conta do decóro e de mal entendida dignidade, deixarmos de ser prestaveis aos nossos semelhantes, á patria e á humanidade.

José Silvestre Ribeiro.

(1) O prefeito, delegado do rei, era investido de todas as attribuições para tudo quanto diz respeito ao bem estar e commodidade dos povos.

BIBLIOGRAPHIA

Murmurios do Vizella — *Poesias de Anna Amalia Moreira de Sá.* — Porto: Typographia de F. G. da Fonseca, 8.° de 220 pag.

Lograram em todos os tempos as damas portuguezas o conceito de intelligentes e discretas, de formosas e instruidas.

Podéramos, se quizessemos ostentar erudição facil, referir os dotes de muitas, que, illustrando a patria, grangearam glorioso renome por seus escriptos.

São, hoje em dia, conhecidas por todos os cultores das musas as Amalias de Carvalho, as Amelias Jannys, as Torresões; precedeu, porém, a apparição d'estas pleiadas gentis no puro céo de nossas letras a maviosa cantora do Vizella, a senhora do antigo solar dos Sás.

Seguindo o exemplo dos progenitores cultivou com desvelo o ameno campo da poesia, sendo feliz resulta os *Murmurios*.

«São as minhas poesias (diz a illustre escriptora) a expressão candida e singela do meu pensar; são o espelho sempre fiel das alegrias e pezares do meu coração; são o ecco purissimo do meu viver, do meu querer, do meu sentir e do meu existir em todas as phases da minha vida até hoje.»

Constam, em verdade, os *Murmurios* de canções ternas, repassadas de saudade por entes queridos, que já não existem, e de cantos festivos, celebrando memorias de parentes e amigos. Comprehendem, tambem, diversas poesias do torneio poetico sobre as *rosas branca e encarnada,* que houve ha annos, em que terçou pela encarnada com nobre galhardia.

É um formoso fasciculo de flores, creadas á sombra das penedias marginaes do Vizella, rescendendo em grato perfume.

Chegam aos nossos ouvidos os *Murmurios* em suaves accentos, impregnados de uma doce melancholia.

Certo que deve ser um thesouro de affectos nobilissimos o coração da inclita poetiza.

Portalegre, 16 de outubro de 1873.

F. A. Rodrigues de Gusmão.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PORTA PRINCIPAL DA EGREJA DE SANTA MARIA DE BELEM (1)

A porta que a photographia representa é a principal da egreja de Santa Maria de Belem. A principal relativamente a quem entra no templo, porque maior e mais rica de esculptura é aquella que olha ao sul.

O arco da porta é uma volta abatida e polycentrica, disposição extremamente commum nos portaes de estylo manuelino.

Por cima do arco e na parte media vê-se uma esculptura representando o nascimento do Salvador. Outra ao lado esquerdo representa a Annunciação. A esta ultima corresponde a do lado direito, que é a Adoração dos Reis.

No meio da volta do arco, e por baixo d'aquella primeira esculptura, dois anjos, um de cada lado, sustentam um escudo com as armas de Portugal.

Aos lados da porta estão em nichos cobertos com baldaquins e que têm por base os capiteis de fustes enroscados, as estatuas de el-rei D. Manuel e da rainha D. Maria, ambos de joelhos. Juncto da primeira está S. Jeronymo de pé. Juncto da segunda S. João Baptista tambem de pé.

O capitel ou peanha do fundador tem a esphera armillar, e o da rainha, castelhana de nascimento, o escudo bipartido de Portugal e Castella.

Seguem-se para cada um dos lados dois gigantes, em cada um dos quaes ha tres nichos com estatuas de santos.

Estes gigantes foram barbaramente mutilados e rematados com uns vasos e pedestaes de mau gosto, quando fizeram a abobada com que cobriram esta parte do edificio.

Segundo um documento existente na Torre do Tombo foi mestre Nicolau o empreiteiro d'este portal principal. Teve por apparelhador Rodrigo Pontesilha e trabalhava com onze officiaes. Mestre João de Castilho foi o empreiteiro do portal da travessa, e bem assim da crasta primeira, casa do capitulo e sachristia.

Faziam-se todas estas obras em 1517, 1518 e 1519.

A. Filippe Simões.

(1) A photographia é tirada de um *cliché* com que nos presenteou o nosso obsequioso amigo, o sr. Carlos Relvas. *Simões de Castro.*

TRIO DE PENINSULAS (1)

(FRAGMENTO)

Notavel e unica é a historia do Mediterraneo. Cortando o velho continente, rasga-lhe no seio um golfo immenso, orlado de peninsulas e semeiado de ilhas; banha todo o austro da Europa, a Africa fronteira, e ao Oriente a Asia, e como um vasto docel cobre-lhe a superficie o céo amoroso da zona temperada. Povoaram as suas praias nações famosas e singularmente illustres, das quaes empunharam umas o tridente, outras a lyra e todas a lança; alli florescia o commercio, aqui a litteratura e em todas superabundava o esforço. A navegação realisava prodigios, e o enthusiasmo religioso collocava as Argos nas estrellas; as epopeas immortalisavam as expedições, e Marte ministrava assumpto ás epopeas. Este ponto era o centro de toda a grandeza, o foco de toda a civilisação; para aqui convergiam as gentes da terra, á similhança dos turbilhões de Descartes ou dos planetas que gravitam no espaço. Podiamos dizer como de Tyro o propheta biblico:

Quantos povos abrange o mundo inteiro
Tracto comtigo tinham:
De toda a parte vinham
Em teu seio vastissimo esconder
As producções immensas, que criavam
As regiões diversas que habitavam (2).

Ora as perolas do Mediterraneo foram sempre as tres peninsulas da Europa — a Grecia, a Italia e a Hispanha. A primeira foi grande, a segunda maxima; teve aquella a supremacía do ingenho, esta a do valor, e ambas o sceptro do mundo antigo. Quem não conhece a Hellade, ungida com a doutrina dos seus philosophos e perfumada com os carmes dos seus poetas?... Quem esqueceu jámais o Lacio, cujos limites terminavam no Oceano e a fama nos astros, e de quem a divindade dizia:

..... nec metas rerum nec tempora pono?

E cheio o mundo com a gloria d'estas duas, o que restava á terceira peninsula para ser grande?!... A Hispanha, este jardim

(1) Este fragmento é extrahido d'um artigo bibliographico sobre o livro do sr. dr. Julio de Vilhena — *Raças historicas da peninsula iberica.*
(2) Trad. de F. Dias Gomes.

das Hesperidas osculado pelas ondas de dois mares, não cedia a suas irmãs na suavidade do seu clima ou no genio de seus filhos, e foi maior. Não disputou a litteratura de Athenas ou o poder de Roma, nem pretendeu afrouxar os echos da sua grandeza. Deixou-lhes o Mediterraneo e devassou o Atlantico, e o Indico, e o Pacifico; correu os véos que escondiam novos mundos, e deixou o antigo deslumbrado. Poz o sello ás edades velhas, e iniciou a serie de novos tempos.

Magnus ab integro saeclorum nascitur ordo.

É d'estes povos, das raças historicas da peninsula iberica, que tracta o livro do sr. Vilhena.

Na historia antiga ostenta-se-nos a Hispanha como um vasto theatro; são os dramas variados, e mais variados os seus actores. Quasi que não ha povo que não represente nesta scena politica, e deixe de si tradição ou monumento. A peninsula parece-nos um paiz singularissimo, similhando — seja-nos licita a comparação — immensa hospedaria, onde todos têm voz e commando, menos os donos da casa. Hoje predomina o commercio, porém são os phenicios que pozeram as proas de suas naus alem do estreito; ámanhã o echo enrouquece com os sons da tuba guerreira, e do Ebro parte o golpe que faz empallidecer o deus do Tibre, mas as cohortes chamam-se africanas e o seu chefe é Annibal carthaginez. Mais tarde a purpura romana cobre os hombros da terra de Viriato, a qual dá ao solio imperial monarchas como Trajano e Marco Aurelio, e á litteratura latina poetas como Silio e Lucano, philosophos como Quintiliano e Seneca.

E isto não se vê sómente nas edades mais proximas; na penumbra dos tempos remotos ainda enxergamos os hebreus, os gregos, os celtas, e muitos outros povos que a tradição imagina povoando e colonisando as nossas terras. Este fertil solo era então como um rico colmear, em que lidam incessantemente laboriosas abelhas no fabrico de seus productos; ou, ainda melhor, como o novello do bicho da seda, seu mysterioso involucro, d'onde depois irrompe alado, e transpõe os ares buscando novos centros de actividade.

Na edade media a individualidade nacional characterisa-se. Os barbaros, especialmente os godos, que substituiram os romanos, e depois os arabes, que substituiram os godos, e mais tarde outra vez os godos e os arabes, estabelecem estados regulares, que depois de varias evoluções politicas se consolidam. Esta labutação é constante e energica; as lutas são rudes, e na rudeza do trabalho se robustece e desenvolve o espirito de independencia e autonomia.

Rematada a guerra dos sarracenos com a sua completa expulsão, firma-se ainda com mais força o famoso reino das Hispanhas, e a seu lado o nosso pequeno mas inclyto Portugal. A estas duas nações cabe a gloria de iniciar o periodo da historia moderna com descobertas e conquistas extraordinarias, que influiram poderosamente nos progressos dos nossos tempos.

A. A. da Fonseca Pinto.

Meu prezado redactor. — Á mingua de producções originaes, ahi lhe envio a traducção de um dos mais notaveis monumentos da poesia mystica do catholicismo no seculo XVI. É um extracto da celebrada *Noite escura da alma* de S. João da Cruz.

Se dermos fé a um commentario hispanhol de 600 paginas sobre a *Noite escura,* e se attendermos ás razões que justificaram a canonisação do mystico poeta, é claro que não devemos ligar ás suas estrophes um sentido profano e litteral, mas um sentido todo mystico e allegorico.

Em a *Noite escura* a amada é a alma do poeta, e o amante é o divino Cordeiro, é Christo, a quem ella procura no silencio da noite.

É tambem neste sentido que a egreja catholica interpreta o *Cantico* de Salomão, poema que, interpretado á letra, sería uma egloga ou pastoral, menos séria que os versos de Anacreonte, Tibullo ou Parny.

Os hymnos catholicos de Prudentius e de S. Francesco di Assise, os extases de Santa Thereza, e as contemplações do nosso fr. Agostinho da Cruz têm taes e tantas liberdades poeticas, que, se não nos soccorrermos ao sentido mystico que a egreja manda dar ás producções d'esses piedosos genios, seriamos levados á conclusão de que os gloriosos mysticos do catholicismo eram ás vezes mais profanos do que os poetas eroticos d'este tempo de incredulidade.

É pois indispensavel ás almas timidas o prevenil-as de que as palavras de S. João da Cruz não devem ser interpretadas á letra, mas accommodadas á piedosa intenção do poeta mystico.

Neste presupposto não acho inconveniencia, meu amigo, em que os labios das suas leitoras, carminados pelo sangue da mocidade, e todos frementes de devoção, intercalem nos soliloquios espirituaes as palavras mysticamente apaixonadas do glorioso S. João da Cruz.

A *Noite escura* é poesia tão santa e tão inoffensiva, que o veneravel poeta a dedicou ao cardeal arcebispo de Toledo, e foi

approvada e mandada correr mundo por todas as *mesas censorias* e por todas as inquisições do mui catholico reino das Hispanhas.

Ficam portanto desvanecidos os escrupulos que nas almas timoratas suscitasse acaso a leitura da *Noite da alma*.

S. C., 23 de novembro de 1873.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

A NOITE DA ALMA

(EXTRACTOS DAS CANÇÕES MYSTICAS DE S. JUAN DE LA CRUZ)

Por uma noite escura,
com o peito em amores incendido,
—invejavel ventura!—
saí sem arruido,
quando vi tudo em casa adormecido.

Protegida da sombra impenetravel,
fugi por uma escada,
—oh ventura invejavel!—
quando vi toda a casa socegada.

Noite ditosa aquella
em que ninguem me via,
e em que eu não avistando coisa alguma,
caminhava, sem outra luz nem guia
mais do que a luz que no meu peito ardia.

Só esta me guiava,
mais viva do que a luz do sol brilhante,
aonde me esperava
sósinho o meu amante.

Oh noite que a esse ponto me guiaste!
oh noite mais formosa que a alvorada!
oh noite que juntaste
o amado com a amada!

Sobre meu seio ardente,
que inteiro para elle se guardava,
elle ficou dormente;
e perto suspirava
o cedro brandamente.

Quando já seus cabellos
beijava a aragem, ao surgir do dia,
seus braços eram elos
em que o meu débil collo comprimia.

Esquecida de tudo, reclinei-me
do amante contra a face graciosa.
Tudo passou; e por amor deixei-me
ficar eternamente descuidosa,
deixando os meus cuidados,
entre as cecens formosas olvidados.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

DE COMO, E POR QUE EU QUERO A' MEMORIA DE UM PRINCIPE

Je crus n'y voir qu'un prince et j'y rencontre un homme.
VOLTAIRE.

A historia, juiz severo, é inexoravel contra os soberanos que não tiveram decisão e firmeza de character; contra aquelles que se deixaram avassallar do medo; contra aquelles que abandonaram o seu povo nas apertadas crises do perigo; contra aquelles que reputaram loucura o sublime esforço de sacrificar a vida á obtenção de um nome glorioso; contra aquelles que nem sequer no intimo de seus proprios paços se ostentaram varonís e sobranceiros.

Mas a historia não se esquece jámais de apontar, ao lado do que se lhe afigura reprehensivel, os rasgos de bondade ou de virtude que se lhe deparam na individualidade d'essas personagens; e se ella se esquecesse de registar esses rasgos, deixaria de ser justa, deixaria de ser imparcial, desmereceria de ser lida.

Se pois o proprio historiador toma nota de um ou outro acto honroso, e o apresenta á consideração dos vindouros, como fiel testemunha da verdade, ainda quando já tem narrado factos desvantajosos, — muito mais permittido deve ser a quem não maneja o buril da historia, o destacar da vida de um soberano um dicto, um facto, que o recommende á humanidade, sob qualquer aspecto.

Neste caso me encontro eu a respeito do principe D. João, que depois subiu ao throno com o titulo de el-rei D. João VI. Concentro-me na consideração de que esse principe não foi sanguinario, era bondoso, e, ao que parece, bem intencionado; deixo

á historia o encargo que lhe pertence, e limito-me a commemorar hoje uma especialidade honrosa, um facto que revela summa bondade, o torna acredor da estima da posteridade, e faz pronunciar o seu nome com affecto.

No anno de 1798 foi representado ao principe D. João que a casa destinada para hospital da eschola de infanteria de Mafra não tinha todas as proporções necessarias para as commodidades dos soldados doentes. O principe respondeu:

«Alojem-se os doentes na minha barraca; e se ahi não couberem, occupem-se a esse fim todas as casas que se carecerem no meu palacio: eu não irei este anno a Mafra, quando assim seja necessario para que os meus soldados tenham todas as commodidades imaginaveis.» (1).

Alegra ver no coração de um principe sentimentos de humanidade, e é grato recordar factos que illustram a memoria dos que presidiram á governação dos povos.

José Silvestre Ribeiro.

ANTIGUIDADES ROMANAS JUNCTO DE LEIRIA

Constando-nos que o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto da casa real e presidente da real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, fizera importantes descobertas de antiguidades romanas juncto de Leiria, pedimos-lhe nos informasse de tão precioso achado, e o nosso obsequioso amigo e consocio da melhor vontade nos satisfez enviando-nos a seguinte noticia, que muito lhe agradecemos.

Fazemos notar aos nossos leitores que a medalha a que se refere o sr. Silva é do mesmo imperador, e muito similhante a outra que trouxemos ha annos de Condeixa a Velha, e cuja explicação, feita pelo sr. Ayres de Campos, publicámos a pag. 267 do nosso *Guia Historico do Viajante em Coimbra e Arredores*.

A. M. Simões de Castro.

As ruinas d'uma *villa rustica romana*, que descobri proximo de Leiria, no logar de Martim Gil, na estrada que conduz á Figueira da Foz, e os vestigios que se encontraram de todas as construcções, occupavam a superficie de 3:420 metros, estando a edificação orientada do sul para o norte. A parede do lado da encosta tinha de grossura 2,30, a fim de sustentar o peso das terras.

(1) Veja-se a *Memoria sobre a Repartição Medico-Militar Portugueza*, por José Feliciano de Castilho, pai do sr. visconde de Castilho. Vem esta Memoria no *Jornal de Coimbra* do mez de outubro de 1813.

Depois de dois dias de trabalho empregados nas escavações no sitio que tinha julgado conveniente emprehendel-as, visto os indicios de se terem encontrado alli alguns fragmentos de telhões e adobos, etc., appareceu uma parede na altura de 0,38, e na direcção do nascente ao poente, mas na profundidade de 1,65, se descobriu um mosaico pertencente a uma casa com as dimensões de 3,14 por 2,85, estando cercada por outras paredes, e uma das quaes do lado do poente tinha a soleira d'uma porta com a largura de 0,85, a qual dava communicação para outra casa mais pequena, ficando em plano mais inferior de 0,35, sendo feito o seu mosaico sómente de cubos de argilla cozida.

No lado opposto da primeira casa que fôra descoberta appareceu uma outra muito maior, com paredes nos seus tres lados da grossura de 1,20.

Nesta casa o mosaico era de uma composição de melhor gosto, mais variedade nas côres e de perfeita execução: portanto preferi este para ser transportado para o museu de archeologia da real associação dos architectos.

Occupava este mosaico um espaço quadrilongo, e tinha uma cercadura de 0,30 em roda da casa do feitio de grega. No meio havia um florão imitando as flores do *lotus*, e na direcção dos seus diametros oppostos havia figuras de ramileas, ficando occupados os quatro grandes intervallos, que separavam estas figuras, por octogonos com faixas e ornatos no centro, alem de circumdar estas figuras geometricas uma linda faixa de 0,20 de largura com o feitio de torsal de differentes côres.

Na parte que foi preciso reparar d'este pavimento estava quasi ao meio d'esta casa uma medalha de bronze mettida na argamassa, de pequeno modelo, pertencente ao imperador Magnencio, e de uma perfeita conservação, a qual me veiu certificar da epocha d'aquella construcção romana.

A medalha tem a seguinte legenda do lado da effigie:

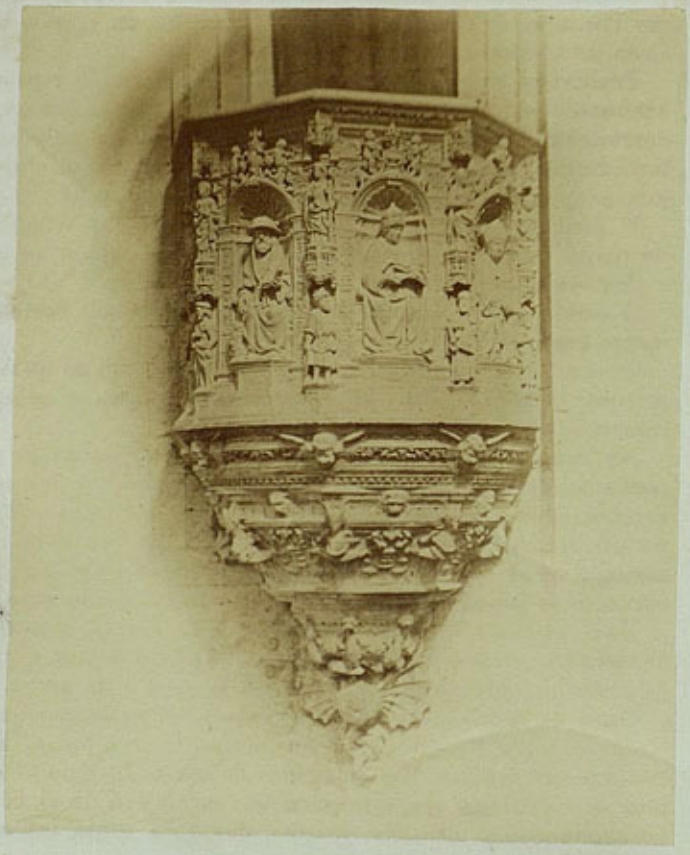
No anverso: — DN. MAGNENTIVS. P. F. AVG. Busto do imperador com coroa de louro e paludamento, voltado á direita: por detraz a nota monetaria A.

No reverso: — VICTORIAE. DD. NN. AVG. ET. CAES. Duas victorias em pé sustentando uma coroa, dentro da qual se lê: VOT / V / MVL / D.

No exergo as letras F. P. A. F. Æ.

Lisboa, 22 de outubro de 1873. J. da Silva.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



PULPITO DA EGREJA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA (1)

O mais perfeito trabalho de esculptura em pedra que existe em Portugal é, sem contestação, o pulpito da egreja de Santa Cruz de Coimbra.

Primoroso no pensamento e no desenho que o reproduziu, e executado com extrema felicidade por artistas nacionaes, ou extrangeiros como averiguado venha a ser, este pulpito é o enlevo de quantos visitam o nobre templo manuelino, onde repousam as cinzas dos primeiros monarchas d'este reino.

É facil observar miudamente a sua perfeição artistica. Está no corpo da egreja, do lado do Evangelho, juncto ao cruzeiro, e eleva-se do pavimento a pequena distancia de $1^{m},50$.

O estylo que presidiu á sua traça foi o gothico florido, geralmente conhecido por estylo manuelino.

Tem o pulpito a fórma de meio octogono com as quatro faces eguaes; e assenta em uma formosa misula que se adelgaça em rigorosas proporções até á sua extremidade.

No começo da base está uma hydra alada com sete cabeças, tendo os collos admiravelmente enlaçados uns nos outros. É um symbolo dos sete peccados capitaes, terrivel veneno inoculado na humanidade pela serpente da tentação, cujo antidoto o orador sagrado do alto da tribuna evangelica ensina a applicar, para se curarem as feridas mortaes, abertas por tão astuto inimigo.

Mais acima vê-se um outro symbolo. Ferem a attenção do observador curioso cinco sphinges que representam a passagem da alma humana do estado do peccado para o da graça.

Quasi na maior altura da base correspondem ás sphinges outras tantas cabeças de cherubins perfeitamente esculpidas. Esta metamorphose gradual das imagens na bacia do pulpito significa com muita belleza o aperfeiçoamento successivo da alma humana no caminho das virtudes christãs, devido á santa influencia da instrucção evangelica.

Os intervallos são ornamentados com frisos, arabescos e cordões dos mais graciosos lavores.

O pulpito propriamente dicto tem, como já dissemos, quatro faces eguaes. Nestas vêem-se em elegantes nichos os quatro Doutores da Egreja sentados em cadeiras. Nas duas faces voltadas para o cruzeiro estão S. Agostinho mitrado sustentando

(1) A photographia é copiada de outra que tirou para o Museu South Kensington o habil photographo Thurston Thompson.

com as mãos um templo, e S. Gregorio Magno de tiara pontificia e com um livro na mão esquerda. Nas outras vê-se S. Jeronymo com chapeu cardinalicio e tendo aos pés um leão, e S. Ambrosio tambem mitrado. Ambos tem um livro na mão esquerda.

Os lavores dos nichos são executados com muita perfeição artistica, e são dignos de notar-se os baixos relevos que adornam as peanhas onde assentam as cadeiras dos Doutores.

Superiormente aos baldaquins dos dois nichos centraes elevam-se duas especies de escudos de fórmas diversas sustentados por anjos. Um é rematado por uma cruz da ordem de Christo, e o outro pela esphera armillar, insignias que el-rei D. Manuel tomou por divisa e mandou collocar em todas as suas construcções.

Aquelle dos escudos que é rematado pela esphera tem gravados dois caracteres que podem ser um I e um R, os quaes o nosso particular amigo Simões de Castro suppõe as iniciaes do nome de João de Ruão (1), a quem plausivelmente se póde attribuir esta primorosa obra.

Nas cinco arestas do meio octogono vêem-se duas ordens de nichos sobrepostos, que contêm bellas estatuetas, todas de pé, e de menor corpo que as outras de que já fallámos. As cinco da ordem superior representam a religião e as quatro virtudes cardeaes, e as da ordem inferior representam o Propheta-Rei que tem pousada a mão direita sobre a harpa, e os quatro Prophetas maiores — Isaias, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Estes seguram umas fitas, que representam os livros das prophecias com a mesma fórma que elles primitivamente tiveram.

São de admiravel perfeição estas estatuas, e delicadissimos os baldaquins que as abrigam.

Os rostos d'estas figuras são extremamente perfeitos, e as roupagens estão traçadas com inexcedivel naturalidade.

Parece incrivel que as mãos do artista podessem avultar com tanta felicidade num pedaço de pedra figuras tão bellas e ornatos tão primorosamente cinzelados como se encontram no magnifico pulpito da Egreja de Santa Cruz.

O conde Raczynski, admirado do primor d'arte com que foi executada esta rica peça, faz o mais completo elogio do seu merecimento na sua obra intitulada *Les Arts en Portugal*, dizendo que o pulpito é uma joia digna de se fechar em uma medalha, ou de se engastar em um annel: — *c'est un vrai bijou, que l'on serait tenté d'enchasser dans un médaillon ou dans une bague.*

J. Alves de Mariz.

(1) *Archivo Pittoresco*, vol. xi, pag. 189.

DESENFADO

O tedio, um tedio immenso,
Meu coração povôa:
Mas felizmente eu penso,
E o pensamento vôa!

E leva-me nas azas
Lá onde tu habitas;
Onde a scismar te abrazas
Em chammas infinitas:

Chammas de amor... Que incendio
É mais intenso e forte?
Olha, vê tu, entende-o:
Resiste á propria morte!

Resiste, sim. Na campa
Aspectos ha, funestos;
Quem vai erguer-lhe a tampa
Só acha uns tristes restos,

Um tenue pó sómente,
Uns ossos carcomidos:
Pasma de horror a gente,
Perturbam-se os sentidos!

Funesta coisa, certo!
Assustadora vista!
Mas só quem vê de perto
Com ella se contrista:

Quem olha de mais alto
Não treme, não descóra;
Só leve sobresalto
No coração lhe móra,

Porque não morre tudo
Na escuridão da cóva;
Se tal recinto é mudo,
O sentimento é prova,

E diz que outra existencia
Ha mais formosa e bella:
O amor é sua essencia,
A alma aspira a ella!

Não temas, pois, não temas,
Ó minha doce amiga!
A morte quebra algemas,
E as almas não desliga.

Amemo-nos, portanto:
Que em nossa noite escura
Não ha maior encanto,
Não ha melhor ventura.

Bem sabes tu, bem sabe
Quem é capaz de affecto,
Que dentro em nós não cabe
Este anhelar inquieto,

Este infinito anceio
Que ferve e tumultua,
E só n'um outro seio
Se acalma e attenua!

Amemo-nos. Que importa
A ausencia dolorida,
Se a esp'rança não é morta,
Mas surge com mais vida?...

Se agora um tedio immenso
Meu coração povôa,
Eu felizmente penso,
E o pensamento vôa!

LUIZ CARLOS.

EPIGRAPHIA

EPITAPHIO DO BISPO DE COIMBRA D. JOSÉ MANUEL DE LEMOS

Foi ha pouco insculpido no mausoleu do ultimo bispo de Coimbra, o sr. D. José Manuel de Lemos, no cemiterio da Conchada, o epitaphio que em seguida publicamos.

D . O . M .

HIC . CONDITA . QUIESCUNT
QUAE . MORTALIA . RELIQUIT
EX.MUS . ET . R.MUS . D . D . JOSEPH . EMMANUEL . DE . LEMOS
CONIMBRICENSIS . EPISCOPUS . COMES
RRIGANTINUS . PRIMUM . AC . VISENSIS . EPISCOPUS
ACADEMIAE . CONIMBRICENSIS . PROFESSOR . ATQUE . PRORECTOR
EGENIS . SEDULUS . OPITULATOR . AMICUS . CERTUS . ET . EFFICAX
IN . EDOCENDO . SOLERTISSIMUS . ET . INDEFESSUS
NOBILE . PRAESULUM . EXEMPLAR .
DECESSIT . CONIMBRICAE . VII . CAL . APR . AN . DOM . M D CCC L XX
QUUM . VIXISSET . ANNOS . L XX IX . DIES . VERO . IX .

CLARISSIMO . VIRO
PROPINQUI . DESIDERIO . PLENI . BENEFICIORUMQUE . MEMORES

H . M . L . L . P .

Cuja traducção é a seguinte:

A DEUS DE INFINITA BONDADE E GRANDEZA.

Aqui repousam
Os restos mortaes do
Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo Conde
D. José Manuel de Lemos
Primeiramente Bispo de Bragança e de Vizeu
Professor e vice-reitor da Universidade:
Diligente valedor dos necessitados, amigo certo e efficaz
Mestre habilissimo e infatigavel
Prelado exemplar.
Falleceu em Coimbra em 26 *de Março de* 1870
Tendo de edade 79 *annos e* 9 *dias.*

Á memoria de tam preclaro varão
Seus parentes saudosos e agradecidos
Mui voluntariamente pozeram este monumento.

Sabemos que este monumento epigraphico, notavel pela elegancia e propriedade com que está escripto, foi composto pelo insigne latinista, professor de philosophia racional e moral e da lingua hebraica no lyceu de Coimbra, o sr. Joaquim Alves de Sousa.

UMA REMINISCENCIA DA LITTERATURA ROMANA

Um dos mais preciosos monumentos das letras da antiga Roma, que o tempo nos conservou, d'esta vez não avaro, é por certo a *Vida de Cneio Julio Agricola,* escripta pelo incomparavel historiador Cornelio Tacito.

Tacito casara com a filha de Agricola, e logrou a satisfação de immortalisar a memoria de seu sogro, legando á posteridade a encantada narração das virtudes e acções de um homem, que facilmente diriam ser *bom,* e sem hesitação proclamariam *grande* todos quantos o viam: *bonum virum facile crederes, magnum libenter.*

Tudo na *Vida de Cneio Julio Agricola* é merecedor de attenta leitura, de grave ponderação; mas o que mais vivamente me captiva, e agora pretendo recordar, é a penultima pagina do precioso escripto.

Tornara-se tyrannico o governo de Domiciano, e a tal ponto, que a comparação com o de Nero lhe era desfavoravel. Até dos suspiros chegou a tomar-se conta nos ultimos tempos do monstruoso reinado!

Agricola não presenceou já os horrores maiores que infamam o nome do filho de Vespasiano, do irmão de Tito; de sorte que Tacito o julgou feliz por ter morrido a tempo, *opportunitate mortis.*

Corrêra voz de que havia sido mandado envenenar Agricola; mas o illustre moribundo de tal modo se ostentou nos derradeiros instantes, que parecia acceitar de bom grado a decisão da sorte, e declarar innocente o principe.

Exprime Tacito eloquentemente o pezar que o magoava de não terem assistido, elle e sua mulher, ao passamento de seu sogro e pae: «Á dor acerba de tamanha perda accrescenta-se a amargura de não havermos podido fazer companhia ao enfermo, amparal-o no extremo transe, saciarmo-nos de fitar o seu vulto, saciarmo-nos de o abraçar...»

Mas, como são descoradas estas palavras, quando se confrontam com a concisão energica do original! Escutae:

Sed mihi filiæque, præter acerbitatem parentis erepti, auget mœstitiam, quod assidere valetudini, fovere deficientem, satiari vultu, complexo, non contigit.

Ainda outra pungente dôr. Privou-os a forçada ausencia de escutarem os ultimos preceitos, os ultimos conselhos, que tão fundos desejariam gravar no coração: *excepissemus certé mandata vocesque, quas penitus animo figeremus.*

Mas a eloquencia de Tacito assume o character do sublime

nesta passagem final: *Omnia sine dubio, optime parentum, assidente amantissima uxore, superfuere honori tuo: paucioribus tamen lacrymis compositus es, et novissima in luce desideravere aliquid oculi tui.*

«Por certo foi mais que bastante para te dar honra a presença de tua extremosa mulher; mas quererias que mais algumas lagrimas te pranteassem; e no instante em que pela derradeira vez se abriram teus olhos, alguem mais buscaste com elles em torno de ti...»

Quando um escriptor tão grave e severo, como foi Tacito, chega a arrancar do intimo do peito um grito de dôr, que através das edades commove o coração dos homens sensiveis; quando esse escriptor, pondo de lado a sua habitual austeridade, chora diante de um tumulo... a expressão da sua mágoa não podia deixar de ser pathetica, tanto quanto a sua alma era nobre e elevada.

Relí ha pouco a memoravel pagina que hoje aponto, e quiz repartir com os leitores o enlevo, suavemente melancolico, das impressões que eu proprio recolhi.

José Silvestre Ribeiro.

BIBLIOGRAPHIA

Annuario da Universidade de Coimbra — 1873-1874. — Coimbra: Imprensa da Universidade.

Costumava a Secretaria da Universidade publicar todos os annos a *Relação e Indice alphabetico dos Estudantes da Universidade,* livro *in folio* pouco manuseavel, contendo apenas os nomes dos professores, indice dos estudantes matriculados e pouco mais. Desde o anno de 1865-1866 o digno secretario da Universidade o sr. commendador M. J. Fernandes Thomaz fez d'esta publicação um livrinho curioso, em cujo melhoramento successivo tem posto cuidados e empenho dignos de todo o louvor.

Ha alguns annos que o *Annuario* tem sido acompanhado de uma estampa de edificios e objectos relativos á Universidade; o d'este anno traz uma linda gravura representando com a maior fidelidade o observatorio meteorologico e magnetico, executada com todo o primor pelo habil e distincto gravador o sr. J. Pedroso.

Começa o livro por uma descripção do mesmo observatorio, feita pelo seu digno director, o sr. dr. Jacintho Antonio de Sousa. Segue-se-lhe o discurso pronunciado no dia 16 de outubro pelo reitor da Universidade, o sr. visconde de Villa Maior, e a oração chamada de *Sapientia* recitada no mesmo dia pelo sr. visconde de Monte São. Encontra-se em seguida o Calendario —

pessoal da capella — pessoal da reitoria e conselho de decanos — pessoal da secretaria, thesouraria e geraes — documentos com que devem ser instruidos os requerimentos para a matricula — livros que servem de texto nas aulas — quadro das faculdades — custo das matriculas — sello e propina academica dos diplomas — movimento do pessoal universitario no anno lectivo findo — relação dos estudantes premiados e distinctos — pessoal das diversas faculdades com a indicação das materias professadas em cada uma das cadeiras, nomes dos respectivos professores, horas da aula, e relação dos alumnos de cada uma — estabelecimentos annexos ás faculdades de Medicina, Mathematica e Philosophia e respectivo pessoal — varios e mui curiosos dados estatisticos — pessoal da bibliotheca — pessoal da imprensa da Universidade — relação das obras nella impressas no anno de 1872-1873, etc., etc.

Sob o titulo *Variedades* traz o *Annuario* um documento curiosissimo: é o contracto da venda dos paços da Universidade por Filippe II de Hespanha. Na mesma secção encontra-se a continuação das *Memorias da Universidade ordenadas por Francisco Carneiro de Figueiroa,* começadas a publicar no *Annuario* de 1871-1872. A publicação d'este manuscripto, em que se encontram noticias de grande interesse para a historia economica, litteraria e scientifica da Universidade, deve considerar-se um grande serviço: melhor fôra porém que elle se imprimisse d'uma vez em um livro especial, pois que em fragmentos, e com tão longos intervallos, não se torna tão proficua a sua publicação.

Pelo que deixamos dicto facilmente se verá que o *Annuario da Universidade,* não só na curiosidade com que sahe elaborado, mas ainda no luxo da edição, graças aos esforços do sr. Fernandes Thomaz, póde actualmente competir com as publicações d'este genero das mais notaveis universidades estrangeiras, e que até a algumas se avantaja.

MEDALHA COMMEMORATIVA DO CENTENARIO DA REFORMA DA UNIVERSIDADE

(ADDITAMENTO)

A pag. 24, linhas 13 e 14, deve lêr-se — commetteu-se o desenho ao insigne professor do lyceu d'esta cidade, o sr. Luiz Augusto Pereira Bastos, cujo modelo foi em grande parte modificado pelo gravador, o sr. Molarinho, artista portuense de muita nomeada.

FIM DO TERCEIRO VOLUME.